Rudolf ***Steiner***

A ARTE DA EDUCAÇÃO
I

O estudo geral do homem,uma base para a Pedagogia

(Curso de Antropologia Geral para professores Waldorf)

Catorze conferências, proferidas em Stuttgart de 21 de agosto a *5* de Setembro de 1919, por ocasião da fundação da Escola Waldorf Livre

Tradução de
RUDOLF LANZ
JACIRA CARDOSO

NOTA INTRODUTÓRIA[a]

Após o término da Guerra Mundial[b] o Dr. Rudolf Steiner, atendendo ao pedido de alguns membros da Sociedade Antroposófica, proferiu também em Stuttgart suas abrangentes conferências sobre a trimembração do organismo social, as quais formam o conteúdo de seu livro *Die Kernpunkte der sozialen Frage* [Os pontos centrais da questão social].[c]

As sugestões dadas então pelo Dr. Rudolf Steiner fizeram amadurecer no conselheiro comercial Emil Molt a decisão de fundar uma escola que pudesse representar uma espécie de célula germinativa de uma vida espiritual livre. A seu pedido o Dr. Rudolf Steiner assumiu a direção espiritual dessa escola, tendo-se empenhado incansavelmente em seu florescimento.

À inauguração da Escola Waldorf Livre precedeu um curso pedagógico que o Dr. Rudolf Steiner ministrou durante três semanas, em agosto e setembro de 1919, aos primeiros professores do estabelecimento e a uma série de personalidades que desejavam atuar no sentido de sua pedagogia.

Esse curso abrangia três etapas. Inicialmente foram proferidas catorze conferências sobre antropologia antroposófica como fundamento de uma pedagogia adequada à nossa época e ao futuro próximo. São o conteúdo deste livro. Seguiram-se conferências que revelaram a eficiência da antropologia antroposófica no manuseio da metodologia e da didática no ensino e na educação. Juntamente com as presentes conferências, a cujo conteúdo se referem constantemente, formam uma unidade.

Às etapas das conferências seguiram-se discussões sob forma seminarística, nas quais Rudolf Steiner debateu com os professores a elaboração prática de certas disciplinas e os caminhos para uma solução de problemas educacionais. Essas discussões foram também publicadas.

Os ouvintes vivenciaram nesse curso um acontecimento espiritual que — realizando-se com toda a tranqüilidade num pequeno círculo —- tencionava servir à Humanidade em sua evolução superior. Os professores da Escola Waldorf Livre desejam, com o sentimento de sua profunda gratidão, acompanhar esta obra de Rudolf Steiner em seu caminho pelo mundo, a fim de fecundar a educação e o ensino em todo lugar onde for acolhida com plena compreensão.

O Colégio de Professores da Escola Waldorf Livre

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO (1932)

a Da primeira edição do original (1932), sob o *título* 'Uma palavra de gratidão". (N.E.)
b A primeira (1914—1918). (N.T.)
c GA 23 (6. ed. Dornach: Rudolf Steiner Verlag, 1976). (N.T.)

Marie Steiner

"Estudo geral do homem" — foi este o título escolhido por Rudolf Steiner para o primeiro ciclo de conferências pedagógicas que proferiu aos professores da nova Escola Waldorf Livre a ser fundada. Pois sua arte educacional é construída sobre o conhecimento plurilateral do ser humano — não apenas do homem terreno, mas também do recôndito homem anímico e espiritual. E para o mundo das manifestações físicas, moldadas segundo arquétipos, ele quer obter uma atenta formação da consciência mediante esse método educacional que conta com o eterno cerne essencial vivente no homem e com a transformação dos fenômenos no devir natural e histórico.

"Esta nova escola", diz ele em seu pronunciamento na festa de inauguração, "deve realmente ser inserida naquilo que é exigido pela evolução da Humanidade justamente em nossos dias e para o futuro próximo. E em verdade, tudo aquilo que afinal flui para a educação e o ensino a partir de tais premissas revela-se como um tríplice dever sagrado."

E prossegue: "Que seria, enfim, de todo ato de sentir a si próprio, conhecer e atuar na comunidade humana, caso não pudesse confluir no sagrado compromisso que justamente o professor, o educador se impõe ao levar a efeito em sua específica comunidade social, para com o ser humano em formação e crescimento, um serviço que se pode chamar de comunitário no mais sublime sentido!

"Tudo aquilo que finalmente podemos saber do homem e do mundo só será devidamente frutífero quando pudermos transmiti-lo vivamente àqueles que formarão o mundo social quando não mais pudermos estar presentes com nosso trabalho físico.

"Tudo o que somos capazes de realizar artisticamente só se tornará algo sublime quando pudermos fazê-lo afluir para a Arte maior, na qual não nos é entregue um material artístico morto como argila e cor — nela nos é entregue sob forma inacabada o ser humano vivente, que devemos transformar até certo grau, de maneira artística e educativa, num ser humano completo. E acaso não será, afinal, um compromisso sublime, sagrado, religioso, cultivar na educação o aspecto divino-espiritual que se manifesta e revela de forma renovada em cada ser humano que nasce? Não será esse serviço educativo um culto religioso no mais elevado sentido da palavra? Não devemos todos nós fazer confluir nossas emoções humanas, devotadas justamente ao sentimento religioso, para o ofício cultual que realizamos ao procurar desenvolver na criança em formação o elemento divino-espiritual do homem, que se manifesta como algo predisposto nele?

> Ciência permeada de vida!
> Arte permeada de vida!
> Religião permeada de vida!

— eis enfim a educação, eis enfim o ensino. — Quando se compreende o ensinar e o educar neste sentido, não se tem a inclinação de exercer levianamente críticas ao que, de outro lado, é estabelecido como princípios, intuitos e fundamentos para a arte da educação. Só que a mim não parece que alguém possa discernir de forma correta justamente aquilo que a cultura atual da educação e do ensino impõe se não puder perceber o quanto é necessária, em nossa época, uma completa renovação espiritual — se não for capaz de reconhecer profundamente como ao futuro deve afluir, no que fazemos como professores e educadores, algo totalmente diverso daquilo que pode prosperar na esfera hoje denominada "educação científica". Contudo, hoje o professor que deve formar o homem do futuro é introduzido na opinião, na mentalidade da ciência atual! Jamais me ocorreu censurar depreciativamente essa ciência atual. Estou inteiramente compenetrado do apreço por tudo que essa ciência do presente alcançou de triunfos para a evolução da Humanidade, com sua opinião e seu método científico baseados justamente no conhecimento da Natureza, e pelo que ainda alcançará no futuro. Mas justamente por isso — assim me parece —, o que emana da opinião científica e cultural atual não pode ser

frutiferamente transmitido à arte da educação e do ensino, porque a grandeza dessa opinião reside em algo diferente do lidar com o ser humano e do *insight* no coração, na índole do homem. Podem-se fazer enormes progressos técnicos com o que jorra da atual mentalidade. Com ela pode-se também desenvolver uma livre opinião da Humanidade no aspecto social; mas não se pode — por mais grotesco que isto possa soar ainda hoje à maioria das pessoas —, com uma opinião científica que, por um lado, chegou paulatinamente à convicção de que o coração humano é uma bomba e de que o corpo físico humano é uma engrenagem mecânica, com os sentimentos e sensações que emanam dessa ciência, vivificar a si próprio a fim de poder ser um artístico educador da pessoa em desenvolvimento. Justamente pelo fato de nossa época engrandecer tanto o domínio da técnica morta é que é impossível desenvolver a viva arte de educar. Então é preciso que um novo espírito interfira na evolução da Humanidade — justamente o espírito que procuramos por nossa Ciência Espiritual. O Espírito que conduz a ver no homem vivente o portador de instrumentos de pulsão e sucção — um mecanismo — só pode ser compreendido segundo os métodos científico-naturais. Cumpre introduzir na mentalidade espiritual da Humanidade a convicção de que o espírito vive em toda existência natural, e que se pode reconhecê-lo.

"E assim procuramos, no curso que precedeu nossa iniciativa escolar Waldorf, e destinado aos professores, fundamentar uma antropologia, uma ciência educacional capaz de tornar-se uma arte da educação, uma arte da condição humana, que a partir do morto desperte novamente o vivo no homem. O morto — e este é o mistério de nossa atual cultura moribunda —, o morto torna o homem sapiente, torna o homem compreensivo quando este o acolhe como lei natural; mas enfraquece sua índole, da qual deve emanar o entusiasmo, justamente na educação. Enfraquece a vontade. Não coloca o homem harmoniosamente dentro da existência total, abrangente. Procuramos por uma ciência que não seja simplesmente ciência, que seja ela própria vida e sensibilidade, e que no momento em que afluir para a alma humana como saber desenvolva ao mesmo tempo a força de viver nela como amor, a fim de jorrar como querer efetivo, como trabalho imerso no calor anímico —, como trabalho que se transponha principalmente ao vivo, ao ser humano em formação. Precisamos de uma nova mentalidade científica. Precisamos de um novo espírito em primeiro lugar para todo e qualquer ensino, para toda e qualquer educação...

"A convicção de que o chamado que ressoa da evolução da Humanidade exige um novo espírito para a época atual, e de que devemos levar esse espírito antes de tudo para o âmbito da educação, é que fundamenta es esforços da escola Waldorf, a qual deveria ser um exemplo-padrão. E procurou-se ouvir o que inconscientemente reside nas exigências justamente das melhores pessoas que no mais recente passado se empenharam num saneamento, numa regeneração da arte da educação e do ensino...

"Eis que o mestre em pedagogia se questiona: será que podemos também compreender que tipo de forças atuam na natureza humana, que quase a cada mês — mas, em todo caso, a cada ano — nos dirige um semblante corpóreo-anímico-espiritual diferente? Enquanto não tivermos uma ciência histórica real — assim dizem esses pedagogos —, tampouco poderemos saber como se desenvolve o homem individual. Pois o indivíduo representa por si, de maneira concentrada, aquilo que toda a Humanidade representa no decurso de seu devir histórico.

"Tais pessoas sentem que, no fundo, a ciência atual falha quando lhe compete dizer algo sobre aquelas grandiosas leis vigentes através da História, e quando se deveria compreender, no atual momento, alquilo que emana para nós dessas grandes e abrangentes leis históricas da evolução da Humanidade. Querer compreender o homem individual a partir da qualidade dos alimentos que ele assimila desde o primeiro sopro respiratório até à morte seria uma pretensão extremamente tola; mas no tocante à História, à compreensão da completa evolução da Humanidade, no fundo é assim que as pessoas se comportam.

"No caso do homem é preciso saber como, por exemplo, um processo fisiológico como a troca dos dentes interfere na evolução. É preciso saber tudo que de misterioso ocorre fisicamente a partir de uma fisiologia totalmente nova, que a atual ciência ainda não possui. Mas também é preciso saber o que acompanha animicamente essa reviravolta. Cumpre conhecer as metamorfoses da natureza humana. No caso do homem individual, ao menos não se negará, mesmo diante da impossibilidade de reconhecê-lo, que a partir de seu mais íntimo ser o homem experimenta metamorfoses e transformações. No devir histórico de toda a Humanidade não se admite algo assim. Os mesmos métodos são empregados para a Antigüidade, para a Idade Média, para a época moderna. Com isto não se permite que ocorram grandes saltos na evolução histórica da Humanidade. Ao olharmos retrospectivamente para o devir histórico, encontramos um último salto no século XV. Tudo que na época mais atual se transformou no sentir, pensar e querer da Humanidade, tal como os conhecemos hoje, só recebeu seu íntimo caráter na humanidade civilizada a partir do século XV. E essa humanidade civilizada se distingue daquela do século X ou VIII da mesma forma como a criança de doze anos diverge daquela que ainda não atingiu os sete anos. E o que ocorreu no século XV como reviravolta produziu-se a partir do mais íntimo cerne da Humanidade, tal como da mais íntima natureza humana se produz a regular evolução da troca de dentes. E todo o clima em que vivemos hoje, no século XX — esse anseio por individualidade, o anseio pela estruturação social, o anseio pelo aperfeiçoamento da personalidade — é apenas uma conseqüência daquilo que as forças inerentes à História transmitiram desde o momento apontado acima.

"Só poderemos compreender como o homem quer situar-se no presente se compreendermos a trilha que a evolução da Humanidade empreendeu da maneira descrita...

"Quem observa em profundidade a geração que se forma tem um nítido sentimento de que os homens, juntamente com o que elaboram, com o que pensam e sentem, e também com o que anseiam para o futuro como adultos, despontaram do seio da História. E o que hoje constitui as profissões, a organização estatal, nos quais os homens podem situar-se, nasceu desses mesmos homens! Não está anexo a esses homens como uma exterioridade! Não se pode absolutamente perguntar: será que se deve educar o homem mais para a natureza humana ou mais para a profissão exterior? — pois, vistas corretamente, ambas são afinal a única e mesma coisa!

"Se hoje pudermos desenvolver uma viva compreensão para o que exteriormente são as profissões, as pessoas, então estaremos desenvolvendo também a compreensão para o que as gerações precedentes, as quais ainda vivem e têm ocupações, trouxeram do seio materno da Humanidade para dentro do presente.

"Com a separação entre educação para o ser humano e educação para a profissão não chegamos a sentir-nos professores e educadores como é necessário. Para tal é preciso viver em nós algo que exteriormente não é visível em uma profissão, em uma organização política, em nenhum lugar no âmbito externo. Para tal é preciso viver em nós aquilo que somente as gerações subseqüentes levarão ao plano exterior da vida. Para tal cumpre viver em nós um profético e efetivo estado de união com a evolução vindoura da Humanidade. Dessa união é que depende o sentir, o pensar e o querer artístico-educativos de um universo docente. Que possa fluir para o universo docente o que é possível saber sobre o homem em formação, tal qual um sangue vital anímico-espiritual que, sem constituir apenas saber, torne-se arte — eis a que deve aspirar uma viva pedagogia e didática da atualidade. E dessa didática viva só pode emanar aquilo que deve penetrar no coração, na índole e no intelecto infantis...

"Não nos compete, em absoluto, transmitir à pessoa em formação nossos 'dogmas', nossos princípios, o conteúdo de nossa cosmovisão. Não aspiramos a criar uma educação dogmática. Aspiramos a que os dados obtidos por nós mediante a Ciência Espiritual se tornem *ação educacional viva*. Aspiramos a possuir em nossa metodologia, em nossa didática, as possíveis emanações da Ciência Espiritual viva aplicadas como tratamento

anímico do homem. Da ciência morta só pode emanar o saber; da Ciência Espiritual viva emanará metodologia, didática, um manejo no sentido anímico-espiritual. Poder ensinar, poder educar, eis nossa aspiração!...

"Entretanto, observaremos honestamente o que louvamos: que as diversas confissões religiosas possam ministrar seu próprio ensino religioso, podendo trazer para dentro de nossa escola seus princípios ideológicos. Apenas esperamos que da mesma forma como perturbaremos ao mínimo as cosmovisões que serão trazidas para nossa escola, tampouco seja perturbado aquilo que queremos introduzir da forma mais modesta — apenas provisoriamente — como uma arte. Pois sabemos que de início a Humanidade deverá entender que de uma cosmovisão espiritual pode surgir uma arte da educação no sentido pedagógico, metódico, didático, antes de vir a ter uma correta compreensão das questões ideológicas e suas inter-relações. Portanto, não fundaremos uma escola ideológica. Uma escola artístico-educativa é o que estaremos esforçando-nos por fundar com a Escola Waldorf."

As conferências sobre o estudo geral do homem seguiram-se aquelas sobre metodologia e didática da educação e, finalizando, um seminário decorrido em livre discussão. Com estes três ciclos seria transmitido o fundamento da arte educativa de Rudolf Steiner, como um remédio redentor, à nossa Humanidade em vias de submergir em carência anímica e material.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA
21 de agosto de 1919

Somente poderemos fazer jus à nossa tarefa se não a considerarmos simplesmente intelectual e emotiva, mas ética e espiritual, no sentido mais elevado; portanto, os Senhores acharão compreensível que, ao começarmos hoje este trabalho, procuremos em primeiro lugar refletir sobre a relação que desejamos, logo de início, estabelecer com os mundos espirituais através desta nossa atividade. Devemos ter consciência, quanto a essa tarefa, de não estarmos atuando simplesmente como pessoas que vivem aqui, no plano físico; tal maneira de se proporem tarefas tem tido, nos últimos séculos, uma propagação sempre crescente, tendo ocupado as pessoas de maneira quase exclusiva. O que resultou do ensino e da educação, sob essa concepção das tarefas, é justamente o que deve ser melhorado pela missão que nos estamos propondo. Reflitamos, pois, ao iniciar esta atividade preparatória, sobre a forma pela qual podemos estabelecer, em seus detalhes, a relação com aqueles poderes espirituais a cujo encargo e sob cujo mandato cada um de nós deverá de certo modo trabalhar. Peço-lhes, portanto, que compreendam estas palavras introdutórias como uma espécie de oração àqueles poderes que, imaginando, inspirando e intuindo[a], deverão estar em nossa retaguarda enquanto nos desincumbimos dessa tarefa.

Meus queridos amigos, cumpre sentirmos a importância de nosso trabalho. Nós o conseguiremos se tivermos consciência da missão especial que caracteriza esta escola. Empenhemo-nos, pois, em realmente concretizar nossos pensamentos, dando-lhes uma forma que nos permita ter a consciência de que com esta escola algo de especial será realizado. Para tal, a fundação desta escola não deve ser considerada algo corriqueiro, mas um ato solene da ordem universal. Neste sentido quero inicialmente expressar os mais cordiais agradecimentos aos bons espíritos que inspiraram ao nosso querido Sr. Molt a boa idéia, propícia ao prosseguimento da evolução humana, de neste sentido e neste lugar realizar o que se concretizou como a Escola Waldorf [b]; quero fazê-lo em nome do bom

a Sobre a imaginação, a inspiração e a intuiçao no sentido antroposólico, v. Rudolt Steiner. *O conhecimento iniciático* (3. ed. São Paulo: Antroposófica, 2000), 1ª e 2ª confers. (N.T.)

b Sobre a fundação da primeira escola Waldorf, v. Johannes Hemleben, *Rudolf Steiner* (2. ed. São Paulo:

espírito que deve guiar a Humanidade, de uma situação de calamidade e sofrimento, para um estado superior de desenvolvimento em ensino e educação. Sei que o Sr. Molt está cônscio do fato de hoje só dispormos de débeis forças para realizar essa tarefa. É assim que ele julga a situação; mas justamente pelo fato de sentirmos, com ele, a grandeza da tarefa e o momento no qual esta se inicia como algo solene da ordem cósmica, é que ele poderá atuar com acertada energia em nosso meio. Deste ponto de vista, meus caros amigos, consideremo-nos a nós próprios como entidades humanas que o carma colocou num lugar a partir do qual se deve realizar não algo comum, mas algo capaz de suscitar em todos os participantes a sensação de encerrar em si um solene momento cósmico.

Queremos iniciar com explanações sobre nossa tarefa pedagógica, a cujo respeito eu gostaria de proferir-lhes hoje uma espécie de introdução. Teremos de fazer uma distinção entre nossa tarefa pedagógica e aquelas que a Humanidade se propôs até agora. Deveremos fazê-lo não pela vaidade e presunção de sermos o ponto de partida para uma nova ordem pedagógica mundial, mas porque a Ciência Espiritual Antroposófica nos certifica de que a seqüência das fases evolutivas da Humanidade coloca o homem diante de tarefas sempre novas. Diferente era a tarefa da Humanidade na primeira época pós-atlântica, outra na segunda, e assim até adentrar nossa quinta época.[a] Ora, aquilo que deve ser realizado em determinada época da evolução só se torna consciente para a Humanidade algum tempo depois de essa época ter começado.

A época atual da evolução começou em meados do século XV. É somente hoje que de certa forma emerge das profundezas espirituais o conhecimento daquilo que deve ser feito em nossa época justamente em matéria de ensino. Até agora os homens, mesmo quando animados da maior boa vontade, têm trabalhado pedagogicamente conforme os princípios da antiga educação, ainda relativa ao quarto período pós-atlântico. Muito dependerá do fato de sabermos, desde o início, enfrentar nossa tarefa compreendendo que devemos dar à nossa época uma orientação bem definida — uma orientação que não seja importante no sentido de ser absolutamente válida para toda a Humanidade em sua evolução, mas de sê-lo justamente para a nossa época. O materialismo tem provocado nas pessoas, entre outros efeitos, a falta de consciência das específicas tarefas de uma época específica, mas principalmente — peço-lhes guardar bem isto — o conhecimento de que épocas específicas têm suas tarefas específicas.

Os Senhores vão receber, para serem ensinadas e educadas, crianças que já atingiram uma determinada idade, e deverão estar cônscios de que as receberão depois de elas haverem passado, em seus primeiros anos de vida, pela educação e, muitas vezes, pela "deseducação" por parte dos pais. Só atingiremos nossa meta quando estivermos, como Humanidade, tão adiantados que os próprios pais compreendam, já no primeiro período da educação, que tarefas especiais se impõem à Humanidade de hoje. Contudo, muito do que foi prejudicado na prinmeira época da vida ainda poderemos melhorar quando recebermos as crianças na escola.

Devemos, porém, imbuir-nos vigorosamente da consciência que possibilitará a cada um de nós conceber nosso ensino e nossa educação.

Não esqueçam, ao dedicar-se ao seu trabalho, que toda a atual cultura, até as esferas mais espirituais, é baseada no egoísmo da Humanidade. Observem sem preconceitos o campo espiritual ao qual se dedica hoje o homem, o âmbito da religião, e perguntem-se se nossa civilização, justamente nesse âmbito, não é dominada em seu egoísmo. O que em nossa época caracteriza as prédicas é justamente o fato de os predicadores procurarem atingir o homem em seu egoísmo. Tomem logo aquilo que deveria atingir o homem mais profundamente, ou seja, a questão da imortalidade, e considerem que no campo dos sermões tudo tende a enfocar o supra-sensível pelo lado do egoísmo. Graças ao egoísmo o homem deseja atravessar o portal da morte mantendo o seu

Antroposófica, 1989), cap. "Pedagogia Waldorf'. (N.T.)

a A respeito das fases evolutivas da humanidade, v. Rudolf Steiner, *A ciência oculta* (5. ed. São Paulo: Antroposófica, 2001), cap. "A evolução do Universo e o homem". (N.T.)

eu, e não desprovido de essência. Isso não deixa de ser um egoísmo, embora mais refinado. É a ele que, de maneira mais ampla, toda religião apela hoje ao abordar o problema da imortalidade. Por este motivo, a religião costuma dirigir-se aos homens esquecendo uma das extremidades da existência terrena e levando em conta apenas a outra — focalizando antes de tudo a morte e ignorando o nascimento.

Mesmo quando não claramente expressa, essa atitude está subjacente. Vivemos numa época em que esse apelo ao egoísmo humano deve ser combatido em todas as esferas, para evitar que os homens se afundem sempre mais no caminho descendente seguido por nossa civilização. Teremos de focalizar sempre mais a outra extremidade da evolução humana dentro da existência terrena, ou seja, o nascimento. Teremos de acolher em nossa consciência o fato de que o homem se desenvolve durante muito tempo entre a morte e o novo nascimento, atingindo nessa evolução um ponto em que deve, por assim dizer, morrer para o mundo espiritual, uma vez que não pode continuar a viver aí sem passar para outra forma de existência. Essa outra forma o homem a recebe deixando-se revestir pelos corpos físico e etérico. Ele não poderia alcançar o nível que adquire mediante o revestimento dos corpos físico e etérico se continuasse, em linha reta, sua evolução apenas no mundo espiritual. Sendo-nos possível olhar para a criança, do seu nascimento em diante, apenas com olhos físicos, devemos ter consciência de que isto também é uma continuação. Não vejamos, pois, apenas aquilo que o ser humano vive depois da morte, isto é, a continuação espiritual da vida terrestre; tornemo-nos cônscios de que a existência física aqui é uma continuação da espiritual, e de que pela educação temos de continuar aquilo que já foi realizado, sem nossa participação, por seres superiores. Nosso sistema pedagógico e educacional só será impregnado de uma mentalidade correta se nos tornarmos cônscios de que nossa atuação sobre o ser humano nada é senão a continuação daquilo que os seres superiores já fizeram antes do nascimento.

Em nossa época, na qual os homens, em seus pensamentos e sentimentos, perderam o contato com os mundos espirituais, acontece freqüentemente indagar-se de maneira abstrata algo que, para uma cosmovisão espiritualista, não tem qualquer sentido. Pergunta-se como se deve conduzir a chamada educação pré-natal. Há muitas pessoas que hoje encaram as coisas de maneira abstrata: quando se consideram as coisas de maneira correta, não se pode, em certos domínios, continuar a formular a pergunta de uma forma qualquer. Uma vez mencionei este exemplo: — Numa estrada de terra percebem-se sulcos; alguém pode perguntar: "De onde vêm?" "De um carro que passou por ai. "Por que o carro passou por aí?" "Porque os passageiros queriam chegar em determinada localidade." "Por que queriam chegar ali?" — Na realidade, tal série de perguntas deve chegar a um fim. Permanecendo-se na abstração, sempre se poderá continuar a pergunta: "Por quê?" A roda das perguntas pode sempre continuar girando. O pensar concreto encontra sempre um fim: o pensar abstrato faz o pensamento transcorrer sem um final, tal qual uma roda. O mesmo acontece com perguntas relativas a âmbitos não acessíveis. Os homens refletem sobre educação e indagam a respeito da educação pré-natal. Mas antes de nascer, o ser humano ainda está sob a guarda de entidades suprafísicas, a cujo cuidado devemos deixar a relação imediata entre o Universo e o ser individual. Por isso, uma educação pré-natal ainda não é uma tarefa relativa à própria criança. Só pode ser uma conseqüência inconsciente daquilo que os pais, em particular a mãe, realizam. Se até o parto a mãe se comporta expressando em si mesma aquilo que, no sentido moral e intelectual, está correto, o resultado de tal auto-educação se transmitirá à criança. Quanto menos se pensar em educar a criança já antes de esta vir à luz, e quanto mais se pensar em conduzir a própria vida corretamente, tanto melhor será para a criança. A educação só pode ter início quando a criança está realmente integrada ao plano físico, e isto se dá no momento em que ela começa a respirar o ar exterior.

Uma vez que a criança surgiu no plano físico, devemos ter consciência daquilo que realmente lhe sucedeu nessa transição de um plano espiritual para o físico. Aí convém

lembrarmos que o ser humano é realmente constituído de dois membros. Antes de seu aparecimento na Terra, já se forma um vínculo entre o espírito e a alma; entendemos aqui por espírito algo que hoje está bem oculto no mundo físico, e que na Ciência Espiritual denominamos personalidade espiritual, espírito vital e homem-espírito.[a] Esses membros da entidade humana têm, de certa forma, existência na esfera supra-sensível que devemos esforçar-nos por alcançar; entre a morte e um novo nascimento, já estamos, de certa maneira, ligados ao homem-espírito, ao espírito vital e à personalidade espiritual. A força que emana dessa tríade permeia a parte anímica do homem, ou seja, as almas da consciência, do intelecto (ou do sentimento) e da sensação.

Se os Amigos pudessem observar o ser humano que, terminada a existência entre a morte e o novo nascimento, dispõe-se a descer ao mundo físico, encontrariam essa parte espiritual ligada à anímica. Como uma alma espiritual ou um espírito anímico é que o homem passa de uma esfera superior para a existência terrena, com a qual se reveste. Podemos também caracterizar o outro membro que se une àquele recém-descrito dizendo que na Terra vai ao encontro da alma espiritual aquilo que resulta da hereditariedade física. Então, mediante a união do espírito anímico (ou alma espiritual) e do corpo orgânico (ou organismo corpóreo)[b], novamente se ligam duas trindades. Na alma espiritual estão ligados o homem-espírito, o espírito vital e a personalidade espiritual com o elemento anímico, que consiste em alma da consciência, alma do intelecto ou do sentimento e alma da sensação. Todos estes estão ligados entre si e devem unir-se, ao descer para o plano físico, com o corpo das sensações ou astral, o corpo etérico e o corpo físico. Mas estes, por sua vez, estão ligados primeiro no ventre materno e, mais tarde, no mundo físico ambiente, com os três remos deste último: o mineral, o vegetal e o animal, de modo que aqui se acham unidas tambem duas tríades.

Observem, sem preconceitos, a criança que se vem desenvolvendo no mundo, e os Senhores constatarão que ainda não estão unidas a parte anímico-espiritual e a orgânico-corpórea. No sentido espiritual, a tarefa da educação consiste na harmonização do espírito anímico com o corpo orgânico (ou organismo corpóreo). Estes devem harmonizar-se e ajustar-se reciprocamente, pois ainda não se adaptam quando a criança faz sua entrada no mundo físico. A tarefa do educador e também do professor consiste no entrosamento desses dois membros.

Ora, encaremos essa tarefa de maneira um pouco mais concreta. Dentre todas as relações do homem para com o mundo ambiente, a mais importante é a respiração. Esta começa justamente ao penetrarmos no mundo físico. A respiração intra-uterina ainda tem um caráter preparatório, não ligando totalmente o ser humano ao mundo ambiente. Aquilo que realmente merece o nome de respiração só começa depois que o homem deixou o ventre materno. Essa respiração é de suma importância para a entidade humana, pois já abrange todo o sistema trímembrado do homem físico.

Entre os membros do sistema ternário do homem físico conta-se em primeiro lugar o metabolismo. Mas este se acha, numa extremidade, intimamente ligado à respiração, enquanto esta, sob o prisma metabólico, tem um nexo com a circulação do sangue. A circulação sangüínea acolhe no corpo humano as substâncias do mundo exterior introduzidas por outras vias, havendo, pois, de um lado, uma conexão entre a respiração e todo o sistema metabólico. Além de suas próprias funções, a respiração possui, pois, uma relação com o sistema do metabolismo.

De outro lado, essa respiração também se liga ao sistema neurosensorial. Enquanto inspiramos, comprimimos continuamente o líquido encefálico para dentro do cérebro; na expiração, fazemos com que volte para o corpo. Desta maneira implantamos o ritmo respiratório no cérebro. Tal como está relacionada de um lado com o metabolismo, a respiração possui, de outro lado, uma ligação com a vida neurosensorial. Podemos afirmar

a Vide Rudolf Steiner, *Teosofia* (6ª ed. Sao Paulo, Antroposófica, 2002), cap. "A natureza do do homem". (N.T.)
b "Corpo orgânico" e "organismo corpóreo" são traduções aproximadas para *Leibeskörper* e *Kõrperleib*, termos cunhados por R. Steiner e intraduzíveis na língua portuguesa, que oferece apenas um termo (corpo) equivalente tanto a *Körper* quanto a *Leib*. (N.T.)

que a respiração é o mais importante intermediário entre o homem que entra no mundo físico e esse mundo exterior. Mas devemos também ter consciência de que essa respiração ainda não se processa inteiramente do modo como deve decorrer para que a vida física do homem seja mantida, especialmente de um lado: ao entrar na existência física, o ser humano ainda não tem estabelecida a correta relação entre os processos respiratório e neuro-sensorial.

Observando a criança, devemos admitir que ela ainda não aprendeu a respirar de maneira a sustentar corretamente, pela respiração, o processo neuro-sensorial. Aí se situa a mais sutil característica de como devemos agir com a criança. Em primeiro lugar, devemos compreender o ser humano de um ponto de vista antropológico-antroposófico. As mais importantes medidas no campo da educação consistirão, portanto, na observação de tudo que transmite corretamente a organização do processo respiratório ao processo neuro-sensorial. Em sentido superior, a criança deve aprender a acolher em seu espírito o quanto lhe pode ser dado pelo fato de ela ter nascido para respirar. Como os Amigos podem notar, essa parte da educação terá uma inclinação para o anímico-espiritual: pelo fato de harmonizarmos a respiração com o processo neuro-sensorial, fazemos penetrar o elemento anímico-espiritual na vida física da criança. Falando em termos simples, pode-mos dizer que a criança ainda não sabe respirar interiormente de um modo correto, devendo a educação consistir em ensinar-lhe o respirar correto.

Mas há outra coisa que a criança ainda não sabe fazer corretamente, e isto deve ser equacionado para que se estabeleça uma harmonia entre os dois membros: o organismo corpóreo e a alma espiritual. O que a criança não faz corretamente no começo de sua existência — aqui os Senhores constatarão que, via de regra, aquilo que devemos realçar espiritualmente parece contradizer a ordem do mundo exterior — é efetuar a transição entre o sono e o estado de vigília de maneira adequada ao ser humano. Olhando-se para as aparências, pode-se dizer, sem dúvida: a criança sabe perfeitamente dormir; ela dorme muito mais que o adulto, e até entra na vida dormindo. Contudo, ela ainda não sabe fazer aquilo que constitui intrinsecamente o fundamento dos estados de sono e vigília. A criança tem toda espécie de experiências no plano físico; usa seus membros, come, bebe e respira. Mas enquanto faz tudo isso, em estados alternados de sono e vigília, não é capaz de levar para o mundo espiritual tudo que experimenta no mundo físico — o que vê com os olhos, ouve com os ouvidos, realiza com suas mãozinhas, e a maneira como esperneia; tampouco poderia transformá-lo no mundo espiritual e trazer o produto dessa atividade de volta para o plano físico. O que caracteriza seu sono é ser diferente do sono do adulto. No sono do adulto ocorre uma transformação, mormente das experiências ocorridas entre o despertar e o adormecer. A criança ainda não é capaz de levar para o sono o que vivenclou nesse entremeio; sua integração na ordem cósmica durante o sono ainda não é tal que ela leve consigo aquilo que vivenciou exteriormente no mundo físico. A educação bem orientada deve ter por resultado que toda experiência do plano físico seja integrada ao que a alma espiritual, ou espírito anímico, faz entre o adormecer e o acordar. Como professores e educadores, nada podemos ensinar à criança acerca do mundo superior. Pois o que, do mundo superior, é assimilado pelo homem penetra nele entre o adormecer e o despertar. Podemos aproveitar o tempo que a pessoa passa no plano físico apenas de maneira que ela consiga levar gradualmente para o mundo espiritual o que com ela fa-zemos, e que, por esse meio, possa refluir para o mundo físico a força que ela pode trazer consigo do mundo espiritual a fim de ser autentica-mente humana na existência física.

Assim, toda atividade educacional e docente é dirigida inicialmente a um campo bem elevado, ou seja, o ensino da respiração e do ritmo corretos na alternância entre sono e vigília. As regras que orientarão nosso ensino e nossa pedagogia não terão, evidentemente, a finalidade de adestrar a respiração, ou o sono e a vigília. Tudo isso permanecerá em segundo plano. As regras que conheceremos serão medidas concretas, mas deveremos ter uma profunda consciência do que fizermos. Ao ministrar à criança esta ou aquela matéria curricular deveremos, pois, estar conscientes de atuarmos, de um lado,

sobre a integração da alma espiritual no corpo físico e, de outro, sobre a integração da corporalidade orgânica na alma espiritual.

Não subestimemos a importância do que acaba de ser dito, pois os Amigos não poderão ser bons professores e educadores se olharem para o que fazem, em vez de olharem para o que *são*. A Ciência Espiritual Antroposófica existe para que nos compenetremos da importância que possui o fato de o homem influir no mundo não só pelo que faz, mas antes de tudo pelo que é. Há uma grande diferença, para um grupo maior ou menor de alunos, se é este ou aquele professor que entra na classe para dar aulas. Essa grande diferença não resulta do fato de um professor possuir maior habilidade que outro nas técnicas pedagógicas exteriores; a diferença principal atuante no ensino decorre da atitude mental do professor em todo o tempo de sua existência, atitude que ele leva para a aula. Um professor que reflete sobre a evolução do ser humano atuará sobre os alunos bem diferentemente do colega que nada sabe a esse respeito e nunca lhe dedica seus pensamentos. Com efeito, o que acontecerá quando os Amigos refletirem sobre tais idéias, isto é, quando começarem a saber qual o significado cósmico do processo respiratório e sua transformação pela educação, ou do processo rítmico entre o sono e a vigília? No instante em que os Senhores tiverem tais pensamentos, algo em seu intimo estará combatendo tudo que for mero espírito pessoal. Nesse momento será apagado tudo que subjaz a esse espírito; será extinto um pouco daquilo que predominou no homem pelo fato de ele ser um homem físico.

À medida que os Senhores viverem nessa atitude de extinção do elemento pessoal, levando-a para dentro da classe, forças interiores os farão estabelecer uma relação com os alunos. Pode acontecer que os fatos exteriores inicialmente contradigam isto. Talvez os Amigos entrem em suas classes e tenham à sua frente moleques e molecas que lhes façam zombarias. Os Senhores deverão estar a tal ponto fortalecidos por pensamentos como os que aqui queremos cultivar que nem reparem nessas zombarias, aceitando-as como um fato exterior — eu diria: como uma chuva súbita durante um passeio para o qual saímos sem levar guarda-chuva. Decerto isso é uma surpresa desagradável. Mas habitualmente a pessoa faz uma distinção entre ser zombada e enfrentar uma chuva sem guarda-chuva. Mas não se deve fazer essa distinção. Devemos desenvolver pensamentos tão fortes que essa diferença não seja efetuada — que aceitemos as zombarias como uma pancada de chuva. Se nos compenetrarmos dessa idéia, acreditando nela da maneira correta, acontecerá, depois de oito a quinze dias, ou ainda mais tempo, mesmo se as crianças fizerem de nós objeto de suas pilhérias, de estabelecermos com elas uma relação que poderemos considerar desejável. Mesmo enfrentando obstáculos, devemos estabelecer essa relação por meio de uma auto-educação. Temos de ficar cônscios, antes de tudo, desta primeira tarefa pedagógica, que consiste em primeiro educarmos a nós próprios, fazendo reinar uma relação mental e espiritual íntima entre o professor e os alunos, e em entrarmos na classe conscientes de realmente existir tal relação espiritual, e não apenas as palavras, repreensões e habilidades pedagógicas. Estas são exterioridades que naturalmente devemos cultivar; mas não as cultivaremos corretamente se não estabelecermos, como fato básico, toda a relação entre os pensamentos que nos preenchem e os fatos que deveriam ocorrer nos corpos e nas almas das crianças durante o ensino. Toda a nossa atitude no ensino não seria completa se não tivéssemos consciência de que o homem nasceu para ter a oportunidade de fazer aquilo que não podia no mundo espiritual. Ensinando e educando, estabeleceremos a correta harmonia entre a respiração e o mundo espiritual. No mundo espiritual, como no mundo físico, o homem não era capaz de realizar a alternância rítmica entre a vigília e o sono. Devemos regular esse ritmo por meio da educação e do ensino, de tal modo que o "corpo orgânico" ou "organismo corpóreo" se entrose corretamente no espírito anímico ou alma espiritual. Essa idéia, naturalmente, não pode ficar diante de nós como uma abstração, nem como tal poderia ser aplicada diretamente no ensino; deveria, sim, sempre orientar-nos como pensamento a respeito da entidade humana.

SEGUNDA CONFERÊNCIA
22 de agosto de 1919

No futuro, todo ensino deverá estear-se numa autêntica psicologia elaborada a partir de uma cosmovisão antroposófica. Que o ensino e a educação em geral devem fundamentar-se na psicologia é um fato que tem sido reconhecido nos lugares mais diversos; e os Amigos bem sabem que, por exemplo, a pedagogia de Herbart, outrora bem difundida, alicerçava suas medidas pedagógicas na psicologia de Herbart. Ora, existe hoje, como existiu durante os últimos séculos, um certo fato que impediu o surgimento de uma psicologia aproveitável. Isso é resultado de não se haver conseguido em nossa época, a da alma da consciência, um aprofundamento espiritual de tal porte que se pudesse realmente chegar a uma compreensão da alma humana. Porém, aqueles conceitos que se haviam formado, em matéria de psicologia, na base da antiga sabedoria da quarta época pós-atlântica, hoje são realmente vazias de conteúdo, tornaram-se mero palavreado. Quem, hoje em dia, tomar nas mãos qualquer texto de psicologia ou que trate de conceitos psicológicos, logo constatará que atualmente tais escritos não possuem mais um verdadeiro conteúdo. Tem-se a sensação de que os psicólogos apenas brincam com conceitos. Quem, por exemplo, desenvolve atualmente um conceito justo e nítido do que seja representação mental, do que seja vontade? Os Senhores podem consultar, uma após outra, as definições de teorias psicológicas e pedagógicas a respeito da representação mental, da vontade: elas não lhe proporcionarão qualquer autêntica idéia da representação mental, qualquer autêntico conceito da vontade. As pessoas se esqueceram por completo — naturalmente por uma necessidade histórica externa — de relacionar também psiquicamente o indivíduo com todo o Universo. Ninguém foi capaz de entender a conexão da alma humana com o Universo. Somente quando se é capaz de ter em mente a relação do homem individual com todo o Universo é que surge uma idéia da entidade humana como tal.

Vejamos um pouco mais de perto aquilo a que se habituou chamar representação mental. É nosso dever desenvolver nas crianças as faculdades de pensar, sentir e querer. Portanto, devemos primeiro ter para nós mesmos um conceito claro do que é uma representação mental. Quem olha de forma realmente imparcial para o que no homem existe como representação mental atenta logo para seu caráter pictórico: a representação tem um cunho de imagem. E quem busca na representação mental algum caráter existencial, uma verdadeira existência, entrega-se a uma grande ilusão. Mas o que seria para nós também representação, caso possuísse existência? Sem dúvida temos em nós elementos existenciais. Basta pensar nos elementos existenciais de nosso corpo; basta tomar ao pé da letra o que lhes digo agora: por exemplo, seus olhos, que são elementos existenciais; seu nariz ou seu estômago, também elementos existenciais. Os Senhores admitirão que vivem nesses elementos do ser, mas não podem ter representações por seu intermédio. Os Senhores se derramam com seu próprio ser nesses elementos, identificam-se com eles. E justamente isto que proporciona a possibilidade de captarmos algo por meio das representações: o fato de estas possuírem caráter de imagens, não se fundindo conosco a ponto de estarmos dentro delas. Portanto, elas não têm existência real; são meras imagens. Foi precisamente nos últimos séculos, ao findar o último período evolutivo da Humanidade, que se cometeu o grave erro de identificar o ser com o pensar como tal. *Cogito, ergo sum* foi o maior erro que se pôde colocar na vanguarda da cosmovisão mais recente, pois no grande circuito do *cogito* não está o *sum,* mas o *non sum*. Em outras palavras, o que existe dentro dos limites de meu conhecimento não sou eu; é apenas imagem.

Ora, ao considerar o caráter pictórico da representação mental, os Senhores devem, em primeiro lugar, encará-lo qualitativamente. Devem olhar para a mobilidade da

representação e ter um conceito embora não completamente adequado — da atividade envolvida, o que evocaria a idéia de existência. Devemos, porém, imaginar que também numa atividade mental exercemos apenas uma atividade pictórica. Portanto, tudo que também constituí apenas movimento na representação mental é movimento de imagens. Mas imagens devem ser representações de algo, não podendo ser imagens em si. Refletindo sobre a comparação com as imagens do espelho, pode-se dizer que do espelho surgem imagens refletidas, mas tudo que se encontra nas imagens não se acha atrás do espelho, mas em qualquer outro lugar independente do espelho; a este é indiferente o que se reflete nele; qualquer coisa pode ser refletida.

Sabendo-se, precisamente neste sentido, que a atividade representativa tem caráter de imagens, trata-se de indagar: de quê essa atividade é imagem? A esse respeito, naturalmente, nenhuma ciência exterior dá informação: só pode dá-la uma ciência de orientação antroposófica. Representar mentalmente é a imagem de todas as vivências que tivemos antes do nascimento, ou até antes da concepção. Os Senhores não chegarão a um conceito real da atividade representativa a não ser que estejam conscientes de terem passado por uma existência pré-natal e pré-concepcional. E assim como as imagens habituais do espelho surgem como reflexos espaciais, a existência entre a morte e o novo nascimento reflete-se na vida atual, e esta reflexão é o representar mentalmente. Os Senhores devem, pois, imaginar — de maneira figurada —sua vida se estendendo entre as duas linhas horizontais, delimitadas, à direita e à esquerda, pela morte e pelo nascimento.

0100090000038d00000002001c0000000000040000000301080005000000b020000000050000000c027
404f806040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222537973746 56d000
00000000000b4f606000000000100000000000000192437fe040000002d010000040000002d01000004000
000020101001c000000fb02a4ff000000000000900100000000440002243616c69627269000000000000
0000000000000000000000000000000000000040000002d010100040000002d010100040000002d010100
0500000009020000000 20d000000320a57000000010004000000000f5067204200036000500000009020 0
00000204000000 2d010000040000002d010000030000000000

Devem ainda imaginar que é da região pré-natal que o representar reflete continuamente, sendo refletido de volta pela própria entidade humana. Desta maneira, é por meio da reflexão, pela corporalidade, da atividade exercida no mundo espiritual antes do nascimento ou antes da concepção, que se vivencia o ter representações. Para quem real-mente sabe discernir, o próprio representar constitui uma prova da existenda pre-natal, por ser a imagem dessa existência.

Eu quis expor isto de início (voltaremos a esse assunto com as explicações de fato) para chamar sua atenção à evidência de que dessa maneira saímos das meras explicações verbais encontráveis nos compêndios de psicologia e pedagogia; e de que chegamos a uma real compreensão do que é a atividade representativa aprendendo que, ao representar, refletimos a atividade exercida pela alma no mundo puramente espiritual antes do nascimento ou da concepção. Nenhuma outra maneira de se definir a representação serve para nada, pois não proporciona uma real idéia do que é essa representação em nós.

Passemos agora a indagar da mesma forma a respeito da vontade. Para a consciência comum, a vontade é, de fato, algo extraordinariamente enigmático; é um problema para os psicólogos, simplesmente pelo fato de se lhes apresentar como algo muito real, mas no fundo carecendo de verdadeiro conteúdo. Com efeito, se os Senhores consultarem os psicólogos para saber que conteúdo atribuem à vontade, sempre obterão a resposta de que tal conteúdo provém de uma representação. A rigor, por si só a vontade não possui um autêntico conteúdo. Sendo assim, não existem definições para a vontade; essas definições são bem difíceis neste caso, porque a vontade carece de conteúdo. Mas o que é ela, afinal? Nada senão já o germe daquilo que, após a morte, será em nós uma realidade anímico-espiritual. Portanto, se os Senhores imaginarem o que, de nós, após a morte se tornará realidade anímico-espiritual, e se o imaginarem como germe em nós, terão chegado ao conceito da vontade. Em nosso desenho, o curso da vida acaba com a morte, e a vontade a transcende.

Temos, pois, de imaginar o seguinte: de um lado a representação mental, que devemos encarar como uma imagem da vida pré-natal; de outro a vontade, que devemos considerar como o germe de uma vida posterior. Peço focalizar bem claramente a diferença entre germe e imagem. Com efeito, o germe é algo supra-real, e uma imagem é algo infra-real; um germe só terá realidade mais tarde, contendo, pois, a predisposição para o real vindouro, de maneira que a vontade é, de fato, de natureza espiritual. Isso foi pressentido por Schopenhauer, embora ele não houvesse, naturalmente, chegado ao conhecimento de que a vontade é o germe do anímico-espiritual, tal como este desabrocha, depois da morte, no mundo do espírito.

De certa forma dividimos, portanto, a vida anímica humana em duas regiões: a da representação pictórica e a da vontade germinal: entre a imagem e o germe há um limite — a existência do próprio homem físico, o qual, espelhando o contexto pré-natal, produz as imagens da representação e não permite a expansão da vontade, mantendo-a como germe, como um simples embrião. Por meio de que forças — devemos perguntar — ocorre isso, afinal?

Devemos ter consciência de que no ser humano devem existir certas forças que provocam a reflexão da realidade pré-natal e a conservação, em estado germinal, da realidade pós-morte; e aqui chegamos aos mais importantes conceitos psicológicos dos fatos que constituem o espelharnento daquilo que os Senhores já conhecem do livro *Teosofia*: antipatia e simpatia. Por não mais podermos permanecer no mundo espiritual, somos transferidos para o mundo físico. Transportados a este último, desenvolvemos antipatia contra tudo que é espiritual, de modo que refletimos a realidade espiritual pré-natal numa antipatia que nos é inconsciente. Trazemos em nós a força dessa antipatia e por seu intermédio transformamos o elemento pré-natal em mera imagem de representação. E com aquilo que, como realidade volitiva, irradia da vida após a morte para a nossa existência, nós nos ligamos em simpatia. De nenhuma delas — simpatia e antipatia — temos diretamente consciência, mas ambas vivem inconscientemente em nós e constituem o nosso sentir, que continuamente se compõe de um ritmo, de uma alternância entre simpatia e antipatia.

Desenvolvemos em nós a vida dos sentimentos, que é uma alternância contínua — sístole-diástole — entre simpatia e antipatia. Essa alternância está sempre em nós. A antipatia, que tende para um lado, transforma continuamente nossa vida anímica num agente de representações: a simpatia, tendendo a outro lado, tranforma-nos a vida anímica naquilo que conhecemos como nossa vontade ativa, na conservação embrionária da realidade espiritual pós-morte. Aqui os Senhores chegam à real compreensão da vida anímico-espiritual: nós criamos o germe da vida anímica como um ritmo de simpatia e antipatia.

0100090000038d00000002001c0000000000040000000301080005000000b020000000050000000c027
404f806040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222537973746 56d000
00000000000b4f6060000000001000000000000000192437fe040000002d010000040000002d01000004000
000020101001c000000fb02a4ff000000000000900100000000440002243616c69627269000000000000
0000000000000000000000000000000000000000040000002d010100040000002d010100040000002d010100
0500000009020000000020d000000320a57000000010004000000000f5067204200036000500000009020 0
000002040000002d010000040000002d010000030000000000

Ora, o que refletimos na antipatia? Refletimos toda a vida, todo o mundo que percorremos antes do nascimento ou, mais exatamente, antes da concepção. Isto possui, essencialmente, um caráter cognitivo. Devemos, pois, nossa cognição à irradiação de nossa vida pré-natal. E essa cognição que existia em escala bem maior antes do nascimento ou da concepção é apagada e reduzida a imagem. Podemos, portanto, dizer que esse conhecimento, ao enfrentar a antipatia, é esmaecido em imagem da representação.

Se a antipatia se torna bastante forte, algo bem especial acontece. Com efeito, não poderíamos formar representações em nossa vida normal após o nascimento se não o fizéssemos ainda com a mesma força que nos restou da época pré-natal. Se hoje os Amigos, como homens físicos, formam representações, não o fazem com uma força que lhes é inerente, mas com a força oriunda do tempo antes do nascimento, e que ainda continua a atuar nos Senhores. Talvez alguém imagine que ela haja cessado com a concepção, mas ela está sempre agindo: formamos representações com essa força, que continua irradiando para dentro de nós. Temos em nós o elemento vivo do tempo pré-natal, só que possuímos a força de refleti-lo. Ela reside em nossa antipatia. Quando hoje formamos representações, a cada vez essa atividade enfrenta a antipatia; e se esta é bastante forte, surge a imagem da reminiscência, a *memória* — de forma que a memória nada é senão um produto da antipatia que vigora em nós. Eis a relação entre o elemento meramente sentimental da antipatia, que reflete de maneira ainda indeterminada, e a reflexão determinada, ou seja, a reflexão da atividade perceptiva, agora exercitada ainda imaginativamente na memória. A memória é apenas uma antipatia intensificada. Os Senhores não poderiam ter memória se tivessem por suas representações uma simpatia tão grande que as "engolissem": sua memória existe apenas por haver uma espécie de repugnância diante das representações, uma rejeição das mesmas, o que tem por efeito torná-las presentes. Esta é a realidade.

Tendo os Senhores passado por todo esse procedimento, tendo formado representações sob forma de imagens, rejeitando-as na memória e guardando o aspecto pictórico, então nasce o conceito Desta forma temos, de um lado da atividade anímica, a antipatia, que está relacionada com nossa vida pré-natal.

Vejamos agora o outro lado, o do querer que em nós é germinal e transcende a morte. O querer vive m nós por termos simpatia por ele, por termos simpatia por esse germe que só se desenvolve depois da morte. Assim como a representação se baseia na antipatia, o querer se esteia na simpatia. Se esta for bastante intensa — tal como era a antipatia no caso da representação, que se torna memória —, então da simpatia nasce a

fantasia. Exatamente como da antipatia surge a memória, da simpatia nasce a fantasia. E se a fantasia é recebida de forma suficientemente intensa — o que na vida comum acontece apenas inconscientemente —, assumindo tal vigor que permeie todo o ser humano até os sentidos, obtemos as imaginações comuns, pelas quais representamos os objetos exteriores. Assim como o conceito nasce da memória, da fantasia nasce a imaginação, que fornece as vísualizações sensórias. Isto emana da vontade.

Os homens cometem um grande engano ao dizer continuamente, na psicologia, que olhamos para as coisas, em seguida as abstraímos e obtemos as representações mentais. Tal não é o caso. Se, por exemplo, temos no giz a sensação da brancura, isso decorre de uma aplicação da vontade, a qual, pelo caminho da simpatia e da fantasia, transforma-se em imaginação. Quando, ao contrário, formamos um conceito, este tem origem totalmente diversa, pois o conceito nasce da memória.

Com isto eu lhes descrevi o aspecto anímico. Ser-lhes-á impossível compreender o ser humano se os Senhores não captarem a distinção entre os elementos da simpatia e da antipatia no homem. Conforme já descrevi, esses dois elementos se exprimem depois da morte, no mundo anímico. Aí reinam a descoberto a simpatia e a antipatia.

Já lhes descrevi o homem anímico. Ele está ligado, no plano físico, ao homem corpóreo. Tudo que é anímico exprime-se, manifesta-se no corpóreo, de forma que, de um lado, no corpóreo se manifesta tudo que se exprime em antipatia, memória e conceito. Isto está relacionado com a organização corpórea dos nervos.[a] Enquanto as organizações nervosas se formam no corpo, encontra-se atuante no organismo humano tudo que é pré-natal. O pré-natal anímico atua no corpo humano através da antipatia, da memória e do conceito, dando origem aos nervos. É esse o conceito correto dos nervos. Qualquer alusão a uma distinção entre nervos sensitivos e motores é, como já lhes expliquei várias vezes, apenas uma insensatez.

Da mesma forma a vontade, a simpatia, a fantasia e a imaginação atuam, de certa maneira, a partir do homem para o seu exterior. Isto se liga ao estado germinal, não podendo, pois, chegar a uma conclusão, e sim devendo perecer novamente já ao nascer. Tem de ficar no estado de germe, e este não pode ir longe na evolução. Estamos chegando aqui a algo muito importante no ser humano. Os Senhores devem aprender a compreender o homem inteiro: física, anímica e espiritualmente. Ora, no homem está-se formando continuamente algo que tende sempre a espiritualizar-se. Mas como se quer conservá-lo no corpo com grande amor, porém um amor egoísta, esse algo nunca pode tornar-se espiritual: desintegra-se em sua corporalidade. Temos em nós algo que é material, mas que sempre quer transcender esse estado para tornar-se espiritual. Não o deixamos espiritualizar-se, destruindo-o no momento em que quer tornar-se espiritual. Esse algo é o sangue, o contrário dos nervos.

O sangue é mesmo "uma seiva muito especial".[b] Com efeito, é aquela seiva que, se pudéssemos afastá-la do corpo (nas condições terrestres isso não é possível) sem que deixasse de ser sangue, e sem que fosse destruída pelos demais agentes físicos, evaporaria como espírito. Para impedir o sangue de evaporar como espírito, e para conservá-lo em nós enquanto estamos na Terra, isto é, até à morte, ele deve ser destruído. Por isso temos em nós a alternância contínua entre a formação e a destruição do sangue, graças à inspiração e à expiração.

Temos em nós um processo polar. Temos os processos que decorrem ao longo do sangue, dos vasos sangüíneos, tendendo continuamente a levar nossa existência para o espiritual. Falar, como se tornou costumeiro, em nervos motores é um contra-senso, porque os nervos motores seriam de fato os vasos sangüíneos. Em contraste com o sangue, todos os nervos são dispostos de tal forma que tendem sempre a morrer, a materializar-se. O que se encontra ao longo dos nervos é, de fato, matéria segregada; o nervo é

---

a Vide Rudolt Steiner e Ita W*egman, Elementos fundamentais* para *uma ampliação da arte de curar* (3. ed. São Paulo: Antroposófica/SBMA, 2001). (N.T.)

b Citação do *Fausto,* de Goethe, I Parte. (N.T.)

realmente matéria eliminada. O sangue quer tornar-se sempre mais espiritual — o nervo sempre mais material; nisso consiste o contraste polar.

0100090000038d00000002001c000000000040000000301080005000000b020000000050000000c027404f8
06040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222537973746 56d000000000000
00b4f606000000000100000000000000192437fe040000002d010000040000002d010000040000000201010 01c0
00000fb02a4ff000000000000900100000000440002243616c6962726900000000000000000000000000000000
0000000000000000000040000002d010100040000002d010100040000002d0101000500000009020000000 20d00
0000320a57000000010004000000000f5067204200036000500000009020000000204000000 2d010000040000
002d010000030000000000

Acompanhando os princípios básicos aqui fornecidos, veremos como isso pode realmente propiciar-nos algo útil no tocante à estruturação higiênica do ensino, a fim de conduzirmos a criança à saúde anímica e corporal, e não à decadência. Tantos erros educacionais são cometidos por não se conhecerem tais coisas. Não obstante a importância atribuida pela Fisiologia à distinção entre nervos sensitivos e motores, na realidade isto não passa de um jogo de palavras. Fala-se em nervos motores porque de fato o homem não pode andar se certos nervos são danificados, como por exemplo os que vão às pernas. Diz-se que essa incapacidade decorre de uma paralisia dos nervos que, em sua qualidade de "motores", movimentam as pernas. Na verdade o indivíduo não pode andar porque não consegue perceber as próprias pernas. A época em que vivemos teve de incorrer necessariamente numa quantidade de erros para que novamente tivéssemos a possibilidade de, como seres humanos, desenredar-nos autonomamente dos mesmos.

Pelo que desenvolvi até agora, os Senhores terão notado que o ser humano só pode realmente ser compreendido em relação com o âmbito cósmico. Com efeito, ao representar mentalmente temos dentro de nós o cósmico. Estávamos no cósmico antes de nascer, e nossas vivências de então espelham-se agora em nós; e novamene estaremos no cósmico quando houvermos transposto o limiar da morte, sendo que nossa vida futura se exprime, qual um germe, naquilo que vigora em nossa vontade. O que em nós vigora inconscientemente vigora bem conscientemente no Cosmo, para a atividade cognitiva superior.

Aliás, até na manifestação corporal temos uma tríplice expressão dessa simpatia e antipatia. De certa forma temos três focos nos quais a simpatia e a antipatia se entretecem.[a] Primeiro temos um desses focos em nossa cabeça, lá onde nasce a memória pela ação comum do sangue e dos nervos. Em todo ponto onde a atividade do nervo está interrompida, havendo um hiato, há um foco de entrelaçamento da simpatia e da antipatia. Outro foco encontra-se na medula espinhal, por exemplo quando um nervo vai para o aguilhão posterior da medula, enquanto outro sai do aguilhão anterior. Outro hiato ocorre nos nódulos ganglionares inseridos nos nervos simpáticos. Não somos seres tão descomplicados quanto parece. Em três lugares do nosso organismo na cabeça, no tórax e no abdome — há limites onde a simpatia e a antipatia se encontram. Em relação à percepção e à vontade, não há circuito que desvie de um nervo sensitivo a um motor; uma corrente direta se transmite de um nervo a outro, e por isso o anímico em nós é atingido tanto no cérebro quanto na medula espinhal. Nesses lugares onde os nervos são interrompidos, somos entrosados no anímico com nossa simpatia e antipatia; e novamente somos entrosados onde os nódulos ganglionares se desenvolvem no sistema nervoso sim-

a Vide Rudolf Steiner, *A Fisiologia oculta* (2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996), 1ª e 2ª conferências. (N.T.)

pático.

Estamos integrados ao Cosmo com nossas vivências. Assim como desenvolvemos atividades cujas conseqüências podem ser observadas no Cosmo, o próprio Cosmo desenvolve continuamente atividades conosco, ou seja, as da antipatia e da simpatia. Observando-nos como seres humanos, constatamos sermos produtos das simpatias e antipatias do Cosmo. Nós desenvolvemos antipatia a partir de nós — e o Cosmo desenvolve antipatia junto conosco; nós desenvolvemos simpatia — e o Cosmo desenvolve simpatia junto conosco.

Ora, em nossa manifestação externa somos, como seres humanos, compostos dos sistemas da cabeça, do tórax e do abdome, incluindo os membros. Peço, porém, levar em conta que essa divisão em sistemas articulados pode muito facilmente ser objetada, porque os homens, em seu atual afã de sistematizar, querem ter cada membro bem certinho ao lado do outro. Portanto, quando se diz que no homem se distingue um sistema da cabeça, um do tórax e um abdominal com os membros, de acordo com a opinião das pessoas cada sistema deveria ter uma delimitação rígida. Ao fazer divisões, as pessoas querem traçar linhas, e isso não é possível quando se trata de realidades. Na cabeça somos principalmente cabeça, mas todo o resto do homem é cabeça, só que não principalmente. Pois assim como temos na cabeça os órgãos dos sentidos propriamente ditos, temos expresso por todo o corpo, por exemplo, o sentido do tato ou o sentido térmico; à medida, pois, que sentimos calor, somos inteiramente cabeça. Só que na cabeça somos principalmente cabeça, e no resto do corpo apenas "de leve". Portanto, as várias partes se interpenetram e os membros não se apresentam tão confortavelmente separados como os meticulosos gostariam de ter. Sendo assim a cabeça se prolonga, embora seja especialmente desenvolvida na região superior. O mesmo se dá com o tórax. A região do peito e costas é o autêntico tórax, mas só principalmente, pois novamente o homem inteiro é tórax. Também a cabeça tem algo de tórax, e assim o abdome com os membros. O mesmo se dá com o abdome. Os fisiólogos já notaram que a cabeça é abdome, pois a estrutura muito sutil do sistema nervoso da cabeça não se acha na meninge externa [a] do córtex, do qual tanto nos orgulhamos, mas embaixo da mesma. Sim, a estrutura mais artística da meninge externa já é, de certa forma, uma involução; aí a construção complicada já está compreendida na involução — é muito mais um sistema de alimentação. De maneira que o homem — se quisermos fazer uma analogia — não precisa orgulhar-se muito de seu córtex cerebral, que é, no fundo, uma redução do cérebro mais complexo a um cérebro mais nutridor. Temos o córtex cerebral para que os nervos relacionados com a função cognitiva sejam ordenadamente alimentados. Se em confronto com os animais temos um cérebro melhor, a razão reside no fato de alimentarmos melhor os nervos cerebrais. Só temos a possibilidade de desenvolver conhecimentos superiores pelo fato de podermos alimentar os nervos cerebrais melhor do que o fazem os animais. Mas o cérebro e todo o sistema nervoso nada têm a ver com o conhecer em si — apenas com a sua expressão no organismo físico.

Cabe aqui a pergunta: por que temos o contraste entre o sistema da cabeça (deixemos de lado, por enquanto, o sistema mediano) e o sistema polar dos membros e do abdome? Temo-lo porque o sistema da cabeça, em dado momento, é "exalado" pelo Cosmo. O homem tem a formação de sua cabeça provocada pela antipatia do Cosmo. Quando ao Cosmo "repugna" tanto aquilo que o homem traz em si que ele o expele, nasce então esse retrato. Na cabeça o homem traz realmente o retrato do Cosmo. A forma redonda da cabeça humana é esse retrato. Pela sua antipatia o Cosmo cria uma cópia de si próprio, fora de si: é nossa cabeça. Podemos, pois, usar nossa cabeça como órgão para nossa liberdade, porque primeiro o Cosmo a expeliu de si. Não consideramos a cabeça corretamente quando a imaginamos intensamente integrada ao Cosmo como nosso sistema de membros, ligado à esfera sexual. Nosso sistema motor está integrado ao Cosmo e este o atrai, tem simpatia por ele, da mesma forma como tem antipatia pela cabeça. Na cabeça

a Camada denominada *dura-mater*. (N.T.)

nossa antipatia encontra a antipatia do Cosmo, e aí ambas se enfrentam. Nesse choque de nossas antipatias com aquelas do Cosmo nascem nossas percepções. Toda vida interior que nasce no outro lado do homem resulta de um amoroso enlaçamento simpático de nosso sistema dos membros pelo Cosmo.

Assim se exprime, na configuração do corpo humano, a maneira como ele foi animicamente plasmado pelo Cosmo e tudo que ele acolhe novamente do mesmo. Com base nessas considerações, os Senhores compreenderão mais facilmente que uma grande diferença existe entre a formação da vontade e a formação das representações mentais. Se atuarem especificamente sobre esta última, de forma unilateral, os Amigos relegarão o homem inteiro ao âmbito pré-natal, e o prejudicarão se o educarem intelectualmente, pois confinarão sua vontade no que ele realmente já percorreu, isto é, no pré-natal. Os Senhores não devem introduzir muitos conceitos abstratos na educação que levam à criança. Devem introduzir, de preferência, imagens. Por quê? Imagens são imaginações, percorrem a fantasia e a simpatia. Conceitos abstratos são abstrações, atravessam a memória e a antipatia, vêm da vida pré-natal. Portanto, se os Senhores impingirem à criança muitas abstrações, estarão incentivando-a a dedicar-se com particular intensidade ao processo produtor do gás carbônico do sangue, ao processo do endurecimento do corpo, da extinção. Se, pelo contrário, levarem à criança a maior quantidade possível de imaginações, se a educarem falando-lhe por meio de imagens, então lançarão nela a semente para a contínua conservação do oxigênio, para um contínuo desenvolvimento, pois lhe estarão indicando o futuro, o pós-morte. Como educadores, pois, retomamos as atividades exercidas conosco, seres humanos, antes do nascimento. Devemos, hoje, confessar que formar representações mentais é uma atividade pictórica oriunda daquilo que vivenciamos antes do nascimento ou da concepção. Naquele tempo, os poderes espirituais implantaram em nós a atividade representativa, que continua atuando em nós depois do nascimento. Propiciando imagens às crianças começamos a retomar, na educação, essa atividade cósmica. Implantamos nelas imagens que podem germinar porque nós as inserimos numa atividade corpórea. Quando, como pedagogos, adquirimos a capacidade de atuar por intermédio de imagens, devemos sempre ter, pois, o sentimento de que atuamos sobre todo o homem, havendo uma ressonância de todo o ser humano quando se atua em imagens. incutir em nosso próprio sentimento a convicção de que em toda educação se provoca uma espécie de continuação da atividade suprasensível pré-natal dá a todo ato de educar a necessária solenidade, sem a qual não se pode absolutamente educar.

Adotamos, assim, dois sistemas de conceitos: cognição, antipatia, memória, conceito — vontade, simpatia, fantasia, imaginação; dois sistemas que podem servir-nos, na aplicação específica, para tudo que temos de praticar em nossa atividade pedagógica.

TERCEIRA CONFERÊNCIA
23 de agosto de 1919

O professor moderno deveria ter, como fundamento de tudo que desempenha na escola, uma ampla visão das leis do Universo. Obviamente é nas primeiras classes, nos primeiros graus da vida escolar que o ensino exige um relacionamento da alma do docente com as mais elevadas idéias da Humanidade. Um cancro da organização escolar existente até agora consiste no fato de se haver mantido o professor das classes inferiores, pode-se dizer, numa certa dependência, isto é, numa esfera que fazia sua existência parecer desvalorizada em relação à dos professores de classes superiores. Naturalmente não me cabe falar aqui nessa questão genérica do setor espiritual do organismo social.[a] Mas

a Sobre a concepão antroposófica do organismo social, vide Rudolf Steiner, *Economia e sociedade* (2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2003) e Rudolf Lanz, *Nem capitalismo nem socialismo* (São Paulo: Antroposófica, 1990). (N.T.)

convém chamar a atenção para a necessidade de futuramente se equipararem todos os participantes do corpo docente, fazendo nascer no público um forte sentimento de que o professor dos graus inferiores é perfeitamente igual, inclusive em sua capacidade intelectual, ao professor de classes superiores. Os Amigos não se admirem, pois, se hoje apontarmos justamente como é que na base de todo ensino — mesmo nas primeiras classes — deve estar algo que naturalmente não se pode aplicar diretamente às crianças; porém, o professor deve sabê-lo incondicionalmente, caso contrário o ensino não poderá ser proveitoso.

No ensino apresentamos à criança, de um lado, o mundo da Natureza, e, de outro, o mundo espiritual. Como seres humanos somos, por um lado, afins ao mundo da Natureza, e por outro ao mundo espiritual, enquanto vivemos na Terra, no plano físico, e realizamos nossa existência entre o nascimento e a morte.

Acontece, porém, que o conhecimento de Psicologia é, em nossa época, precariamente desenvolvido. Sofre, em particular, das conseqüências daquela determinação dogmática da Igreja, ocorrida no ano de 869 [a], que anulou um entendimento mais antigo baseado num conhecimento instintivo: a compreensão de que o ser humano se compõe de corpo, alma e espírito. O princípio que hoje predomina em quase toda a Psicologia é o de uma simples bimembração do ser humano. Os Amigos possivelmente ouvem dizer que o homem consiste em corpo e alma, ou corpo e espírito, conforme se queira chamá-lo, sendo os termos "alma" e "espírito" considerados quase sinônimos. [b] Quase todas as teorias psicológicas são baseadas nesse erro da constituição binária do ser humano. Não se pode chegar a uma real compreensão da entidade humana levando em conta apenas essa dupla constituição. Por isso, no fundo tudo que hoje em dia se intitula Psicologia constitui um total diletantismo, quando não um mero jogo de palavras.

Porém, isto decorre geralmente daquele erro que ganhou porte apenas na segunda metade do século XIX, quando se interpretou erroneamente uma conquista realmente importante feita pela Física. Os Amigos sabem que os bravos cidadãos de Heilbronn erigiram no centro de sua cidade um monumento ao homem que, em vida, eles confinaram no manicômio — Julius Robert Mayer. Sabem também que essa personalidade, da qual os cidadãos de Heilbronn são hoje obviamente muito orgulhosos, é vinculada à chamada lei da conservação da energia ou da força. Diz essa lei que a soma de todas as energias ou forças existentes no Universo é constante, e que essas forças apenas se transformam, de modo que uma força se manifesta uma vez como calor, outra vez como força mecânica etc. Contudo, é só desta forma que se interpreta a lei de Julius Robert Mayer, quando, no fundo, este é mal compreendido! Ele descobriu a metamorfose das forças, mas não pretendeu formular uma lei tão abstrata como a da conservação da energia.

Qual é, visto num grande contexto, o sentido histórico-cultural dessa lei da conservação da energia ou da força? Ela tem sido o grande obstáculo para a compreensão do homem. Enquanto se acreditar que nunca surgem forças realmente novas, não se poderá chegar a um conhecimento da verdadeira natureza do ser humano. Com efeito, essa verdadeira natureza se baseia justamente no fato de novas forças serem formadas continuamente por meio dele. É verdade que, nas circunstâncias atuais de nossa vida no mundo, o homem é o único ser em que são formadas novas forças e, como mais tarde veremos, até novas substâncias. Mas como a cosmovisão atual não quer aceitar elementos tais que permitam compreender também o homem plenamente, recorre a essa lei da conservação da energia, que em certo sentido não incomoda desde que se considerem apenas os outros reinos da Natureza — o mineral, o vegetal e o animal — , mas que exclui qualquer real conhecimento que se queira ter do homem.

Como professores, os Senhores terão necessidade de, por um lado, tornar compreensível a seus alunos a Natureza, e por outro conduzi-los a uma certa compreensão

---

a IV Concílio de Constantinopla. (N.T.)

b No original o Autor faz ainda menção às palavras *Körper e Leib,* que em alemão têm uma sutil diferenciação. mas em português são traduzidas ambas por "corpo'. (N.T.)

da vida espiritual. Sem estar familiarizado com a Natureza pelo menos até certo grau, e sem uma relação com a vida espiritual, o homem de hoje tampouco será capaz de integrar-se na vida social. Consideremos, portanto, em primeiro lugar a Natureza exterior.

A Natureza exterior se nos apresenta defrontando-se, de um lado, com nossa vida das representações e dos pensamentos, a qual, como os Senhores já sabem, tem caráter pictórico, sendo uma espécie de espelhamento da existência pré-natal; de outro lado, volta-se para a Natureza tudo que tem caráter volitivo, apontando qual um germe para nossa vida após a morte. Dessa maneira, somos sempre conduzidos à Natureza. À primeira vista isto parece ser uma orientação para a Natureza em apenas dois membros da entidade humana, o que tem provocado o erro da composição binária do homem. Ainda voltaremos a este assunto.

Se enfrentamos a Natureza por nosso lado cognititvo, o das representações, captamos dela apenas aquilo que é um contínuo perecer. Esta é uma lei extraordinariamente importante. Estejam bem côncios disto: por mais bonitas que sejam as leis da Natureza encontradas com o auxílio do intelecto e das forças representativas, elas sempre se referem àquilo que, na Natureza, está morrendo.

Algo bem diferente dessas leis naturais que apenas visam o morto é vivenciado pela vontade viva existente como germe, quando esta se dirige à Natureza. Esse é um ponto de difícil compreensão para quem vive repleto de conceitos oriundos da época atual e dos erros da ciência moderna.

Tudo que nos sentidos — no campo total dos doze sentidos — leva à relação com o mundo exterior tem caráter volitivo, e não cognitivo. Para o homem moderno desapareceu por completo a compreensão disto. Por isso ele julga pueril a afirmação, lida em Platão, de que a visão consiste no envio de uma espécie de tentáculos que se estendem dos olhos até os objetos. Tais tentáculos, evidentemente, não podem ser observados por meios sensórios, mas o fato de Platão ter tido consciência de sua existência prova que ele conseguiu penetrar no mundo supra-sensível. Quando olhamos para uma coisa, existe realmente um processo que corresponde, se bem que de modo muito sutil, ao ato de pegarmos um objeto. Se, por exemplo, os Senhores pegam um pedaço de giz, esse ato físico é semelhante ao processo espiritual que se realiza quando enviam de seu olho as forças etéricas para captar o objeto na visão. Se os homens atuais soubessem observar, esses fatos se lhes revelariam pela simples observação da Natureza. Se os Amigos observarem, por exemplo, os olhos de um cavalo voltados para fora, terão a sensação de que pela simples posição de seus olhos o cavalo se acha, em relação ao mundo ambiente, situado diferentemente do homem. Posso esclarecer-lhes a causa subjacente a isto pela seguinte hipótese: — imaginem que seus braços tenham uma forma que impossibilite juntá-los à sua frente, sendo, pois, impossível qualquer cruzamento dos mesmos. Os Amigos, ao fazer euritmia, ficariam limitados ao "A", nunca conseguindo fazer um "O", pois uma força de resistência tornaria impossível juntar os braços à sua frente. O cavalo se encontra nessa situação, no que concerne aos tentáculos supra-sensíveis de seus olhos: nunca o tentáculo do olho esquerdo pode ser tocado pelo tentáculo do olho direito. Por sua colocação ocular o homem está em situação de estabelecer um contato contínuo entre os dois tentáculos supra-sensíveis dos olhos. Nisto consiste a sensação — de natureza supra-sensorial — do eu. Se nunca conseguíssemos estabelecer um contato entre o esquerdo e o direito, ou se tal contato tivesse tão diminuta importância como acontece nos animais, que nunca usam tão corretamente suas patas dianteiras para, digamos, uma oração ou qualquer atividade espiritual semelhante, tampouco chegaríamos a uma sensação espiritualizada de nossa identidade.[a]

O que mais importa, nas sensações sensoriais do olho ou do ouvido, não é tanto o aspecto passivo, mas o ativo que levamos volitivamente às coisas. Às vezes, a filosofia mais recente teve pressentimento de algo acertado, tendo então descoberto todo tipo de palavras que no entanto, via de regra, demonstram o quão distantes as pessoas estão da

a No original *Selbst*, correspondendo ao inglês *self*, porém sem tradução exata em português. (N.T.)

compreensão do assunto. Assim, nos signos locais da filosofia de Lotze existem tais pressentimentos da atividade de uma vida sensório volitiva. Porém nosso organismo inferior, que no tato, no olfato e no paladar mostram bem claramente sua ligação com o metabolismo, tem essa ligação até nos sentidos superiores, possuindo caráter volitivo.

Podemos, pois, dizer que o homem se defronta com a Natureza por seu intelecto, e por isso assimila o que nela é morto, apropriando-se dessas leis mortas. Mas aquilo que na Natureza se eleva do seio daquilo que é morto para tornar-se o futuro do mundo, o homem o capta por intermédio de sua vontade aparentemente indeterminada, que se estende até os sentidos.

Imaginem os Amigos quão vivida será sua relação para com a Natureza se levarem devidamente em conta o que acabo de dizer. Poderão então constatar: — Quando adentro a Natureza, o esplendor da luz e das cores vem ao meu encontro; ao acolher a luz e suas cores, aproprio-me daquilo que a Natureza projeta em direção ao futuro; e quando volto à minha sala de trabalho e faço reflexões sobre a Natureza, formulando leis a seu respeito, então ocupo-me com aquilo que na Natureza está em contínuo perecimento. Na Natureza, o perecer e o nascer são constantemente interligados. Podemos captar o processo de perecimento porque temos em nós a reflexão de nossa vida pré-natal, o mundo do intelecto e do pensar, pelo qual podemos compreender o morto subjacente à Natureza. E o fato de podermos contemplar o que existirá da Natureza no futuro resulta de a enfrentarmos não somente com nosso intelecto e com nosso raciocínio, mas com aquilo que, em nós, tem caráter volitivo.

Se o homem não pudesse salvar algo que permanece sempre nele da vida pré-natal através de toda a existência terrestre, se não pudesse salvar algo daquilo que ao fim de sua vida pré-natal se transformou em mera vida de pensamentos, nunca poderia alcançar a liberdade. É que ficaria ligado ao que está morto e, no momento em que quisesse chamar para a liberdade o que nele próprio é afim com a Natureza morta, estaria chamando apenas algo moribundo. Se quisesse servir-se daquilo que liga sua entidade volitiva com a Natureza, ficaria inconsciente; pois tudo o que o une, como ser volitivo, com a Natureza é apenas embrionário. O homem seria um ser natural, mas não um ser livre.

Acima desses dois elementos — a compreensão do morto pelo intelecto e a captação do vivo, do evolvente pela vontade — existe no homem algo que só ele, e nenhum outro ser terrestre, traz em si entre o nascimento e a morte: é o pensar puro, não relacionado com a Natureza exterior, mas com aquele elemento supra-sensível situado no próprio homem, que faz dele um ser autônomo, algo transcendente inclusive ao inframorto e ao supravivo. Portanto, se queremos falar em liberdade humana devemos observar esse elemento autônomo do homem, o pensar puro e liberto no qual sempre vive também a vontade.[a] Porém, se os Senhores observarem, desse ponto de vista, a própria Natureza, constatarão o seguinte: — Estou olhando para a Natureza e tenho dentro de mim a corrente da morte e também a da renovação: morrer-renascer. Dessa correlação a ciência moderna muito pouco entende; pois para ela a Natureza é de certa forma uma unidade, misturando continuamente o que morre com o que evolui — reinando assim grande confusão em tudo que hoje em dia se afirma a respeito da Natureza e sua essência, pois o perecer e o nascer são continuamente entremeados. Quem quiser separar nitidamente essas duas correntes da Natureza terá de perguntar: o que seria da Natureza se nela não existisse o homem?

Diante dessa pergunta a ciência moderna, com sua filosofia, está em grande embaraço. Suponham os Senhores que formulassem a um desses cientistas modernos a seguinte pergunta: — Que seria da Natureza e de seus seres se aí não se incluísse o homem? — Ele ficaria naturalmente algo chocado, pois a pergunta lhe pareceria estranha. Mas depois, refletindo sobre os argumentos que sua ciência lhe fornece para responder a

---

a Vide Rudolf Steiner, *A filosofia da liberdade* (cit. v. nota 3 no final do livro e *O conhecimento dos mundos superiores (5*. ed. São Paulo: Antroposófica, 2002) (N .T.)

essa pergunta, diria: — Haveria na Terra minerais, plantas e animais, e só o homem não existiria nela; a evolução ter-se-ia realizado desde a nebulosa de Kant-Laplace da mesma forma como realmente aconteceu; só que o homem não existiria nessa evolução. — Outra resposta não seria, no fundo, de esperar. Ele talvez ainda acrescentasse: — O homem, quando agricultor, lavra o solo e assim transforma a superfície terrestre; ou constrói máquinas e provoca, dessa maneira, transformações; mas tudo isso é irrelevante em comparação com outras transformações realizadas pela própria Natureza. — Sempre, pois, nosso cientista diria que minerais, plantas e animais se desenvolveriam sem a presença do homem.

Isto não é correto. Se o homem não estivesse presente na evolução terrestre, os animais, na maior parte, tampouco existiriam; pois uma grande parte, mormente dos animais superiores, só surgiu durante essa evolução graças ao fato de o homem — naturalmente uso agora uma metáfora — ter sido obrigado a usar seus cotovelos. Em determinado grau de sua evolução na Terra, ele teve de extirpar de seu próprio ser, que naquela época ainda continha algo bem diferente do que hoje contém, os animais superiores; teve de extirpá-los para poder continuar em seu próprio desenvolvimento. Eu gostaria de caracterizar essa eliminação com uma analogia: imaginem um líquido contendo uma substância dissolvida; essa substância passa a segregar-se e a sedimentar-se no fundo. Assim o homem, em estados primevos de sua evolução, estava unido ao mundo animal, e somente mais tarde segregou o reino animal como um resíduo. Os animais não teriam evoluído para seu estado atual se o homem não tivesse sido determinado a vir a ser como é hoje. Sem a presença do homem na evolução, as formas animais e a Terra seriam bem diferentes do que são hoje.[a]

Passemos agora aos reinos mineral e vegetal. Deveríamos estar cônscios de que não somente as formas animais mais primitivas, mas também os reinos vegetal e mineral ter-se-iam petrificado e deixado de evoluir há muito tempo se o homem não existisse na Terra. Novamente a cosmovisão atual, baseada numa concepção unilateral da Natureza, sente necessidade de dizer: — Bem, os homens morrem, seus corpos são queimados ou enterrados e, com isso, entregues à terra; mas isso não tem significado algum para a evolução terrestre; pois esta não alteraria seu curso pelo simples fato de não receber os cadáveres humanos como tem ocorrido. Isto, porém, significa que não se tem consciência de que a entrega contínua de cadáveres humanos à terra, seja por cremação ou sepultura, é um processo real com efeitos que continuam atuando.

As camponesas conhecem melhor que as senhoras da cidade o fato de o fermento ter alguma importância no preparo do pão, mesmo se adicionado em pequena quantidade; sabem que o pão não cresce sem o acréscimo da levedura. Da mesma forma, a evolução da Terra teria há muito chegado ao seu estado final não fora a adição contínua das forças do cadáver humano, que no momento da morte se separa da entidade anímico-espiritual do homem. É por meio dessas forças recebidas continuamente pela Terra mediante a adição dos cadáveres humanos que é mantida a evolução terrestre. Com isto os minerais se tornam aptos a desenvolver ainda hoje suas forças de cristalização, as quais, sem tais forças, há muito se teriam desintegrado e dissolvido. Com isto, plantas que há muito teriam deixado de crescer continuam crescendo nos dias de hoje. O mesmo se dá com as formas animais inferiores. Em seu corpo o homem dá à Terra o fermento, como que a levedura, para a evolução posterior.

Por isso não é indiferente se o homem vive ou não sobre a Terra. Simplesmente não é verdade que a evolução terrestre continuaria, no que se refere aos remos mineral, vegetal e animal, se o homem não existisse. O processo da Natureza é uno e homogêneo, e a ele pertence o homem. O homem só é corretamente compreendido quando considerado ele próprio, mesmo após sua morte, integrado no processo cósmico.

Tendo isso em mente, os Senhores nem mais se admirarão do que lhes direi agora: ao descer do mundo espiritual para o físico, o homem recebe o invólucro de seu corpo físico.

---

a Vide Rudolf Steiner, *A ciência oculta* (cit. - v. nota na pág. 20). (N.T.)

Naturalmente, porém, esse corpo físico é diferente, quando o homem o recebe em criança, de quando, em qualquer idade, atravessa a morte. Aí algo sucedeu ao corpo físico, algo que só pode realizar-se pelo fato de esse corpo ter sido permeado pelas forças anímico-espirituais do homem. Afinal, todos nós ingerimos o mesmo que os animais ingerem, isto é, transformamos as substâncias exteriores tal qual eles o fazem; porém transformamo-las com a colaboração de algo que falta aos animais, ou seja, aquilo que desce do mundo espiritual para juntar-se ao corpo físico humano. Fazemos, pois, com as substâncias algo diferente do que fazem os animais ou plantas. E as substâncias que são entregues à terra no cadáver humano são substâncias transformadas, diferentes das que o homem recebeu ao nascer. Podemos, portanto, dizer que o homem renova as substâncias e as forças recebidas ao nascer transmitindo-as, transformadas, ao processo terrestre. As forças e substâncias que ao morrer ele entrega a esse processo não são idênticas àquelas recebidas ao nascer. Com isto ele transmite, pois, ao processo terrestre algo que, por seu intermédio, flui constantemente do mundo supra-sensível para o processo físico-sensorial. Ao nascer ele traz algo do mundo espiritual; com sua morte a Terra recebe esse algo incorporado às substâncias e forças que constituíram seu corpo durante a vida. Com isso o homem intermedeia o gotejar do supra-sensível no sensível, no físico. Imaginem os Senhores como que uma chuva contínua que desce do supra-sensível para o sensível, permanecendo porém essas gotas infecundas para a Terra, caso o homem não as acolhesse, transmitindo-as por si à Terra. Essas gotas que o homem recebe ao nascer e libera ao morrer constituem uma fecundação contínua da Terra por forças supra-sensíveis, e são estas forças fertilizantes supra-sensíveis que mantêm o processo evolutivo terrestre. Sem cadáveres humanos a Terra estaria, pois, morta há muito tempo.

0100090000038d00000002001c0000000000040000003010800050000000b02000000000
50000000c027404f806040000002e0118001c000000fb02100007000000000bc0200000000010
2022253797374656d00000000000000b4f606000000000100000000000000192437fe040000002
d010000040000002d010000040000000201010001c000000fb02a4ff0000000000090010000000
00440002243616c6962726900000000000000000000000000000000000000000000000004000
0002d010100040000002d010100040000002d0101000500000009020000000020d000000320a57
0000000100040000000000f5067204200036000500000009020000000204000000 2d0100000400
00002d010000030000000000

Isto posto, podemos indagar: qual é, afinal, a atuação das forças mortas sobre a natureza humana? Atuam de fato sobre a natureza humana as forças mortíferas que predominam na Natureza exterior; pois se o homem não propiciasse à Natureza exterior vivificação constante, ela teria de perecer. Como atuam, pois, essas forças mortíferas na natureza humana? Atuam de tal maneira que o homem, por seu intermédio, produz todas aquelas organizações que se estendem do sistema ósseo ao sistema nervoso. Há uma grande diferença intrínseca entre o que é construído pelos ossos e tudo que lhes é afim, e aquilo que é elaborado pelos outros sistemas. As forças mortíferas irradiam para dentro de nós: deixando-as intactas, somos homens ósseos. Mas as forças letais penetram em nós mais profundamente: nós as enfraquecemos, e com isso somos homens dotados de nervos.

Que é um nervo? Algo que quer constantemente transformar-se em osso, sendo impedido de fazê-lo por estar em relação com elementos não-ósseos ou não-nervosos da natureza humana. O nervo sempre quer ossificar-se, é sempre impelido a morrer, tal qual o osso que, no homem, é sempre algo morto em alto grau. (No osso animal as condições são diversas — ele é muito mais vitalizado que o osso humano.) Podemos, pois, imaginar um lado da natureza humana dizendo que a corrente mortífera atua nos sistemas ósseo e nervoso. Este é o primeiro pólo.

As forças continuamente doadoras de vida, ou seja, a outra corrente, atuam nos sistemas muscular e sangüíneo, e em tudo que com estes se relaciona. Os nervos só não são ossos por estarem ligados de tal forma aos sistemas sangüíneo e muscular que sua tendência ossificadora se opõe às forças que atuam no sangue e nos músculos. O nervo só deixa de transformar-se em osso porque os sistemas sangüíneo e muscular se lhe opõem, impedindo a ossificação. Se durante o crescimento existe uma relação incorreta entre o osso, de um lado, e o sangue e os músculos, de outro, surge o raquitismo, que é um impedimento, por parte da natureza sangüínea e muscular, à desvitalizaçào correta do osso. Daí a extraordinária importância de uma correta inter-relação entre o sistema muscular-sangüíneo, de um lado, e o ósseo-nervoso, de outro. À medida que o sistema ósseo-nervoso avança em nosso olho — o sistema ósseo ficando no envoltório e penetrando no olho apenas uma debilidade, ou seja, o nervo —, surge no olho a possibilidade de uma união entre a natureza volitiva do músculo e do sangue e a atividade representativa do sistema ósseo-nervoso. Remontamos assim a um fato que teve papel importante na ciência antiga, mas que é ridicularizado pela ciência moderna como idéia infantil. Só que com certeza ela o abordará novamente, embora de outra forma.

Os antigos sempre sentiram em sua ciência um parentesco entre a medula nervosa, a substância dos nervos, e a medula óssea ou substância dos ossos. Segundo eles, o homem pensava tanto com os ossos quanto com os nervos. Isto, aliás, é a verdade. Tudo que temos em matéria de ciências exatas devemos à capacidade de nosso sistema ósseo. Por que o homem é capaz de desenvolver, por exemplo, a geometria? Os animais superiores não possuem geometria, como se vê por sua maneira de viver. Não passa de um contra-senso o fato de alguns dizerem que talvez esses animais a possuam, só que não podemos percebê-lo. É o homem, pois, quem desenvolve a geometria. Mas como ele chega, por exemplo, à representação mental de um triângulo? Quem realmente reflete sobre o fato de o homem desenvolver a idéia do triângulo deve achar maravilhoso que ele produza, apenas pela fantasia geométrico-matemática, o triângulo, o triângulo abstrato que na vida concreta não se encontra em lugar algum. Há muita coisa desconhecida atrás dos acontecimentos visíveis do mundo. Imaginem, por exemplo, estarem os Senhores de pé em qualquer lugar desta sala. Como seres humanos supra-sensíveis realizam, em certos momentos, movimentos curiosos que normalmente desconhecem, mais ou menos assim: caminham um pouco para um lado, voltam um tanto para outro e depois retornam aos seus lugares. Uma linha espacial que fica inconsciente, traçada pelos Senhores, estende-se de fato como um movimento triangular. Tais movimentos existem de fato, só que os Senhores não os percebem; mas pelo fato de terem sua espinha dorsal na vertical, acham-se dentro do plano onde esses movimentos se realizam. O

0100090000038d00000002001c00000000004000000030108000500000000b02000000000
50000000c027404f806040000002e0118001c000000fb02100007000000000bc0200000000010
2022253797374656d00000000000000b4f606000000000100000000000000192437fe040000002
d010000040000002d010000040000000201010001c000000fb02a4ff000000000000090010000000
00440002243616c6962726900000000000000000000000000000000000000000000000000004000
0002d010100040000002d010100040000002d0101000500000009020000000020d000000320a57
0000000100040000000000f5067204200036000500000009020000000204000000 2d0100000400

00002d010000030000000000

animal não está dentro deste plano — sua medula espinhal acha-se na horizontal, isto é, em posição diferente; nesse caso esses movimentos não são executados. O homem, por ter sua medula espinhal na posição vertical, está no plano em que esse movimento é executado. Não chega a conscientizá-lo a ponto de constatar: — Eu danço continuamente num triângulo —; mas ao desenhar um triângulo, diz: — Isto é um triângulo! — Na verdade, este é um movimento executado inconscientemente, e que ele realiza no Cosmo.

Esses movimentos que os Amigos fixam na geometria, ao fazer figuras geométricas, os Senhores executam com a Terra. A Terra não tem apenas o movimento que lhe atribui a cosmovisão copernicana: tem ainda movimentos bem diversos e artísticos, e estes são constantemente executados. Existem ainda movimentos bem mais complicados, tal como os encontramos nas linhas dos corpos geométricos: o cubo, o octaedro, o dodecaedro, o icosaedro etc. Esses corpos não são inventados — são realidade, embora inconsciente. Nessas, e ainda em outras formas sólidas, há curiosas reminiscências dessa sabedoria inconsciente aos homens. Isso é provocado pelo fato de o nosso sistema ósseo possuir um conhecimento essencial; mas com sua consciência os Senhores não alcançam o sistema ósseo. A consciência disso morreu, e é apenas refletida nas figuras da geometria, que o homem realiza como imagens. O homem está integrado no Cosmo. Enquanto está desenvolvendo a geometria, imita o que ele próprio faz no Cosmo.

Estamos, de um lado, olhando para um mundo que também nos inclui, e que se acha num processo contínuo de perecimento. De outro lado, vemos tudo que se estende até as forças do nosso sistema sangüíneo-muscular: este se encontra num moto-contínuo, em constante flutuação, vir-a-ser, nascimento; é totalmente germinal, nada há nele de morto. Suspendemos em nós o processo de perecimento e só nós, como homens, podemos fazê-lo, levando a vida ao que é moribundo.

Se o homem não existisse na Terra, a morte ter-se-ia espalhado em todo o processo terrestre, e a Terra, como um todo, teria passado a uma grande cristalização; mas os cristais individuais não se teriam mantido. Nós arrebatamos os cristais individuais à grande cristalização, e conservamo-los enquanto precisamos deles para nossa evolução humana. Com isso também mantemos a vida da Terra. De fato somos nós, homens, que mantemos a vida da Terra, não podendo ser excluídos da vida terrestre. Por isso Eduard von Hartmann tinha um pensamento realista ao desejar, movido por seu pessimismo, que a Humanidade fosse um dia tão amadurecida que todos os homens cometessem suicídio. Nem é preciso acrescentar este outro desejo de Hartmann, fruto da limitação da cosmovisão científica: como o suicídio coletivo dos homens não lhe bastasse, ele ainda queria fazer explodir o globo terrestre por meio de um empreendimento bem planejado. Isso nem seria preciso: bastaria determinar o dia do grande suicídio, e a Terra iria lentamente pelos ares de maneira espontânea! Pois sem aquilo que os homens implantam na Terra, a evolução terrestre não pode prosseguir. Devemos compenetrar-nos sentimentalmente desse conhecimento. É mister que essas coisas fiquem bem compreendidas na atualidade.

Em meus primeiros escritos- repete-se um pensamento pelo qual eu pretendia dar à cogniçào uma base diversa da vigente hoje. Na Filosofia exterior baseada em pensadores norte-americanos, o homem é um mero espectador do mundo: com seu processo anímico interior, ele não passa disso. Acredita-se que — mesmo não estando ele presente — não vivenciando novamente a alma o que acontece lá fora no mundo, nem por isso tudo deixaria de ser tal como é. Em relação aos fatos acima mencionados, isto é válido para a ciência, mas também para a Filosofia. O filósofo atual sente-se perfeitamente à vontade

como espectador do mundo, isto é, dentro do elemento meramente letal do conhecimento. É desse elemento mortífero que eu queria salvar a cognição. Não cessei de repetir que o homem não é apenas um espectador, mas o palco do mundo, palco em que os grandes acontecimentos cósmicos sempre voltam a realizar-se. Sempre disse que o homem, com sua vida anímica, constitui o teatro onde se desenrola o drama mundial. Isto pode ser revestido de uma forma filosófica, abstrata. E em particular no capítulo final sobre liberdade em meu livro Verdade e ciência os Senhores encontrarão este pensamento bem acentuado: aquilo que se passa no homem não é algo igual ao resto da Natureza; o resto da Natureza penetra no homem, e o que nele se realiza é ao mesmo tempo um processo cósmico — de forma que a alma humana é um palco de um processo cósmico, e não apenas humano. E com esta afirmação, naturalmente, hoje em dia ainda somos dificilmente compreendidos em certos círculos. Mas sem se compenetrar de tais idéias ninguém poderá ser um verdadeiro educador.

O que realmente ocorre na entidade humana? De um lado está a natureza ósseo-nervosa, de outro a sangüíneo-muscular. Pela atuação conjunta de ambas, constantemente são recriadas substâncias e forças. A Terra é preservada da morte pela recriação de substâncias e forças dentro do próprio homem. Agora os Senhores podem ligar o que acabo de dizer — que o sangue provoca, por seu contato com os nervos, a recriação de forças e substâncias — ao que eu disse na última conferência — que o sangue está sempre a caminho da espiritualidade, sendo porém detido nesse afã. Esses pensamentos obtidos nessas duas conferências serão correlacionados por nós, para servir de base a um prosseguimento. Contudo, os Amigos podem ver desde já quão errôneo é o conceito da conservação da força e da matéria, tal como normalmente é enunciado — pois é refutado por aquilo que se passa no âmago da natureza humana, constituindo apenas um obstáculo para uma verdadeira compreensão da entidade do homem. Somente quando se obtiver novamente o pensamento sintético de que de fato nada pode surgir do nada, mas uma coisa pode transformar-se a ponto de morrer para que outra surja — em lugar da teoria da conservação da força e da energia —, é que se poderá adquirir algo proveitoso para a ciência.

Vemos, pois, em que sentido muita coisa está invertida em nosso pensar. Proclamamos algo como, por exemplo, a lei da conservação da energia e da matéria, e erigimo-na em lei universal. A isso subjaz uma tendência de nossa vida imaginativa, de nossa vida anímica em geral, no sentido de dar descrições unilaterais, quando deveríamos apenas emitir postulados baseados em nossas representações mentais. Encontra-se, por exemplo, em nossos livros de Física a lei da impenetrabilidade dos sólidos como um axioma: no lugar espacial onde se acha um corpo não pode haver ao mesmo tempo outro corpo. Isso é proclamado como característica geral dos sólidos. Deveríamos apenas dizer: os corpos ou entidades com características tais que no lugar onde estão não pode haver outro ser da mesma natureza são impenetráveis. Os conceitos deveriam ser aplicados simplesmente para diferenciar uma determinada área de outra; deveríamos emitir meros postulados, mas não definições que pretendam ser universais. Tampouco se deveria estabelecer lei alguma da conservação da energia e da matéria, mas investigar para que entidades essa lei tem algum significado. No século XIX era justamente uma aspiração proclamar uma lei e dizer "isto vale para tudo", ao invés de utilizarmos nossa vida anímica para aproximar-nos das coisas e observar as experiências que estas nos proporcionam.

QUARTA CONFERÊNCIA
25 de agosto de 1919

Na educação e no ensino do futuro, deverá ser atribuído um valor muito especial ao

cultivo da vontade e da vida afetiva. Mesmo aqueles que não cogitam de uma reforma do ensino e da educação afirmam a necessidade de se dar especial consideração à educação volitiva e emotiva; mas não obstante toda a boa vontade, não pode haver, desse lado, muitas contribuições para essa educação da vontade e dos sentimentos. Esta continua deixada ao assim chamado acaso, por não existir qualquer compreensão da real natureza da vontade.

A título de introdução, eu gostaria de ressaltar o seguinte: só quando se compreende realmente a vontade é que se pode conhecer pelo menos uma parte dos outros impulsos emocionais, uma parte dos sentimentos. Podemos formular a nós mesmos a seguinte pergunta: o que é de fato um sentimento? Há grande afinidade entre um sentimento e a vontade. Eu diria que a vontade é sentimento realizado, e que o sentimento é a vontade refreada. A vontade que ainda não se manifesta, que permanece na alma — eis o sentimento; o sentimento é uma vontade embotada. Por isso só compreendemos a essência do sentimento ao penetrarmos na natureza da vontade.

Ora, conforme se pode concluir de minhas explicações anteriores, nem tudo que vive na vontade se realiza completamente na vida entre o nascimento e a morte. Quando o homem executa uma decisão da vontade, sempre resta uma parte que não se esgota na vida até a morte; permanece um resto que continua a viver no homem, ultrapassando a morte justamente a partir de cada decisão da vontade e de cada ato volitívo. Esse resto deve ser objeto de consideração durante toda a vida e, em particular, na infância.

Sabemos que o homem total deve ser considerado em sua constituição física, anímica e espiritual. O que nasce primeiro é o corpo, pelo menos em suas partes mais densas. (Mais detalhes encontram-se em meu livro Teosofia). Portanto, está inserido na corrente hereditária, trazendo consigo as características herdadas, e assim por diante. Já o anímico é principalmente aquilo que, partindo de uma existência prénatal, se liga com o corpóreo, descendo até ele. Mas o espiritual existe no homem atual apenas como um germe — isso será diferente no ho mem de um futuro mais remoto. E aqui, onde queremos estabelecer a base de uma boa pedagogia, devemos levar em conta o que existe de espiritual — apenas como predisposição — no homem da época atual. Vejamos primeiramente, com toda a clareza, que predisposições do homem, nesse sentido, apontam para um futuro longínquo da Humanidade.

Em primeiro lugar existe, embora apenas como disposição, aquilo que chamamos de personalidade espiritual. Embora não possamos incluí-la entre os elementos constitutivos do homem atual, as pessoas dotadas de visão espiritual possuem uma clara consciência da personalidade espiritual. Os Senhores sabem que a consciência oriental culta dá a esse elemento o nome de *Manas;* que na cultura espiritual do Oriente se fala de Manas como algo vivente no homem. Mas também na humanidade ocidental, excetuando-se os "eruditos", existe uma consciência clara dessa personalidade espiritual. E não é sem intenção que falo em consciência clara — pois o povo, pelo menos enquanto não o dominava a mentalidade materialista, chamava aquilo que se conserva do homem, após sua morte, de *Manes.* Dizia-se que os Manes ficam depois da morte — Manas = os Manes. Eu disse que o povo tem disso uma consciência clara porque emprega neste caso o plural: os Manes. Nós, que cientificamente relacionamos mais a personalidade espiritual com o homem antes de sua morte, empregamos o singular: a personalidade espiritual. O povo, que fala dessa personalidade espiritual baseando-se na realidade, num conhecimento ingênuo, usa o plural ao falar dos Manes porque ao transpor o portal da morte o ser humano é acolhido por uma pluralidade de seres espirituais. Já fiz alusão a isso em outro contexto: temos nosso guia espiritual pessoal, que faz parte da hierarquia dos Anjos; mas acima destes temos os espíritos da hierarquia dos Arcanjos, que intervêm tão logo o homem atravessa o limiar da morte, conferindo à sua existência um aspecto de pluralidade. O povo sente isso muito nitidamente, por saber que, em contraste com sua existência aqui, percebida como uma unidade, o homem percebe a si mesmo como pluralidade em maior ou menor grau. Os Manes são, pois, o que da personalidade

espiritual, ou Manas, vive na consciência popular ingênua como pluralidade.

Um segundo membro, mais elevado, da entidade humana é aquele que chamamos de espírito vital. Este é muito pouco perceptível no homem atual. É algo de natureza muito espiritual no ser humano, e que se desenvolverá num futuro longínquo da Humanidade. Por fim, o que de mais elevado existe no homem, e que está presente em nossa época apenas como disposição rudimentar, é o autêntico homem-espírito.

Embora no homem atual, em sua vida terrestre compreendida entre o nascimento e a morte, estejam presentes apenas como germes, na verdade esses três membros superiores se desenvolvem, sob a proteção de seres espirituais superiores, de uma maneira notável entre a morte e o novo nascimento. Quando, pois, a pessoa morre e volta a viver no mundo espiritual, esses três membros desenvolvem-se de um modo muito nítido, como que prenunciando uma nova forma de existência humana. Da mesma maneira como o homem se desenvolve espiritual e animicamente em sua vida atual entre o nascimento e a morte, depois desta ele também segue uma evolução, só que atado como que por um cordão umbilical aos seres espirituais das hierarquias superiores.

Acrescentamos agora a esses membros superiores da natureza humana, os quais mal podem ser vislumbrados, aquilo que já hoje observamos. Trata-se, em primeiro lugar, do que se expressa na alma da consciência, na alma do intelecto ou do sentimento e na alma da sensação. São estes os elementos propriamente anímicos do homem. Se quisermos falar hoje da alma humana tal como vive no corpo, é a esses três membros anímicos que nos devemos referir. Querendo descrever seu corpo, devemos mencionar o corpo mais sutil, também chamado astral, o corpo etérico e o corpo físico mais compacto, aquele que enxergamos e que é analisado pela ciência exterior. Com isto consideramos o ser humano em sua totalidade.

Ora, os Amigos sabem que o corpo físico, tal como nós o temos, também é próprio dos animais. Mas se compararmos o homem total, segundo seus novos membros, com o reino animal, só obteremos, a respeito da relação entre o homem e os animais, uma idéia sentimentalmente adequada e ao mesmo tempo proveitosa para a compreensão da vontade se soubermos o seguinte: tal como em sua alma o homem é revestido de um corpo físico, assim também o é o animal; mas em muitos aspectos o corpo físico do animal difere do humano. Não que o corpo do homem seja mais perfeito que o do animal. Visualizem os Senhores, dentre os animais superiores, o castor construindo sua casa. Isso o homem não é capaz de fazer, a não ser aprendendo-o através de um ensino complicado, estudando arquitetura etc. O castor produz sua casa a partir da organização de seu corpo. Seu corpo exterior, físico, é simplesmente estruturado de forma que ele possa aproveitar, para a construção de sua casa, aquilo que vive em suas próprias formas. Sob esse ângulo, seu próprio corpo é mestre. Podemos observar as vespas, as abelhas e também os chamados animais inferiores, e constataremos que na forma de seus corpos físicos existe algo que não se acha, nessa extensão e com tal vigor, no corpo físico humano. Trata-se de tudo aquilo que designamos com o conceito do instinto; de forma que só podemos estudar concretamente o instinto considerando-o em sua relação com a forma do corpo físico. Se estudarmos toda a gama dos animais tal como existe no mundo exterior, encontraremos nas formas de seus corpos a orientação para o estudo das várias espécies de instintos. Se queremos investigar a vontade, devemos procurá-la primeiro no campo dos instintos e ficar cônscios de que localizamos o instinto nas formas corpóreas dos vários animais. Se observássemos e desenhássemos as formas principais dos vários animais, poderíamos reproduzir as diversas áreas do instinto. O instinto enquanto vontade é, em imagem, a forma física dos diversos animais. Como os Senhores vêem, o mundo ganha um sentido ao adotarmos este ponto de vista. Observando as formas dos corpos físicos animais, vemos nelas uma imagem que a própria Natureza cria dos instintos por cujo intermédio ela pretende concretizar o que vive na existência.

Ora, em nosso corpo físico vive, permeando-o e plasmando-o, o corpo etérico. Para os sentidos exteriores, este é supra-sensível, invisível. Mas olhando para a natureza

volitiva constatamos que o corpo etérico não só permeia o corpo físico, mas também capta aquilo que neste se manifesta como instinto. Aí o instinto se transforma em impulso. No corpo físico, a vontade é instinto; tão logo o corpo etérico se apodera do instinto, a vontade se transforma em impulso. É muito interessante verificar que ao se observar o instinto, que pode ser captado de maneira mais concreta na forma exterior, vai-se interiorizando e unificando mais à medida que ele é observado como impulso. Sempre se dirá do instinto — encontrado no animal ou, de forma mais apagada, no homem — que o mesmo é imposto de fora ao ser; no caso do impulso, já convém admitir que aquilo que se manifesta de forma mais interiorizada também se origina mais de dentro, pelo fato de o corpo etérico supra-sensível se transformar em impulso.

O homem possui também o corpo das sensações, que é ainda mais interiorizado. Este, por sua vez, apodera-se do impulso, dando origem não apenas a uma interiorização, mas a uma elevação do instinto e do impulso à consciência, onde são transformados em cobiça. Também a cobiça se encontra no animal, da mesma maneira como nele se encontra o impulso, já que o animal também possui estes três membros — os corpos físico, etérico e das sensações. Mas quem fala em cobiça já deve instintivamente concordar em considerá-la algo muito íntimo. Quando se fala em impulso, admite-se que este se manifesta de maneira uniforme, do nascimento até a idade avançada; a cobiça, porém, é referida como algo intensificado pelo anímico, revigorando-se a cada vez. Uma cobiça não decorre necessariamente do caráter; não pertence necessariamente ao âmbito anímico — simplesmente nasce e desaparece. Com isso revela-se mais afim à vida anímica do que o mero impulso.

Façamos agora a seguinte pergunta: se o homem acolhe em seu eu, isto é, nas almas da sensação, do intelecto (ou do sentimento) e da consciência — o que no animal não pode ocorrer — aquilo que vive em sua corporalidade sob forma de instinto, impulso e cobiça, o que resultará? Neste caso não fazemos uma distinção tão rígida como no domínio da corporalidade, porque no anímico sempre há uma interpretação maior ou menor de tudo, mormente no caso do homem atual. É precisamente essa a questão crucial da psicologia moderna: os psicólogos não sabem se devem manter estritamente separados ou deixar confundirem-se os membros da alma. Em alguns psicólogos ainda permanecem as antigas e rígidas distinções entre vontade, sentimento e pensamento; em outros, por exemplo nos que seguem mais a orientação de Herbart, tudo é conduzido mais pelo lado da representação mental; nos seguidores de Wundt, mais pelo lado da vontade. Falta, portanto, uma idéia correta de como lidar com a estrutura da alma. Isto resulta do fato de o eu inserir na vida prática todas as capacidades da alma e de no homem atual a diferenciação dos três membros da alma não ser, mesmo na prática, muito perceptível. Por isso a linguagem oral não possui vocábulos para diferenciar os elementos volitivos da alma — instinto, impulso e cobiça — quando captados pelo eu. De um modo geral, porém, denominamos motivo aquilo que como instinto, impulso e cobiça é captado pelo eu — de forma que ao referir-nos ao ímpeto volitivo no campo anímico propriamente dito, ao que é próprio do eu, falamos de motivo; sabemos então que os animais podem muito bem ter cobiças, mas nunca motivos. É só no homem que a cobiça é elevada ao ser acolhido no mundo da alma, e isso provoca o impulso de conceber intimamente um motivo. É apenas no homem que a cobiça se transforma em autêntico motivo da vontade. Ao dizer que no homem vivem os instintos, impulsos e cobiças provenientes do reino animal, mas que ele os eleva ao nível de motivo, estamos caracterizando a vontade do homem atual. Quem observar o homem no sentido de sua natureza volitiva dirá: — Se sei quais são os motivos num homem, então eu o conheço. — Mas não totalmente! Com efeito, algo lateja sutilmente quando o homem desenvolve motivos, e esse sutil latejo deve ser enfocado muito criteriosamente.

Peço-lhes agora fazer uma distinção bem clara entre esse algo que ressoa sutilmente no impulso volitivo e aquilo que é mais representativo. Não me refiro, neste momento, ao que, no impulso volitivo, pertence mais à representação. Os Senhores poderiam ter, por

exemplo, a seguinte idéia: — Foi bom o que eu quis ou realizei —, ou qualquer outra. Não é a isso que me estou referindo, mas ao elemento volitivo que se faz sentir em surdina. Mesmo quando temos motivos, há algo mais que atua constantemente na vontade: é o desejo.[a] Não me refiro aqui aos desejos bem pronunciados que se transformam em cobiças, mas àquele tênue latejo de aspirações que acompanham todos os nossos motivos, estando sempre presentes. Percebemos com particular intensidade essas aspirações quando, depois de executado algo resultante de um motivo de nossa vontade, passamos a refletir sobre o nosso ato e reconhecemos que poderíamos ter feito muito melhor. Mas será que em nossa vida existe algo que façamos sem ter a consciência de que poderíamos tê-lo realizado mais perfeitamente? Seria triste se pudéssemos estar inteiramente satisfeitos com alguma coisa, pois não existiria nada que não pudéssemos fazer melhor. O indivíduo que possui cultura mais elevada distingue-se do menos culto justamente por este último sempre estar satisfeito consigo mesmo. O mais culto jamais estaria satisfeito, porque sempre se manifesta um sutil desejo de fazer melhor, ou até diferentemente. Cometem-se muitos pecados neste campo. Os homens já acham maravilhoso quando se arrependem de uma ação; mas não é isso o que de melhor se pode fazer em relação a uma atitude, pois o arrependimento muitas vezes consiste em mero egoísmo: a pessoa gostaria de ter agido melhor para ser um indivíduo melhor. Isto é egoístico. Nosso anseio só deixa de ser egoísta não quando gostaríamos que a ação já executada fosse melhor, mas quando atribuímos valor bem maior a executar melhor a ação na próxima oportunidade. É a intenção, ou seja, o esforço para executar melhor uma ação da próxima vez que é o mais elevado, e não o arrependimento. Nessa intenção ressoa ainda a aspiração, de forma que bem podemos formular a pergunta: o que é que, sob forma de aspiração, ressoa no que tencionamos? Para quem realmente é capaz de observar a alma, trata-se do primeiro elemento de tudo que resta depois da morte. É algo desse resto que sentimos ao preferir termos agido melhor, ao desejar fazêlo melhor. Já pertence à personalidade espiritual o desejo na forma que descrevi.

Um desejo pode tornar-se mais concreto, assumindo forma mais nítida. Aí começa a assemelhar-se à intenção: a pessoa forma uma espécie de idéia de como executar melhor a ação se esta tivesse de ser repetida. Contudo, não atribuo grande valor a essa idéia, mas aos elementos emocionais e volitivos que acompanham todo motivo no sentido de aprimorar algo numa próxima ocasião. Aí entra em função o chamado subconsciente do homem. Em sua consciência habitual, quem realiza uma ação baseada na vontade nem sempre concebe a idéia de como executar melhor uma ação semelhante em outras circunstâncias. Mas existe em nós uma outra pessoa, uma segunda pessoa que sempre desenvolve — não de forma imaginativa, mas volitiva — uma imagem nítida de como executaria a ação se estivesse mais uma vez na mesma situação. Não subestimem tal conhecimento! Não menosprezem de forma alguma essa segunda pessoa que vive em nós.

Sobre essa segunda pessoa discorre muito, hoje em dia, aquela corrente científica que se denomina Psicologia Analítica ou Psicanálise. A Psicanálise, ao definir-se a si própria, parte do seguinte exemplo acadêmico:

Um cavalheiro dá uma festa em sua residência, estando previsto no programa que logo após o fim da reunião a dona da casa partiria para uma estação balneária. Entre os convidados há uma certa senhora. Terminada a festa, a dona da casa é conduzida ao trem e o resto do pessoal vai embora, inclusive a referida senhora. Num cruzamento, ela e os demais convidados são surpreendidos por uma carrugem que dobra uma esquina tão subitamente que só é vista quando está bem perto. Que fazem os participantes? Como é natural, desviam-se do carro pela direita e pela esquerda — com exceção daquela dama. Ela corre o quanto pode no meio da rua, sempre à frente dos cavalos. O cocheiro também não pára, e os outros membros do grupo são tomados de pavor. A senhora, porém, corre

a Convém frisar aqui a diferença entre duas palavras alemãs traduzíveis por "desejo": *Begierde* (no sentido de cobiça, apetite) e *Wunsch* (no sentido de aspiração, voto). Esta última é a usada pelo Autor neste contexto. (N.T.)

tão depressa que os outros nào podem acompanhá-la; corre até chegar a uma ponte. Mesmo então não lhe vem à mente desviar-se. Ela cai na água, mas é salva e reconduzida à residência do anfitrião. Lá pode então passar a noite.
Esta história os Senhores encontram em muitos compêndios de Psicanálise. Só que é sempre interpretada erroneamente. Com efeito, cabe aqui a pergunta: qual é o fundo de toda a ocorrência? O fundo é o querer da senhora. O que ela queria de fato? Queria voltar à casa do cavalheiro depois da partida de sua esposa, porque estava enamorada dele. Mas essa vontade não lhe era consciente; era algo situado na subconsciência. E essa subconsciência do segundo homem que reside em nós é muitas vezes mais refinada que a pessoa em sua superfície mental. Tão refinada era, no caso citado, a subconsciência, que a se- nhora encenou toda a história — até o momento em que caiu na água para poder voltar à casa do anfitrião. Ela até previu profeticamente que seria salva.

A Psicanálise procura aproximar-se dessas forças escondidas da alma, mas apenas em termos gerais fala de uma segunda pessoa. Mas nós podemos saber que em todo indivíduo existe algo que atua nas forças subconscientes da alma, e que muitas vezes se manifesta de maneira extremamente refinada, mais refinada do que em circunstâncias psíquicas normais.

Em toda pessoa jaz, como que subterraneamente, o outro homem. E é neste que vive também o homem melhor, aquele que sempre resolve, depois de uma ação, agir melhor numa outra oportunidade; de forma que sempre subjaz a intenção, inconsciente ou subconsciente, de repetir a ação melhor em ocasião semelhante.

Só quando a alma estiver liberta do corpo é que a intenção se transformará em resolução. Essa intenção permanece na alma como um germe; então a resolução segue mais tarde. A resolução tem sua sede no homem-espírito, tal como a intenção a tem no espírito vital e o desejo na personalidade espiritual. Portanto, ao encarar o homem como entidade volitiva encontraremos todos estes componentes: instinto, impulso, cobiça e motivo e, como que em surdina, aquilo que já vive na personalidade espiritual, no espírito vital e no homem-espírito sob forma de desejo, intenção e resolução.

Tudo isso tem grande significado para o desenvolvimento do ser humano. Pois tudo que ali vive em surdina, como que conservando-se para a época depois da morte, projeta-se no homem em imagens durante o tempo entre o nascimento e a morte. Designamo-lo então com as mesmas palavras. Em nossas representações mentais vivenciamos também desejo, intenção e resolução. Mas essas vivências só serão apropriadas à natureza humana se essas coisas forem corretamente moldadas. Pois aquilo que o desejo, a intenção e a resolução realmente são na profundidade da natureza humana não aparece no homem exterior entre o nascimento e a morte. Aparecem as imagens na vida das representaçoes. Usando apenas a consciência comum, os Senhores não sabem realmente o que é um desejo, pois sempre têm apenas a representação do desejo. Por isso Herbart crê que na representação do desejo já existe um elemento volitivo. O mesmo se dá com a intenção — pois também dela temos apenas a representação mental. Queremos fazer algo de certa maneira, algo que se passa, na realidade, bem no fundo da alma; mas não sabemos de fato o que subjaz a isso. E por fim a resolução! Quem sabe algo a seu respeito? A psicologia comum fala de um querer geral. Apesar de tudo, é nessas três forças anímicas que o docente e educador deve interferir, regulando-as e ordenando-as. Quem pretende educar e ensinar deve operar justamente com aquilo que se passa nas profundezas da alma humana.

0100090000038d00000002001c00000000004000000030108000500000000b020000000050000000c027404f8
06040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000010202225379737465 6d000000000000
00b4f606000000000100000000000000192437fe040000002d010000040000002d010000040000000201010 01c0
00000fb02a4ff000000000000900100000000440002243616c6962726900000000000000000000000000000000
0000000000000000000040000002d010100040000002d010100040000002d0101000500000009020000000 20d00
0000320a57000000010004000000000f5067204200036000500000009020000000204000000 2d010000040000
002d010000030000000000

É sumamente importante que o professor e educador esteja sempre consciente de que não basta organizar o ensino de acordo com as relações humanas comuns; é preciso estruturá-lo a partir da compreensão do homem interior. O erro de organizar o ensino de acordo com o relacionamento comum das pessoas é justamente o socialismo corriqueiro que se dispõe a cometer. Imaginem só se a escola do futuro fosse estruturada segundo o ideal dos socialistas marxistas comuns. Na Rússia já aconteceu; por isto é que lá a reforma escolar de Lunatcharski [a] é algo terrível. É a morte de toda a cultura! E se já do restante bolchevismo surge tanta coisa ruim, o pior de tudo será o método de ensino bolchevista! Pois exterminará radicalmente tudo que foi transmitido, sob forma de cultura, dos tempos mais antigos. Não atingirá apenas a primeira geração: terá certamente poderes tais junto às gerações vindouras que em breve desaparecerá da face da Terra qualquer cultura. Isto alguns deveriam saber. Neste mesmo ambiente os Senhores já ouviram cantar louvores ao bolchevismo pessoas que nem suspeitam que com isso o próprio elemento demoníaco é inserido no socialismo.

Aqui é preciso prestar especial atenção. Deveria haver homens cônscios de que o progresso no sentido social exige da educação uma compreensão tanto mais íntima do ser humano. Convém saber que cabe ao educador e professor do futuro captar o que há de mais íntimo na natureza humana; que se terá de conviver com esse âmago, e que o relacionamento habitual entre os adultos não pode ser aplicado no ensino. Que pretendem, pois, os marxistas comuns? Querem estruturar a escola de forma socialista, eliminar a reitoria sem instalar nada em seu lugar e deixar o quanto possível as crianças educarem-se a si próprias. Algo terrível resultará disso!

Uma vez estivemos num educandário rural e quisemos assistir, no contexto de seu ensino, à aula mais sublime: a aula de Religião. Entramos na classe. No peitoril da janela estava sentado um garoto balançando as pernas para o lado de fora; um outro estava deitado de bruços num lugar qualquer, com a cabeça erguida. Era mais ou menos assim que todos os alunos se distribuíam pela sala. Então chegou o dito professor de Religião e leu, sem introdução especial, uma novela de Gottfried Keller. [b] Os alunos acompanharam sua leitura com as mais diversas traquinagens. Tendo ele terminado, estava finda a aula de Religião, e reinou liberdade total. Durante essa experiência me dei conta de que perto desse educandário havia um grande estábulo de carneiros — e a alguns passos dele viviam esses alunos. É óbvio que essas coisas também não devem ser repreendidas severamente. No fundo há muita boa vontade, mas trata-se de um total desconhecimento daquilo que tem de ocorrer para a cultura do porvir.

O que se procura fazer, hoje em dia, segundo o programa socialista? Quer-se fazer com que as crianças tenham entre si um tipo de relações idêntico ao dos adultos. É a medida mais errônea que se pode tomar na educação! Devemos sempre lembrar que a criança deve desenvolver em suas forças corpóreas e anímicas algo bem diferente do que

a Anatoli Vassilievitch Lunatcharski *(1875-1933),* nomeado comissário do povo para a Educação após a revolução bolchevista de outubro/1917 na Rússia, cargo que exerceu até 1919. (N.T.)

b Nascido em 1819 e falecido em 1890, foi um narrador realista, considerado o maior humorista da literatura alemã. Ateu, alegre e liberal-democrata, seu melhor romance é *Der grüne Heinrich (1855).* (N.T.)

os adultos desenvolvem em suas relações mútuas. A educação e o ensino devem, pois, levar em conta aquilo que jaz bem no fundo da alma; do contrário não se progredirá. Com isto, cabe perguntar: que elemento do ensino e da educação atua sobre a natureza volitiva do homem? Essa pergunta deve ser levada seriamente em consideração.

Pensando no que foi dito ontem, os Senhores se lembrarão: tudo que é intelectual já é vontade envelhecida, já é a vontade no ancião. Portanto, todo ensino intelectual, toda admoestação, tudo que na educação é vazado em conceitos não atua na criança na idade apropriada ao aprendizado. Resumamos o assunto mais uma vez, de forma a saber: o sentimento é vontade evolvente, ainda não nascida; mas na vontade vive o homem total, de forma que na criança é preciso contar com as resoluções subconscientes. Evitemos acreditar que com tudo que julgamos ter elaborado mentalmente muito bem exerçamos uma influência sobre a vontade da criança. Ora, temos de perguntar: como, então, exercer uma influência positiva sobre a natureza sentimental da criança? Só o poderemos pela repetição das ações! Não é dizendo uma vez à criança o que é correto que os Senhores provocarão o acertado desempenho do impulso volitivo, mas à medida que a levarmos a fazer algo hoje, amanhã e depois de amanhã. O certo não consiste em impingir à criança admoestações e preceitos de moral, mas em dirigi-la a algo que se considere capaz de despertar-lhe o sentimento para o correto, deixando-a fazê-lo repetidamente. Tal ação deve tornar-se um hábito. Quanto mais ficar entre os hábitos subconscientes, melhor para o desenvolvimento do sentimento; quanto mais a criança estiver consciente de repetir a ação dedicadamente porque esta deve ser executada, tanto mais estaremos elevando isto ao real impulso volitivo. Sendo assim, mais repetição inconsciente cultiva o sentimento; repetição plenamente consciente cultiva o autêntico impulso volitivo, porque realça a força de resolução. E a força de resolução, que normalmente fica apenas no subconsciente, é aguçada pela repetição consciente de certas ações pela criança. No que se refere ao cultivo da vontade, não devemos, portanto, insistir no que é importante na vida intelectual. Nesta, contamos sempre com o seguinte: ensina-se a criança, considerando-a tanto melhor quanto mais compreendeu o assunto. Atribui-se o melhor valor a ensinar uma só vez; então o assunto deve apenas ser retido, lembrado. Mas aquilo que pode assim ser aprendido e lembrado de um só lance não atua sobre o sentimento nem sobre a vontade; sobre estes atua aquilo que é sempre repetido, e sendo considerado, pelas circunstâncias, corretamente executado.

As formas antigas de educação, de cunho mais ingênuo e patriarcal, aplicaram esse princípio também de forma ingênua e patriarcal. Isso se tornou simplesmente um hábito. Em todas essas coisas aplicadas desta maneira reside algo bem pedagógico. Por que é que, por exemplo, se reza a cada dia o mesmo Pai-nosso? Se o homem moderno tivesse de ler a cada dia a mesma história, ele nem o faria, por isto lhe parecer muito enfadonho. O homem moderno é adestrado para ter experiências únicas. Os homens de antes aprenderam não só a rezar todo dia o mesmo Pai-nosso — tinham ainda um livro de contos que liam no mínimo uma vez por semana. Isso os tornou, no que concerne à vontade, mais vigorosos que os homens atuais, frutos da educação moderna; pois o treino da vontade depende da repetição, e da repetição consciente. É isso que se deve levar em conta. Não basta, portanto, afirmar de modo abstrato que se deve educar também a vontade. Pois então alguém poderá pensar que se ele próprio possuir algumas boas idéias para o cultivo da vontade, incutindo-as na criança por qualquer método refinado, muito contribuirá para a educação da vontade. Na realidade isso não produz efeito algum — pois as crianças exortadas para a moralidade tornam-se apenas adultos fracos e nervosos. Teremos adultos interiormente fortes se dissermos, por exemplo, às crianças: — Voce vai fazer hoje isto, e você aquilo, e amanhã e depois de amanhã ambos vão fazê-lo de novo. — Aí elas o farão com base na autoridade, sabendo que alguém deve mandar na escola. Portanto: a cada aluno um tipo de tarefa a cumprir por dia, e, se necessário, durante todo o ano escolar — eis o que atua fortemente sobre a formação da vontade. Isso cria em primeiro lugar um contato entre os alunos, depois reforça a autoridade do educador, além de constituir uma

atividade repetida que atua fortemente sobre a vontade.

Por que o elemento artístico atua tão especialmente sobre a formação da vontade? Primeiro porque o exercício consiste na repetição, e segundo porque a pessoa sente um prazer sempre renovado pelo que aprendeu em matéria de arte. Aprecia-se o artístico sempre novamente, e não apenas da primeira vez. O elemento artístico tem, já de per si, a propriedade de alegrar o homem não só uma vez, mas sempre de novo. Daí a relação entre as nossas intenções pedagógicas e o elemento artístico.

QUINTA CONFERÊNCIA
26 de agosto de 1919

Falamos da natureza da vontade à medida que esta se entrosa no organismo humano. Aproveitemos agora o que aprendemos sobre as relações da vontade com o homem, para a observação da restante entidade humana.

Os Amigos terão notado que em minhas abordagens anteriores considerei principalmente, de um lado, a atividade intelectual e cognitiva e, de outro, a atividade volitiva. Mostrei-lhes as relações de ambas com a organização nervosa e com a atividade sangüínea, respectivamente. Pensando sobre o assunto, os Senhores perguntarão: o que acontece com a terceira capacidade anímica, a do sentir? Desta temos falado até agora muito pouco. Estudando-a, porém, mais profundamente hoje, teremos também a possibilidade de penetrar mais intensamente nos dois outros lados da natureza humana — o cognitivo e o volitivo.

Contudo, devemos ainda esclarecer-nos a respeito de apenas um ponto: não é possível perfilar tão abstratamente as faculdades anímicas — pensar, sentir e querer —, porque na alma viva uma atividade sempre se transmite à outra.

Observem, de um lado, a vontade. Os Senhores poderão constatar que não podem querer o que não tenham vazado em representações, isto é, em atividade cognitiva. Procurem concentrar-se em seu querer, mesmo numa auto-observação superficial, e sempre haverão de constatar que o ato volitivo abrange sempre uma representação mental qualquer. Os Amigos não seriam seres humanos se no ato volitivo não estivesse presente a representação. Realizariam tudo que emana da vontade a partir de uma atividade instintiva e embotada, caso não impregnassem essa ação com atividade representativa.

Mas assim como o representar está presente em toda atividade volitiva, a vontade permeia todo pensar. Também a esse respeito uma auto-observação, mesmo superficial, permitir-lhes-á constatar que ao pensar sempre fazemos fluir a vontade para a formação do pensamento. A maneira como formamos pensamentos, como ligamos um pensamento a outro, como passamos ao julgamento e à conclusão, tudo isso é permeado de uma atividade volitiva mais sutil. Cabe-nos então dizer: a atividade volitiva é "principalmente" volitiva, e contém a corrente subjacente do pensar; a atividade pensante é "principalmente" pensante, e leva como corrente subjacente a atividade volitiva. Portanto, ordenar intelectualmente lado a lado já não é possível no caso das atividades anímicas, pois uma transborda para a outra.

Essa intercomunicação das atividades anímicas, observável na alma, acha-se expressa no corpo em que a atividade anímica se manifesta. Vejam, por exemplo, o olho humano. Pelo olho adentro, em sua totalidade, prolongam-se os nervos; mas também penetram no olho os vasos sangüíneos. Em decorrência do prolongamento dos nervos para o olho, neste penetra a atividade pensante ou cognitiva; o prolongamento dos vasos sangüíneos faz penetrar nele a atividade volitiva. Assim, também no corpo, indo até a periferia das atividades sensoriais, há uma interligação dos elementos volitivo e ideativo ou cognitivo. O mesmo acontece com todos os sentidos, mas também com os membros motores que servem ao querer. Em nosso querer, em nossos movimentos penetra pelos nervos o

elemento cognitivo, e pelas veias o elemento volitivo.

Cumpre-nos agora investigar a forma específica da atividade cognitiva. Já fizemos menção a tudo que constitui esse complexo de atividades que nos proporciona conhecimentos e representações; porém, devemos conscientizá-lo totalmente. Já dissemos que no conhecer e no representar existe de fato antipatia. É tão curioso: tudo que se inclina para as representações é permeado de antipatia. Os Senhores dirão: "Ora, quando contemplo alguma coisa não exerço antipatia!" Mas exercem, sim! Exercem-na olhando para um objeto. Se houvesse em nosso olho apenas a atividade dos nervos, todo objeto visto pelos olhos seria repugnante, antipático. Só pelo fato de na visão penetrar a atividade volitiva, baseada na simpatia, só pelo fato de o sangue chegar até o olho é que a sensação da antipatia é apagada em nossas observações sensoriais; e por um equilíbrio entre a simpatia e antipatia surge o ato neutro e objetivo da visão. Ele surge à medida que a simpatia e a antipatia se equilibram, sendo que esse intercâmbio não se torna consciente.

Se estudarem a Teoria das Cores, de Göethe, que durante este evento já mencionei uma vez, em particular a parte fisiológico-didática, os Senhores verão que, pelo fato de Göethe não hesitar em aprofundar-se na atividade da visão, logo se evidenciam nas tonalidades cromáticas os elementos simpático e antipático. Basta penetrar um pouco na atividade de um órgão sensório para logo se ter uma manifestação dos elementos da simpatia e da antipatia. Mesmo na atividade anímica, o antipático resulta da autêntica parte cognitiva, aquela das representações, dos nervos, enquanto o simpático provém da parte volitiva, aquela do sangue.

Uma notável diferença, já mencionada por mim nas conferências antroposóficas gerais, existe entre o homem e os animais no que se refere à estrutura do olho. É *sul generis* o fato de o animal ter em seu olho mais atividade sangüínea que o homem. Em certos animais até se encontram órgãos que servem a essa atividade sangüínea do olho, como a "cartilagem ensiforme" e o "leque". Daí se pode verificar que o animal concentra no olho — e também nos demais sentidos — uma atividade sangüínea maior do que o faz o homem. Isto significa que o animal desenvolve em seus sentidos muito mais simpatia, simpatia instintiva pelo mundo ambiente, que o homem. Este tem, na realidade, mais antipatia pelo mundo, a qual porém não vem à consciência na vida normal. Tal só ocorre se a contemplação do mundo se intensifica até à impressão à qual reagimos com repulsa. Esta é apenas uma impressão intensificada de toda percepção sensorial: reagir à impressão exterior com repugnância. Se os Amigos, indo para um lugar malcheiroso, sentem repulsa, esta sensação nada mais significa do que uma intensificação do que ocorre em toda atividade sensorial; só que em geral a sensação de repugnância fica aquém do limiar da consciência. Se não tivéssemos, em relação ao mundo em redor, antipatia superior à do animal, nós, homens, não nos separaríamos tão fortemente de nosso ambiente quanto realmente o fazemos. O animal, sentindo para com seu ambiente simpatia maior, está muito mais unido a ele, dependendo, por isso, muito mais que o homem, de fatores como o clima, as estações do ano etc. Por ter maior antipatia em relação ao ambiente é que o homem é uma personalidade. A circunstância de podermos isolar-nos do mundo ambiente por uma antipatia subliminar à consciência é que produz nossa consciência pessoal isolada.

Com isto apontamos algo que contribui com um aspecto essencial para a compreensão total do ser humano. Vimos como na atividade cognitiva ou das representações mentais confluem o pensar e o querer, ou seja, fisicamente falando, as atividades dos nervos e do sangue.

Mas também na atividade volitiva confluem as funções representativas e as volitivas propriamente ditas. Querendo algo, sempre desenvolvemos simpatia a seu respeito. Mas esse querer permaneceria sempre totalmente instintivo se não pudéssemos isolar-nos, como personalidades, da ação e de seu objeto, por meio de uma antipatia acrescida à simpatia do querer. Todavia, a simpatia pelo que se quer predomina, sendo criado um

equilíbrio pela adição da antipatia. Isso faz com que a simpatia permaneça num nível subliminar à consciência, penetrando apenas algo dela no desejado. Nos atos — de fato muito numerosos — que executamos não apenas por motivos da razão, mas com real entusiasmo, dedicaçâô e amor, a simpatia prepondera no querer a ponto de ascender sobre os limites de nossa consciência, de modo que o nosso querer nos parece imbuído de simpatia, enquanto de outra forma parece algo objetivo unido ao meio ambiente. Da mesma maneira como a antipatia só se nos pode tornar consciente na cogniçào de uma maneira excepcional, e não sempre, nossa perene simpatia para com o mundo só poder tornar-se consciente em casos excepcionais — em casos de entusiasmo ou de entrega amorosa. Caso contrário executaríamos tudo instintivamente. Nunca poderíamos integrar-nos naquilo que objetivamente o mundo exige de nós — por exemplo, na vida social. Temos de permear justamente o querer com o pensar, para que esse querer nos integre na humanidade geral e no processo cósmico como tal.

Talvez os Amigos possam imaginar melhor o que isso significa, se pensarem um momento nas terríveis devastações que ocorreriam na alma humana se na vida cotidiana tudo isso de que falei se tornasse consciente. Se a alma estivesse sempre consciente dessas coisas na vida comum, o homem perceberia uma boa parte da antipatia que acompanha todas as suas ações. Isso seria terrível! O homem andaria pelo mundo sentindo-se constantemente envolto numa atmosfera de antipatia. Há muita sabedoria no fato de a antipatia ser necessária como uma força para nossas ações, mas sem que dela sejamos conscientes, já que permanece abaixo do limiar de nossa consciência.

Ora, focalizem um notável mistério da natureza humana, um mistério que realmente toda pessoa mais elevada percebe, mas que deveria ser inteiramente conscientizado pelo pedagogo e educador. Enquanto somos crianças pequenas, atuamos mais ou menos por mera simpatia. Por curioso que pareça, tudo que a criança faz e a traquina é realizado por simpatia para com o fazer e traquinagem. Quando nasce no mundo, a simpatia é amor forte, querer vigoroso. Mas não pode permanecer assim; deve permear-se, como que ser continuamente iluminada pela representação mental. Isso se dá, em sentido mais amplo, quando integramos aos nossos instintos os ideais, os ideais morais. E agora os Amigos poderão compreender melhor o que a antipatia realmente significa neste campo. Se os impulsos que percebemos na criança pequena permanecessem durante toda a vida apenas simpáticos como o são para a criança, nós nos desenvolveríamos animalescamente sob a influência dos nossos instintos. Esses instintos devem tornar-se antipáticos para nós — devemos implantar neles a antipatia. Fazendo assim agimos por meio de nossos ideais morais, aos quais os instintos são antipáticos e que, em nossa vida entre o nascimento e a morte, introduzem antipatia na simpatia infantil dos instintos. Por esse motivo, evolução moral é sempre algo ascético. Só que esse elemento ascético deve ser compreendido no sentido correto — trata-se sempre de exercitar o combate ao animalesco.

Tudo isso nos ensinará em quão alto grau o querer não é apenas querer na atuação prática da pessoa, mas é também inteiramente permeado por representações mentais e atividade cognitiva.

Ora, situada no meio entre o conhecer, o pensar e o querer está a atividade humana do sentimento. Imaginando o que lhes desenvolvi agora como querer e pensar, os Senhores podem constatar que de um certo limite central flui, para um lado, tudo que constitui simpatia —querer —, e para o outro lado tudo que se traduz em antipatia — pensar. Mas a simpatia do querer retroage sobre o pensar, e a antipatia do pensar também atua no querer. E assim o homem se torna um todo à medida que o que se desenvolve principalmente de um lado atua também no outro ponto. Ora, bem no meio entre ambos, entre o pensar e o querer, situa-se o sentir, de forma que numa direção tem afinidade com o pensar e noutra com o querer. Tal como já na alma humana total não se pode separar rigorosamente a atividade cognitiva ou pensante da atividade volitiva, menos ainda se pode destacar, no sentir, o elemento pensante do elemento volitivo. No sentir estes se entremeiam com todo o vigor.

0100090000038d00000002001c000000000040000000301080005000000b020000000005
0000000c027404f806040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc02000000000102
022253797374656d00000000000000b4f606000000000100000000000000192437fe040000002d
010000040000002d010000040000000201010001c000000fb02a4ff000000000000900100000000
0440002243616c6962726900000000000000000000000000000000000000000000000000000040000
002d010100040000002d010100040000002d010100050000000902000000020d000000320a570
000000100040000000000f5067204200036000500000009020000000204000002d01000004000
0002d010000030000000000

Também aqui os Senhores poderão, por meio de mera auto-observação mesmo se exercida superficialmente, novamente convencer-se da veracidade de tal afirmativa. O que eu disse até agora já os conduz a observar essa veracidade, pois eu lhes afirmei que o querer, decorrendo objetivamente na vida cotidiana, intensifica-se até à atividade a partir do entusiasmo, do amor. Aí se vê bem nitidamente, permeado pelo sentir, um querer que normalmente é provocado pela necessidade da vida exterior. Ao fazer algo de forma entusiástica ou amorosa os Senhores fazem o que flui da vontade, deixando-o ser permeado por um sentimento subjetivo. Mas também no caso da atividade sensorial os Senhores poderão ver, se observarem bem — justamente por meio da teoria goethiana das cores — como a ela se mescla o sentir. E quando a atividade sensorial se intensifica até à repulsa ou, por outro lado, à aspiração da fragrância floral agradável, também aí temos a atividade do sentimento transbordando livremente para a atividade sensorial.

Mas também para a atividade pensante flui a atividade do sentimento. Uma vez houve uma notável — pelo menos exteriormente —contenda filosófica (na história das cosmovisões houve muitas controvérsias filosóficas) entre o psicólogo Franz Brentano e o especialista em lógica Sigwart, em Heidelberg. Os dois senhores discutiam sobre o que é que reside na atividade ajuizante do homem. Sigwart opinava que na emissão do juízo "O homem deve ser bom" há sempre a participação de um sentimento — o sentimento é que toma a decisão. Brentano opinava que a atividade do juízo e a atividade do sentimento, existentes nas emoções, seriam tão diversas que a função ajuizante, a atividade do juízo, não poderia absolutamente ser compreendida se acaso se acreditasse que o sentimento tomasse parte nela. Achava que com isso algo de subjetivo se introduziria no juízo, ao passo que este deseja ser objetivo.

Tal discussão só serve para mostrar à pessoa compreensiva que nem os psicólogos nem os lógicos chegaram aonde deveriam chegar: à interpretação das atividades anímicas. Pensem no que realmente deve ser observado aqui. De um lado temos a atividade do juízo, que naturalmente deve decidir sobre algo totalmente objetivo. O fato de que o homem deve ser bom não deve depender de nosso sentimento subjetivo. Portanto, o conteúdo do juízo deve ser objetivo. Porém quando julgamos entra em cena algo totalmente diverso. As coisas que são objetivamente corretas ainda não são, por isso, conscientes em nossa alma. Primeiro temos de acolhê-las aí conscientemente. E nenhum juízo é acolhido conscientemente em nossa alma sem a colaboração da atividade do sentimento. Portanto, devemos dizer que Brentano e Sigwart teriam chegado a um consenso se ambos tivessem concluído que o conteúdo objetivo do juízo se mantém excluído da atividade do sentimento; e que, no entanto, para surgir na alma humana

subjetiva a convicção da exatidão do juízo, é preciso desenvolver-se a atividade do sentimento.

Disso se evidencia o quanto é difícil chegar a conceitos exatos adotando a imprecisão com a qual são cultivadas atualmente as consideracões filosóficas. Antes de tudo é preciso que nos elevemos a tais conceitos exatos, e para os mesmos não há outra educação a não ser por meio da Ciência Espiritual. A ciência exterior pensa ter conceitos exatos e repele os conceitos da Ciência Espiritual Antroposófica, por não fazer idéia alguma de que os conceitos oferecidos por esse lado são muito mais exatos em comparação aos usados hoje — pois derivam da realidade, e não de um mero jogo de palavras.

Acompanhando assim o elemento sentimental em direção ao cognitivo, de um lado, e de outro em direção ao volitivo, os Senhores constatarão que o sentimento se situa como a atividade anímica mediana entre o conhecer e o querer, irradiando sua natureza em ambas as direções. O sentimento tanto é conhecimento quanto vontade ainda em brionários — conhecimeno refreado e vontade refreada. É por isto também que o sentir se compõe de simpatia e antipatia, só que estas se ocultam, como vimos, tanto no conhecer como no querer. Ambas, simpatia e antipatia, existem no conhecer e no querer à medida que corporalmente as atividades nervosa e sangüínea atuam em conjunto porém se escondendo. É no sentir que elas se tornam evidentes.

Como se mostram, pois, as manifestações corpóreas do sentir? Por todo o corpo humano se constata como os vasos sangüíneos tocam de alguma forma os circuitos nervosos. E em todos os pontos onde isto sucede, nasce realmente o sentimento. Só que nos sentidos, por exemplo, tanto o nervo quanto o sangue são tão refinados que não percebemos mais o sentimento. Toda a nossa visão e a nossa audição estão permeadas por um leve sentimento, mas não o percebemos; percebemo-lo tanto menos quanto mais o órgão se encontre isolado do resto do corpo. No ato de ver, na atividade dos olhos, quase não percebemos o simpatizar e o antipatizar próprios do sentimento, porque o olho, incrustado na cavidade óssea, está quase que totalmente isolado do restante do organismo. E são muito refinados os nervos e também os vasos sangüíneos que se estendem para dentro dos olhos. A sensação de caráter sentimental dentro do olho encontra-se bastante reprimida.

Menos reprimido está o elemento sentimental no sentido da audição. A audição está, muito mais que a visão, numa relação orgânica com a totalidade do organismo. Encontrando-se no ouvido inúmeros órgãos bem diferentes dos órgãos do olho, em muitos aspectos o ouvido é uma fiel imagem do que ocorre em todo o organismo. Por isso, o que no ouvido sucede como atividade sensorial é muito fortemente acompanhado de atividade sentimental. E aqui, mesmo pessoas que compreendem muito bem o que ouvem terão dificuldade em distinguir claramente, naquilo que ouviram — especialmente se foi algo artístico —, o que é simples cognição e o que é sentimental. A isto se relaciona um fenômeno muito interessante da época moderna, o qual se inseriu também na produção artística recente.

Todos os Senhores conhecem, nos *Mestres Cantores* de Richard Wagner, a figura de Beckmesser. O que Beckmesser representa, de fato? Representa um entendedor de música que se esquece totalmente de como também o elemento sentimental do homem inteiro atua no elemento cognitivo da audição. Wagner, que fez representar sua própria concepção em Walther, estava imbuído bastante unilateralmente de que o elemento sentimental devia predominar na música. O que em Walther e Beckmesser se contrapõe, a partir de uma concepção equivocada — quero dizer, equivocada em ambos —, à concepção acertada da colaboração entre o elemento sentimental e o cognitivo na música expressou-se num evento histórico: quando de seu aparecimento, ou melhor, quando se tornou notória, a arte de Wagner encontrou um adversário em Viena na pessoa de Eduard Hanslick, que considerava antimusical toda e qualquer expressão sentimental na música de Wagner. Talvez haja poucos textos psicológicos tão interessantes, no âmbito do elemento artístico, como *Vom musikalisch Schönen* [Do musicalmente belo] de Eduard

Hanslick. Aí o autor afirma principalmente que não é um verdadeiro músico nem possui um autêntico sentido musical quem deseja fazer música extraindo tudo do elemento sentimental, e sim aquele que vê na ligação objetiva entre os tons o autêntico nervo do elemento musical — no arabesco isento de sentimentalismo, composto pela justaposição de tons. Eduard Hanslick postula nesse livro, com admirável clareza, que a suprema musicalidade só deve constituir-se de figuras tonais de arabescos, despejando todo o escárnio possível sobre aquilo que constitui justamente o cerne da obra waneriana: a composição tonal a partir do elemento sentimental. O fato de ter sido possível uma tal controvérsia entre Hanslick e Wagner no âmbito musical comprova que psicologicamente as idéias sobre as atividades anímicas permaneciam na penumbra em época recente, do contrário não poderia ter havido, de forma alguma, uma inclinação unilateral como a de Hanslick. Levando, porém, em conta essa unilateralidade, e entregando-se às críticas filosoficamente severas de Hanslick, qualquer pessoa dirá que o livreto *Vom musikalisch Schönen* é brilhante.

Por este exemplo se vê que varia de um sentido para outro a intensidade com a qual o homem inteiro, que se caracteriza inicialmente como ser sentimental, assoma à periferia tipicamente cognitiva.

Isto pode e deve também chamar a atenção dos Senhores, no sentido do discernimento pedagógico, para uma grande devastação no pensamento científico da atualidade. Se aqui não houvéssemos falado de forma preparatória abordando o que os Senhores deverão levar consigo para uma atividade reformadora, os Amigos teriam de recolher dos pedagogos existentes hoje, das psicologias e lógicas disponíveis e dos métodos educacionais, o que pretendem realizar em sua atividade escolar. Teriam de introduzir nessa atividade aquilo que lá fora se tornou habitual. Ora, o que se tornou hoje habitual padece a *priori* de um grande inconveniente já no tocante à psicologia. Em toda psicologia se encontra logo de ínicio uma assim chamada teoria dos sentidos. Ao investigar em que consiste a atividade sensória, obtém-se a atividade sensória do olho, do ouvido, do nariz e assim por diante. Resume-se tudo numa grande abstração denominada "atividade sensorial". Isto é uma grande falha, um erro considerável. Pois basta observarem os sentidos ínicialmente conhecidos dos atuais fisiólogos ou psicólogos e os Senhores poderão constatar, ao observarem o lado corpóreo, que realmente o sentido da visão é algo totalmente diverso do sentido da audição. O olho e o ouvido são duas naturezas bem diferentes. E o que se dirá da organização do sentido do tato, que ainda não foi investigado, nem ao menos da forma relativamente satisfatória como no caso do olho e do ouvido! Porém, vamo-nos ater à visão e à audição. Estas são duas atividades totalmente diversas, de forma que resumi-las numa "atividade sensorial geral" constitui uma teoria obtusa. Quem quisesse proceder corretamente neste âmbito deveria apenas, com uma concreta capacidade de observação, falar da atividade do olho, da atuação do ouvido, da atividade do órgão do olfato etc. Então encontraria uma variedade tão grande que perderia a vontade de estabelecer uma fisiologia geral dos sentidos, tal como a têm os psicólogos de hoje.

Na observação da alma humana, só se chega a um discernimento permanecendo no âmbito que procurei delimitar em meus argumentos tanto em *Verdade e ciência* quanto em *A filosofia da liberdade*. Então se pode falar da alma homogênea sem cair em abstrações. É que aí se pisa em solo firme; parte-se do fato de que o homem se abre para o mundo e não possui a realidade toda. Os Senhores podem ler isto em ambos os livros citados. De início o homem não possui toda a realidade. Primeiramente ele se desenvolve, e nesse desenvolvimento aquilo que antes ainda não constituía realidade se torna verdadeiramente real mediante a interpenetração do pensar e da observação. Antes de mais nada o homem conquista a realidade. A este respeito o kantismo, que se imiscuiu em tudo, introduziu as mais terríveis devastações. O que faz, enfim, o kantismo? Afirma dogmaticamente, a *priori:* o mundo que nos circunda tem de ser primeiro observado, sendo que em nos existe apenas a imagem espelhada desse mundo. Assim chega ele a to-

das as suas deduções. Kant não percebe claramente o que está ao redor do homem — pois a realidade não está no derredor nem tampouco no fenômeno; a realidade só emerge pouco a pouco à medida que a conquistamos, de forma que constitui a última coisa a nos aparecer. No fundo, a verdadeira realidade é o que o homem contempla no momento em que não mais pode expressar-se — naquele momento, pois, em que ele atravessa o portal da morte.

Muitos elementos errôneos se introduziram na cultura moderna, atuando com maior incidência no âmbito da pedagogia. Por isso devemos esforçar-nos para substituir os falsos conceitos pelos corretos. Então poderemos executar também corretamente o nosso mister pedagógico.

SEXTA CONFERÊNCIA
27 de agosto de 1919

Até aqui procuramos compreender o homem do ponto de vista anímico, à medida que essa compreensão se faz necessária para a educação da criança. Teremos de diferenciar os três pontos de vista — o espiritual, o anímico e o físico — e, para chegar a uma antropologia integral, observar o homem a partir de cada um deles. A observação anímica constitui a mais imediata, porque na vida comum é justamente o elemento anímico que é mais acessível no homem. E os Senhores também terão percebido que apontamos o âmbito anímico ao empregar a antipatia e a simpatia como conceitos principais para essa compreensão do ser humano. Não nos será oportuno passarmos diretamente do anímico ao físico, pois a partir de nossas observações científico-espirituais sabemos que o corpóreo só pode ser compreendido como uma manifestação tanto do anímico quando do espiritual. Portanto, à observação anímica que esboçamos em linhas gerais acrescentaremos agora uma observação do homem do ponto de vista espiritual, para só então passar a abordar mais especificamente a assim chamada antropologia, a observação do ser humano tal como este se manifesta no mundo físico.

Se quiserem observar convenientemente o homem de qualquer ponto de vista, os Senhores terão de recorrer sempre de novo à diferenciação das atividades anímicas humanas entre conhecer (que decorre no pensar), sentir e querer. Até aqui consideramos o pensar ou conhecer, o sentir e o querer dentro da atmosfera constituída por antipatia e simpatia. Observemo-los agora do ponto de vista espiritual.

Também na observação espiritual os Senhores encontrarão uma diferença entre o querer, o sentir e o conhecer pensante. Basta observarem o seguinte: — À medida que conhecemos pensando, devemos sentir — se me permitem usar uma metáfora, pois a imagem nos ajudará quanto aos conceitos — que de certa forma vivemos na luz. No conhecer sentimo-nos, com nosso eu, inteiramente imersos nessa atividade cognitiva. De certa forma cada parte, cada componente dessa atividade a que chamamos conhecer está dentro de tudo que nosso eu faz; e mais: o que nosso eu faz está dentro da atividade cognitiva. Estamos totalmente na claridade, vivemos numa atividade plenamente consciente — para usar uma expressão conceitual. Aliás, seria ruim se no conhecer não estivéssemos numa atividade totalmente consciente. Imaginem se os Senhores tivessem de sentir o seguinte: enquanto elaborassem um juízo, algo ocorreria com seu eu em algum ponto do subconsciente, e o resultado desse processo seria o juízo! Suponham que ao dizerem "Esse é um bom homem" estejam emitindo um juízo. Os Senhores devem estar cônscios de que aquilo de que necessitam para emitir esse juízo — o sujeito "esse (homem)" e o predicado "é um bom homem" — são componentes de um processo que lhes é bem presente, que para os Senhores está totalmente permeado pela luz da consciência. Se tivessem de supor que algum demônio ou mecanismo da Natureza atasse o "homem'~ com "ser bom" enquanto emitissem o juízo, então os Senhores não estariam plenamente conscientes dentro desse ato pensante cognitivo, e estariam sempre com uma parte do

juízo no inconsciente. No conhecer pensante é essencial que em toda a trama dessa atividade estejamos presentes com plena consciência.

O mesmo não ocorre no querer. Os Senhores sabem muito bem que, ao desenvolver o mais simples querer — ao andar —, estão de fato vivendo bem conscientemente apenas na representação desse andar. O que se realiza dentro de seus músculos enquanto movimentam para a frente uma perna após a outra, o que ocorre no mecanismo e no organismo de seu corpo, disso os Senhores nada sabem. Imaginem só tudo o que teriam de aprender do mundo se tivessem de realizar conscientemente todos os dispositivos necessários para querer andar! Deveriam então saber, enquanto se esforçam por andar, exatamente o quanto seria necessário de substâncias nutritivas para possibilitar o movimento dos músculos de suas pernas e de outros músculos corporais. Os Senhores nunca calcularam o quanto necessitam daquilo que a alimentação lhes proporciona, pois sabem muito bem que tudo isso acontece em sua corporalidade de forma muito, muito inconsciente. Enquanto queremos, em nossa atividade se imiscui continuamente um elemento profundamente inconsciente. Isto não se passa pura e simplesmente ao observarmos a natureza do querer em nosso próprio organismo. Tampouco o que realizamos ao dirigir nosso querer ao mundo exterior é plenamente abrangido por nós com a luz da consciência.

0100090000038d00000002001c000000000040000000301080005000000b020000000050000000c027
404f806040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222537973746 56d000
00000000000b4f6060000000001000000000000000192437fe040000002d010000040000002d01000004000
000020101001c000000fb02a4ff000000000000900100000000440002243616c6962726900000000000000
0000000000000000000000000000000000000000040000002d010100040000002d010100040000002d010100
0500000009020000000 20d000000320a57000000010004000000000f5067204200036000500000009020 0
00000204000000 2d010000040000002d010000030000000000

Suponham dispor de duas estacas robustas, e que depositam uma terceira sobre as mesmas, em sentido horizontal. Procurem distinguir agora, com exatidão, entre a atividade cognitiva plenamente consciente, existente em tudo que fizeram, e aquilo que reside nessa mesma atividade quando os Senhores emitem o juízo “Um homem é bom”, no qual estão totalmente presentes com sua capacidade de conhecer. Por obséquio, façam uma distinção entre a atividade cognitiva aí existente e aquilo de que os Senhores nada sabem, apesar de o haverem executado com sua vontade plena: por que essas duas colunas sustentam, mediante certas forças, a viga depositada sobre elas? Para essa questao a Física possui até hoje apenas hipóteses. E quando as pessoas acreditam saber por que as duas estacas suportam a viga, estão apenas se iludindo. Tudo que possuímos como conceitos de coesão, de adesão, de forças de atração e repulsão constituem, no fundo, apenas hipóteses para a ciência exterior. Contamos com essas hipóteses exteriores enquanto agimos; contamos com o fato de que as estacas que devem sustentar a viga não desmoronarão, desde que tenham uma certa robustez. Não podemos, porém, discernir todo o processo pertinente, como tampouco podemos discernir os movimentos de nossas pernas ao esforçar-nos para caminhar. Assim, também aqui se imiscui em nosso querer um elemento que não atinge nossa consciência. O querer contém, na mais ampla proporção, um aspecto inconsciente.

E o sentir ocupa uma posição mediana entre o querer e o conhecer pensante. Ocorre então que é parcialmente permeado pela consciência e parcialmente por um elemento inconsciente. Dessa forma, o sentir participa tanto da característica de um pensar cognitivo quanto da característica de um querer sensível ou sentido. Ora, como é que isso se explica, enfim, de um ponto de vista espiritual?

Os Senhores só chegarão a um entendimento se, do ponto de vista espiritual, interpretarem da seguinte maneira os fatos caracterizados acima: — Em nossa vida cotidiana falamos de vigília, do estado consciente desperto. No entanto, só possuímos esse estado na atividade do pensar cognitivo. Querendo-se, pois, falar bem exatamente do quanto a pessoa está desperta, cumpre afirmar que alguém só está realmente vigilante na medida e na extensão em que está conhecendo qualquer coisa por meio do pensar.

O que sucede com o querer? Todos os Senhores conhecem o estado de consciência — chamem-no também, não importa, de "estado de inconsciência" — do sono. Sabem que enquanto dormimos, desde o adormecer até o despertar, o que vivenciamos não se encontra em nossa consciência. É justamente isso que também ocorre com tudo que permeia nosso querer como elemento inconsciente. À medida que, como homens, somos seres volitivos, estamos dormindo mesmo enquanto acordados. Trazemos sempre conosco um homem dormente — ou seja, o homem volitivo — e acompanhamo-lo com o homem vigilante, com o homem que conhece pensando; enquanto seres volitivos, estamos dormindo também do acordar ao adormecer. Há sempre algo dormindo conosco: a natureza íntima do querer. Dela não estamos mais fortemente cônscios do que estamos daqueles processos que sucedem conosco durante o sono. Não se conhece completamente o homem quando não se sabe que o sono interfere na vigília à medida que o homem é um ser volitivo.

O sentir situa-se no meio, cabendo então a pergunta: como é que a consciência está no sentir? Ora, esta também se localiza no meio entre a vigília e o sono. Os sentimentos que vivem em sua alma os Senhores os conhecem tal qual conhecem os sonhos — só que os sonhos são lembrados, e os sentimentos são imediatamente experimentados. Mas o estado e a disposição de alma que temos ao saber de nossos sentimentos não diferem daqueles que temos diante de nossos sonhos. Na vigília não somos apenas pessoas vigilantes ao conhecer pensando, e pessoas dormentes ao querer; somos também sonhadores à medida que sentimos. Portanto, enquanto estamos despertos nos são despejados, de fato, três estados de consciência: a vigília propriamente dita no conhecer pensante, o sonhar no sentir, o dormir no querer. O sono habitual sem sonhos é considerado, do ponto de vista espiritual, como nada mais senão o abandono do homem, com toda a sua entidade anímica, ao âmbito ao qual ele se entrega com seu querer no decorrer do dia. A única diferença é que no sono autêntico nós dormimos com todo o nosso ser anímico, e na vigília só dormimos com nosso querer. Ao sonhar, como se diz habitualmente, entregamo-nos com nosso ser total ao estado anímico que denominamos sono, e na vigília só nos abandonamos a esse sono onírico enquanto sentimos.

Do ponto de vista pedagógico, agora os Senhores não mais se admirarão ao constatar que as crianças divergem no tocante ao grau de vigília de sua consciência. Pois descobrirão que crianças nas quais predomina a vida dos sentimentos são crianças sonhadoras, de forma que, não lhes estando desperto ainda na infância o pleno pensar, estarão facilmente entregues a um caráter sonhador. Então os Senhores tomarão este fato como motivo para atuar sobre tal criança por meio de sentimentos fortes — e poderão também ter a esperança de que esses sentimentos fortes despertarão nela o conhecer claro, pois todo estado de sono tem a tendência, segundo o ritmo da vida, a acordar após algum tempo. Ora, se abordarmos com emoções fortes tal criança aninhada sonhadoramente na vida dos sentimentos, após algum tempo essas emoções despertarão por si mesmas como pensamentos.

Crianças ainda mais apáticas, mostrando-se até mesmo embotadas face à vida sentimental, evidenciarão estar fortemente predispostas especialmente para a vontade. Aí se vê que, considerando estes fatos, pode-se enfrentar pela cognição muitos enigmas da vida infantil. Os Senhores podem receber na escola uma criança que se comporte como um verdadeiro retardado. Se imediatamente a julgassem débil mental, estúpida, investigassem-na com a psicologia experimental, procedessem a belos testes de memória e todo tipo de coisas que se fazem hoje nos laboratórios psicopedagógicos, dizendo por

fim: — Segundo toda a sua disposição, a criança retardada deve ir para uma escola de débeis mentais, ou mesmo para a hoje tão prezada escola para deficientes —, então os Senhores não conheceriam de perto a natureza da criança. No entanto, talvez essa criança, em especial fortemente predisposta à vontade, seja uma dessas crianças que, em idade posterior, transformará seu temperamento colérico em atuação enérgica. Porém a vontade dorme, por enquanto. E se nessa criança o raciocínio está condenado a manifestar-se apenas mais tarde, cabe-nos então tratá-la também adequadamente para que ela possa depois ser estimulada a realizar algo com empenho. De início ela parece um autêntico retardado, o que no entanto talvez não seja em absoluto. E é preciso que se tenha a visão necessária para despertar a vontade em tal criança; isto significa inteferir em seu estado de sono acordado a ponto de despertá-la cada vez mais — porque todo sono tem tendência a acordar —, de forma que seu sono enquanto vontade, que talvez seja bastante forte mas esteja dormindo, desperte em idade posterior. Tal criança deve ser tratada apelando-se o menos possível ao seu raciocínio e à sua compreensão, mas sim, de certa forma, "martelando-se" algumas coisas atuantes sobre a vontade, fazendo-a andar ao mesmo tempo em que fala. Levem tal criança — não deverá haver muitas — para a frente da classe (para as outras crianças isto será animador, e para esta será construtivo) e façam-na dizer frases acompanhando as palavras com movimentos: "O (passo) — homem (passo) — é (passo) — bom (passo)!" Desta maneira os Senhores ligarão a pessoa total, no elemento volitivo, com o simplesmente intelectual no conhecer, e poderão cada vez mais despertar a vontade dessa criança para o pensamento. Somente o discernimento de que no homem desperto já é preciso lidar com diversos estados de consciência — com a vigília, o sonho e o sono — nos conduzirá a um real conhecimento de nossas tarefas diante do ser humano em evolução.

Cabe agora a seguinte pergunta: como é que o verdadeiro centro do homem, o eu, se relaciona com esses diversos estados? Será fácil respondê-la pressupondo-se *a priori* o que é indiscutível: o que chamamos de Universo, de Cosmo, é uma soma de atividades. Essas atividades se nos manifestam nos diversos âmbitos da vida elementar. Sabemos que nessa vida elementar reinam forças, como a força vital que, por exemplo, está ao nosso redor. E entre as forças elementares e a força vital está entretecido tudo que, por exemplo, o calor e o fogo provocam. Basta pensarmos em tudo que o fogo provoca no ambiente em que nos encontramos.

Em certas regiões da Terra, por exemplo no sul da Itália, basta queimarmos uma bolinha de papel para no mesmo instante começar a sair forte fumaça do solo. Por que isso acontece? Porque mediante a combustão do papel e do calor assim provocado nós rarefazemos o ar nesse lugar, e as forças que normalmente são subterrâneas são impelidas a emergir por meio da fumaça ascendente; e no momento em que queimamos o papel e o atiramos ao chão, ficamos envoltos por uma nuvem de fumaça. Esta é uma experiência que todo turista pode fazer na região de Nápoles. Citei-a como exemplo para o fato de que, observando o mundo não apenas superficialmente, devemos concluir que vivemos num ambiente permeado de forças por toda parte.

Ora, existem também forças superiores ao calor, e que da mesma forma estão ao nosso redor. Nós as atravessamos sempre que, como homens físicos, andamos pelo mundo. Nosso corpo físico, sem que o saibamos pelo conhecimento habitual, é constituído de forma a suportarmos isso, e assim podemos caminhar pelo mundo.

Com nosso eu, o mais jovem elemento de nossa evolução, não poderíamos atravessar essas forças do mundo caso esse eu tivesse de entregar-se às mesmas diretamente. Esse eu não poderia entregar-se a tudo que está ao seu redor e no qual ele está inserido. Ele ainda precisa ser resguardado de derramar-se nas forças do mundo, pois ainda deverá desenvolver-se para um dia poder penetrar nessas forças. Agora ele ainda não é capaz disso, sendo por isso necessário que, para o eu plenamente desperto, não sejamos colocados no mundo real que nos circunda, mas apenas na imagem do mundo. Portanto, em nosso conhecer pensante só possuímos a imagem do mundo, o que já indicamos do

ponto de vista anímico. Observemo-lo agora também do ponto de vista espiritual. Na cognição pensante vivemos em imagens; e sendo homens no presente estágio de evolução, situados entre o nascimento e a morte, só podemos viver, com nosso eu plenamente desperto, em imagens do Cosmo, e não ainda no Cosmo real. É por isso que, em estado de vigília, nosso corpo deve produzir-nos as imagens do Cosmo, para então nosso eu viver nessas imagens.

Os psicólogos fazem imensos esforços para constatar as relações entre o corpo e a alma. Falam de ação recíproca entre corpo e alma, de paralelismo psicofísico e de outras coisas mais. Tudo isso não passa, no fundo, de conceitos infantis, pois o processo real, nesse caso, é o seguinte: quando, pela manhã, o eu passa ao estado de vigília, penetra no corpo físico — mas não no processo físico do corpo, e sim no mundo de imagens dos processos exteriores que o corpo produz até o seu mais profundo íntimo. Com isto o conhecer pensante é transmitido ao eu.

No sentir é diferente. Aí o eu já penetra no corpo real, e não simplesmente nas imagens. Se, no entanto, durante essa penetração estivesse plenamente consciente, ele — tomem isto agora animicamente — literalmente se incendiaria. Se em seu sentir ocorresse o mesmo que em seu pensar enquanto os Senhores penetrassem com seu eu nas imagens produzidas por seu corpo, então os Senhores se incendiariam animicamente: não o suportariam, pois só sonhando, num estado de consciência obscuro, podem vivenciar essa penetração representada pelo sentir. Somente no sonho suportamos aquilo que no sentir acontece de fato em nosso corpo.

E o que sucede no querer só podemos vivenciar enquanto dormimos. Seria horrível se na vida cotidiana tivéssemos de compartilhar tudo que ocorre em nosso querer. Os Senhores sofreriam a dor mais terrível, por exemplo, caso — o que já indiquei — realmente tivessem de vivenciar como são usadas em suas pernas, ao andarem, as forças ministradas ao organismo por meio da alimentação. Já é sorte que não o experimentem, ou melhor, que só o experimentem dormindo — pois experimentá-lo acordado significaria a maior dor imaginável.

Os Senhores compreenderão, portanto, que eu agora lhes caracterize a vida do eu durante o que, na vida habitual, se denomina estado de vigília — abrangendo, pois, vigília plena, vigília onírica e vigília dormente —, que eu caracterize aquilo que o eu, enquanto vive no corpo em estado vígil habitual, experimenta de fato na realidade. Esse eu vive no conhecer pensante enquanto desperta no corpo; aí está plenamente desperto. Porém vive aí somente em imagens, de forma que o homem em sua vida entre o nascimento e a morte, caso não realize os exercícios indicados em meu livro *O conhecimento dos mundos superiores,* vive continuamente apenas em imagens através de seu pensar cognitivo.

Então o eu, despertando, penetra nos processos que condicionam o sentir. Viver sentindo: aí não estamos plenamente despertos, e sim sonhando despertos. Como vivenciamos, afinal, aquilo que perfazemos sentindo, no estado onírico de vigília? Vivenciamo-lo de fato naquilo que sempre se denominou inspirações, representações inspiradas, representações inconscientemente inspiradas. Este é o foco de tudo que, no artista, ascende dos sentimentos à consciência desperta, sendo nesse foco experimentado pela primeira vez. Aí é experimentado primeiramente tudo que no homem desperto ascende muitas vezes à consciência vígil como idéias, transformando-se depois em imagens.

0100090000038d00000002001c000000000040000000301080005000000b0200000000050000
000c027404f806040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222
53797374656d00000000000000b4f606000000000100000000000000192437fe040000002d0100
00040000002d010000040000002010100 1c000000fb02a4ff000000000000900100000000440
002243616c6962726900000000000000000000000000000000000000000000000000000040000002d
010100040000002d010100040000002d0101000500000009020000000020d000000320a5700000
0010004000000000f5067204200036000500000000902000000020400000002d010000040000002
d010000030000000000

O que em meu livro *O conhecimento dos mundos superiores* é denominado inspirações constitui apenas a vivência elevada à lucidez, à plena consciência, das inspirações inconscientemente existentes na vida sentimental de todo homem. E quando pessoas especialmente predispostas falam de suas inspirações, falam realmente daquilo que o Universo introduziu em sua vida dos sentimentos e que, por meio de sua predisposição, emergiu em sua consciência plenamente desperta. Isto tanto é conteúdo cósmico quanto o é o conteúdo do pensamento. Mas na vida entre o nascimento e a morte essas inspirações inconscientes espelham tais processos cósmicos, os quais só podemos vivenciar sonhando; do contrário nosso eu se incendiaria nesses processos, ou melhor, se asfixiaria. Essa asfixia tem início também, muitas vezes, na pessoa em estados anormais. Imaginem os Senhores que estejam tendo um pesadelo — um estado se desenrola entre sua pessoa e o ar exterior (quando a reciprocidade entre ambos não está em ordem), querendo transportar-se anormalmente para algo mais. À medida que tenta assomar à sua consciência do eu, não se lhes torna consciente como uma representação normal, mas como uma representação que os atormenta: o pesadelo. E tão perturbadora quanto a respiração anormal no pesadelo seria toda a respiração, cada sopro respiratório, se o homem vivenciasse a respiração de forma totalmente consciente. Ele a vivenciaria sentindo, o que no entanto lhe seria atormentador. Por isso a respiração é abafada, sendo experimentada não como processo físico, mas apenas no sentimento onírico.

E quanto aos processos que se desenrolam no querer, já lhes apontei: isto seria uma dor terrível! Podemos portanto prosseguir dizendo, em terceiro lugar, que na ação volitiva o eu está dormindo. O que aí se vivencia com uma consciência fortemente obnubilada — ou seja, com uma consciência dormente — são intuições inconscientes. Estas o homem possui continuamente, só que vivendo em seu querer. Em seu querer ele dorme, e por isso não pode evocá-las na vida habitual. Elas só emergem em instantes felizes da vida, quando então o homem vivencia o mundo espiritual de maneira bastante nebulosa.

Ora, existe algo de peculiar na vida cotidiana do homem. Todos nós conhecemos a consciência plena na vigília total, típica do pensar cognitivo. Aí estamos, por assim dizer, na lucidez da consciência, como já sabemos. Muitas vezes as pessoas, ao refletir sobre o mundo, começam a dizer que têm intuições. A partir dessas intuições fazem emergir algo sentido de forma imprecisa. O que dizem então pode ser algo bastante confuso, mas pode também estar inconscientemente ordenado. E, afinal, quando o poeta fala de suas intuições, é incontestável que ele não as extrai imediatamente do foco que lhe é mais acessível — das representações inspiradas da vida dos sentimentos —; sendo elas totalmente inconscientes, ele as retira da região do querer adormecido.

Quem observa estas coisas constata, mesmo nas aparentes casualidades da vida, que estas são regidas por leis muito profundas. Lendo-se, por exemplo, a segunda parte do *Fausto,* de Göethe, surge a vontade de saber em profundidade como esses versos notáveis puderam ser produzidos com tal estrutura. Göethe já era idoso ao escrever essa segunda parte, ao menos quanto ao maior trecho. Ele a redigiu ditando-a ao seu secretário John, que, sentado à escrivaninha, procedia à escrita. Se tivesse de escrever ele próprio,

provavelmente Göethe não teria produzido versos tão admiravelmente cinzelados para a segunda parte de seu *Fausto*. Enquanto ditava ele andava de um lado para outro em seu pequeno gabinete em Weimar, e esse ir-e-vir pertence à concepção dessa segunda parte. À medida que Göethe desenvolvia essa ação volitiva inconsciente no andar, algo emergia de suas intuições, em sua atividade externa se manifestava aquilo que ele fazia um outro escrever no papel.

Se os Senhores quiserem fazer um esquema da vida do eu no corpo, elaborando-o da seguinte maneira:

I. Vigília — conhecer pictórico
II. Sonho — sentir inspirado
III. Sono — querer intuitivo ou intuído,

não poderão tornar corretamente compreensível por que o elemento intuitivo, do qual as pessoas falam instintivamente, ascenderia mais facilmente ao conhecer pictórico do dia-a-dia do que o sentir inspirado, mais acessível. Ora, se desenharem agora o esquema corretamente — pois o anterior está errado — tal qual o apresento agora, os Senhores compreenderão com mais facilidade o assunto, concluindo então que na direção da seta 1 o conhecer pensante desce às inspirações, ascendendo novamente às intuições (seta 2). Mas esse conhecer, indicado com a seta 2, é uma descida ao corpo. E agora observem-se a si mesmos: estão em total repouso, sentados ou em pé, dedicando-se apenas ao pensar cognitivo, à observação do mundo exterior. Estão vivendo na imagem. O que, do contrário, o eu vivencia dos processos desce para o corpo, primeiro para o sentir e depois para o querer. O que está no sentir os Senhores não percebem; tampouco percebem, de

0100090000038d00000002001c0000000000040000000301080005000000b0200000000050000
000c027404f806040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222
53797374656d00000000000000b4f606000000000100000000000000192437fe040000002d0100
00040000002d010000040000002010100 1c000000fb02a4ff000000000000900100000000440
002243616c6962726900000000000000000000000000000000000000000000000000000040000002d
010100040000002d010100040000002d0101000500000009020000000 20d000000320a5700000
0010004000000000f50672042000360005000000090200000002040000002d010000040000002
d010000030000000000

início, o que existe no querer. É só quando começam a andar, quando começam a agir, que observam exteriormente não em primeiro lugar o sentir, mas o querer. E na descida ao corpo e nova subida, conforme ilustra a seta 2, o querer intuitivo se aproxima mais da consciência pictórica do que o sentir inspirado onírico. Por isso encontraremos pessoas que tão freqüentemente dizem: "Eu tenho uma intuição indefinida." É que aí se estará confundindo o que em meu livro *O conhecimento dos mundos superiores* se denomina intuições com a intuição superficial da consciência comum.

Agora os Senhores compreenderão algo da configuração do corpo humano. Imaginem-se por um momento andando, porém contemplando o mundo. Suponham não ser o abdome

que devesse andar com as pernas, mas que sua cabeça possuísse diretamente pernas e tivesse de andar. Então sua observação do mundo e seu querer se entreteceriam numa coisa só, e como conseqüência os Senhores só poderiam andar dormindo. Estando assentada sobre os ombros e o resto do corpo, sua cabeça repousa sobre ele — e os Amigos a carregam, movimentando-se apenas com o corpo restante. A cabeça precisa repousar sobre o corpo, do contrário não poderia ser o órgão do pensar cognitivo. Deve ser afastada do querer dormente, pois no momento em que os Senhores a pusessem em movimento, retirando-a do relativo repouso para um movimento próprio, ela cairia em sono. O querer propriamente dito ela deixa à competência do corpo, vivendo nesse corpo como numa carruagem, pela qual se deixa transportar. Só pelo fato de a cabeça se deixar transportar como numa carruagem pelo veículo do corpo, agindo durante esse transporte em repouso, é que o homem atua acordado. É só conectando desta forma as coisas que os Senhores chegarão a uma real compreensão da configuração do corpo humano.

SÉTIMA CONFERÊNCIA
28 de agosto de 1919

É importante os Senhores saberem discernir o que o ser humano realmente é. Nas incursões que até agora fizemos pela pedagogia em geral, procuramos compreender esse ser humano primeiramente do ponto de vista anímico, e depois do ponto de vista espiritual. Prossigamos hoje um pouco neste último. Naturalmente estaremos reportando-nos sempre a conceitos de uso corrente no âmbito da Pedagogia e também da Psicologia — pois no decorrer do tempo os Senhores terão de recorrer à literatura pedagógica, à medida que tenham tempo e disponibilidade para tal.

Observando o homem do ponto de vista anímico, atribuímos ênfase principal a descobrir antipatias e simpatias dentro das leis universais; mas se o observarmos do ponto de vista espiritual, teremos de atribuir peso maior a descobrir estados de consciência. Ontem, aliás, já nos ocupamos com os três estados de consciência reinantes no homem: a vigília plena, o sonho e o sono — tendo mostrado como a vigília plena só existe no pensar cognitivo, sendo que o sonho reina no sentir e o sono no querer.

Todo ato de compreender consiste, na verdade, em relacionar um com o outro. Não podemos exercer a compreensão no mundo a não ser procedendo a essa relação. Eu gostaria de fazer previamente esta observação metodológica. À medida que nos relacionamos com o mundo de maneira cognitiva, iniciamos pela observação. Ou o fazemos com nossos sentidos, como na vida comum, ou desenvolvemo-nos um pouco mais e fazemo-lo com a alma e o espírito, tal como somos capazes na imaginação, na inspiração e na intuição. Mas também a observação espiritual é apenas uma observação, e para completar qualquer observação é necessário que compreendamos. Porém só podemos compreender relacionando uma coisa à outra no Universo, bem como em nosso derredor.

Os Senhores podem elaborar bons conceitos do corpo, da alma e do espírito tomando em consideração todo o curso da vida humana. Contudo, é preciso levar em conta que numa inter-relação tal como apresentarei aqui os Senhores terão apenas os mais incipientes rudimentos para a compreensão. Recebendo os conceitos dessa forma, os Senhores terão de desenvolvê-los posteriormente.

Observando a criança recém-nascida, observando-a em suas formas, em seus movimentos, em suas manifestações vitais no gritar, no balbuciar e assim por diante, captamos uma imagem mais do corpo humano. Mas só obteremos essa imagem em sua totalidade relacionando-a com a idade madura e com a velhice. Na idade adulta o homem é mais anímico, e na velhice é predominantemente espiritual. Esta última afirmação poderia ser facilmente contestada. Naturalmente muitos dirão: — Mas muitos anciãos se tornam totalmente imbecis! — Uma específica objeção do materialismo contra o anímico-espiritual é que na velhice a pessoa volta a ser imbecil; e, com verdadeira obstinação, os

materialistas apregoam que mesmo um espírito tão grandioso quanto Kant se teria tornado imbecil em sua velhice. Esta objeção dos materialistas e esse fato são corretos, só que eles não comprovam o que pretendem comprovar — pois também Kant, ao enfrentar o portal da morte, era mais sábio que em sua infância; apenas em sua infância seu corpo estava apto a assimilar tudo que procedesse de sua sabedoria — e por isso pôde tornar-se consciente na vida física. Em compensação, na velhice o corpo tornou-se incapacitado a absorver também o que o espírito lhe proporcionava. O corpo já não era um instrumento adequado ao espírito. Conseqüentemente Kant não podia mais, no plano físico, ter consciência daquilo que vivia em seu espírito. Malgrado a aparente pertinência da objeção recém-mencionada, é preciso ter bem claro que na velhice a pessoa se torna sábia e plena de espírito, já que é dos espíritos que se aproxima. Por isso é possível, naqueles anciãos que até a idade avançada conservam elasticidade e força vital para seu espírito, reconhecer as capacidades espirituais em seus primórdios. Existem também tais possibilidades.

Em Berlim havia certa vez dois professores. Um deles era Michelet, o hegeliano, que já havia passado dos noventa anos. Sendo extremamente espirituoso, só chegara a ser professor honorário, mas apesar da idade avançada ainda proferia suas palestras. Pois bem — havia um outro, Zeller, o historiador da filosofia grega. Em comparação com Michelet ele era um jovem, pois tinha apenas setenta anos. Dele se ouvia por toda parte que sentia o peso dos anos, que não era mais capaz de dar suas aulas, e que principalmente queria reduzir o número de seus cursos. A isso retrucava sempre Michelet: “Eu não compreendo Zeller; eu poderia dar aulas o dia todo, e Zeller, em sua juventude, está sempre dizendo que isso lhe causa muito esforço!”

Pode-se, pois, constatar que talvez somente em alguns exemplos se encontrará conservado fisicamente o que aqui argumentamos sobre o espírito da velhice. Contudo é assim.

Observando, em compensação, o homem em suas manifestações vitais sobretudo em sua idade adulta, obtemos os rudimentos para a observação do lado anímico. É por isso que também nessa idade ele pode, por assim dizer, renegar mais o aspecto anímico. Ele pode parecer desanimado ou animado demais — pois o anímico reside na liberdade do homem, e também na educação. O fato de muitas pessoas serem bastante desanimadas no meio da vida não contraria, pois, a afirmação de que a idade adulta é a verdadeiramente anímica. Comparando-se a natureza corporal mais irrequieta, inconscientemente ativa da criança com a contemplativa e tranqüila da velhice, verifica-se de um lado um corpo que revela especialmente sua corporalidade na criança, e um corpo que, como tal, faz retroceder e de certa forma renega a si mesmo, na velhice.

Se aplicarmos essa observação mais ao âmbito anímico, diremos que o homem traz em si o pensar cognitivo, o sentir e o querer. Observando a criança temos, na imagem que ela nos oferece, uma estreita conexão entre o querer e o sentir. Poder-se-ia dizer que na criança o querer e o sentir se amalgamaram. Quando a criança se agita, esperneia, faz justamente os movimentos que nesse momento correspondem ao seu querer; ela não é capaz de separar movimentos e sentimento.

No ancião é diferente. Em seu caso ocorre o oposto: o pensar cognitivo e o sentir se amalgamaram, e o querer assumiu uma certa independência. Portanto, no ancião a vida decorre de forma que o sentir, inicialmente ligado ao querer, com o correr do tempo desvinculou-se gradualmente dele. E é justamente com isso que temos de lidar de várias formas na educação: com o desligamento do sentir em relação ao querer e com sua posterior ligação com o pensar cognitivo. Isso concerne então à idade madura. Só preparamos corretamente a criança para a idade posterior fazendo com que o sentir possa desprender-se tranqüilamente do querer; então mais tarde, como homem ou mulher, ela poderá ligar o sentir liberto ao pensar cognitivo, tornando-se adulta para a vida. Por que escutamos o ancião, mesmo quando ele nos relata de suas experiências de vida? Porque, no decorrer de sua vida, ele ligou suas sensações pessoais a seus conceitos e idéias. Ele

não nos conta teorias — conta-nos o que, de sentimentos, pôde conectar a seus conceitos e idéias. No ancião que realmente ligou seus sentimentos ao pensar cognitivo, os conceitos e idéias soam cálidos, saturados de realidade, concretos, pessoais — enquanto na pessoa mais estacionada na idade adulta os conceitos e idéias soam teóricos, abstratos, científicos. É pertinente à vida humana o fato de se percorrer um caminho das capacidades anímicas humanas à medida que o querer emotivo da criança evolui para o pensar emotivo do ancião. Entre ambos se situa a vida humana, e só educaremos bem para essa vida humana se pudermos enfocar psicologicamente tal fato.

Ora, devemos levar em consideração que em todas as nossas observações do mundo surge algo em primeiro lugar — também todas as teorias psicológicas o descrevem como o primeiro nessas ocasiões: é a sensação. Se qualquer de nossos sentidos entra em relação com o mundo circundante, passa a ter sensações. Nós sentimos as cores, os sons, o calor e o frio. Desta forma, a sensação entra em cena em nosso intercâmbio com o ambiente.

Da maneira como de hábito a sensação é descrita nas psicologias correntes, não se obtém qualquer idéia correta de sua real natureza. Falando da sensação, as teorias psicológicas dizem: — Lá fora se desenrola um certo processo físico: vibrações no éter luminoso ou oscilações no ar; isto flui para o nosso órgào sensorial, estimulando-o. — Fala-se então muito bem do estímulo, recorrendo-se a uma expressão que se formula mas não se quer conduzir à compreensão. Pois o estímulo provoca em nossa alma, mediante o órgào sensório, toda a sensação qualitativa que surge do processo físico, por exemplo mediante oscilações das ondas aéreas na audição. Sobre a maneira *como* isto surge, a psicologia, a ciência atual não pode dar explicação alguma. Isto é comum nas teorias psicológicas.

Mais do que através de tais observações psicológicas, os Senhores se aproximarão da compreensão dessas coisas se puderem, discernindo a natureza da própria sensação, responder à pergunta: a qual das forças anímicas a sensação é, afinal, mais ligada? Os psicólogos tornam a coisa fácil: incluem a sensação redondamente na cognição, dizendo que primeiramente temos a sensação, depois percebemos, a seguir formamos idéias, elaboramos conceitos e assim por diante. É assim que, de fato, o processo parece ser, de início. Só que nesse caso não se leva em consideração a natureza autêntica da sensação.

Analisando a sensação realmente numa auto-observação satisfatória, reconhece-se que a mesma possui natureza volítiva, com uma participação da natureza emotiva. Jnicialmente ela não tem afinidade com o pensar cognitivo, mas com o querer sentimental ou com o sentir volitivo. Não sei quantas psicologias há — naturalmente não se pode co-nhecer todas as inúmeras psicologias existentes hoje — que hajam discernido algo do parentesco da sensação com o sentir volitivo ou com o querer sentimental. Quando se diz que a sensação é afim com o querer, isto não está dito corretamente, pois ela é afim com o sentir volitivo e com o querer sentimental. Mas o fato de ter parentesco com o sentir foi reconhecido ao menos por um psicólogo destacado por sua especial capacidade de observação — Moritz Benedikt, em Viena.

A psicologia de Moritz Benedikt foi, na verdade, pouco considerada pelos psicólogos. Com ela também ocorre algo peculiar. Primeiramente Moritz Benedikt é, por profissão, antropólogo criminal; e eis que escreve uma psicologia. Em segundo lugar é cientista, e eis que escreve sobre a importância das obras poéticas na educação, chegando até mesmo a analisar tais obras para demonstrar como empregá-las nessa área. É algo terrível: o homem quer ser cientista — e sustenta que os psicólogos podem aprender algo dos poetas! E em terceiro lugar: este homem é um cientista judeu, e escreve uma psicologia dedican-do-a precisamente ao padre e filósofo católico da Faculdade de Teologia da Universidade de Viena — ainda naquela época — Laurenz Müllner. Três coisas horríveis, que tornavam impossível os psicólogos profissionais levarem o homem a sério. Mas lendo sua psicologia os Senhores encontrariam tantos achados pertinentes e minuciosos que fariam proveito deles, apesar de terem de rejeitar a estrutura global dessa psicologia, a mentalidade totalmente materialista de Moritz Benedikt. Do todo do livro não se aproveita nem um

mínimo, porém muito das observações isoladas. Assim, deve-se procurar, no mundo, o melhor onde este se encontra. Se alguém é um bom observador, e sente repulsa diante da tendência global encontrável em Moritz Benedikt, nem por isso precisa rejeitar suas boas observações em detalhes.

A sensação, portanto, tal como se manifesta no homem, é sentir volitivo ou querer sensível. Devemos, pois, dizer que no âmbito onde a esfera sensorial do homem se situa exteriormente — é na periferia de nosso corpo que trazemos nossos sentidos, *grosso modo* — existe, de certa forma, um querer imbuído de sentimento e um sentir imbuído de vontade. Desenhando um esboço do homem, pode-se dizer que em sua superfície externa — peço levar em consideração o sentido esquemático de tudo isso — temos a esfera sensorial, onde existe um sentir volitivo e um querer sensível. Ora, que fazemos nessa superfície, se ambos se encontram presentes à medida que essa superfície corpórea éa esfera sensorial? Exercemos uma atividade que é meio sono e meio sonho; um sono onírico, um sonho dormente, como podemos chamá-los também. Pois não dormimos apenas à noite — dormimos continuamente na periferia, na superfície externa de nosso corpo; não discernimos totalmente as sensações, como homens, porque nas regiões onde se situam as sensações nós apenas sonhamos dormindo e dormimos sonhando. Os psicólogos nem suspeitam que a mesma razão pela qual não podem compreender as sensações é aquela que também nos impede, ao acordarmos pela manhã, de trazer claramente os sonhos à consciência. Os Senhores vêem que os conceitos de sono e sonho têm um significado bem diferente além daquele que empregaríamos na vida comum. Nesta só conhecemos o sono pelo fato de sabermos que à noite, deitados no leito, dormimos. Não sabemos absolutamente que

0100090000038d00000002001c0000000000040000000301080005000000b020000000050000000c0274
04f806040000002e0118001c000000fb02100007000000000bc020000000010202225379737465 6d000000000
00000b4f606000000000100000000000000192437fe040000002d010000040000002d0100000400000002010 10
01c000000fb02a4ff000000000000900100000000440002243616c6962726900000000000000000000000000000
0000000000000000000000000040000002d010100040000002d010100040000002d0101000500000009020000000 2
0d000000320a57000000010004000000000f5067204200036000500000009020000000204000000 2d01000004
0000002d010000030000000000

esse sono é algo que possui uma difusão muito maior, sendo efetuado por nós continuamente também em nossa superfície corpórea; só que aí sonhos se imiscuem intermitentemente ao sono. Esses "sonhos" são as sensações sensoriais antes de serem captadas pelo intelecto e pelo pensar cognitivo.

No caso da criança, também devemos pesquisar a esfera volitiva e sentimental em seus sentidos. É por isso que enfatizamos tão fortemente o fato de, à medida que educamos a criança intelectualmente, termos de atuar também continuamente sobre a vontade — pois em tudo que a criança deve contemplar e perceber temos de cultivar também a vontade e o sentimento, do contrário estaremos contradizendo veementemente a sensibilidade infantil. Só ao ancião no crepúsculo da vida é que podemos falar pressupondo as sensações como já metamorfoseadas. Neste caso a sensação já se transformou do querer sensível para o pensar emotivo ou sentir pensante. Aqui a sensação se modificou em outra coisa, assumindo um caráter mais pensante e dispensando o irrequieto caráter volitivo, trazendo em si uma calma bem maior. Só no caso do ancião é que podemos dizer que as sensações se aproximaram do conceito, do caráter ideativo.

Esta sutil distinção na sensação não é feita usualmente pelos psicólogos. Para estes a sensação senil é a mesma que a infantil, pois sensação não lhes parece mais que sensação. Esta é exatamente a mesma lógica que poderia ser adotada caso os Senhores tivessem à sua frente uma navalha de barbear e dissessem: "A navalha de barbear é uma faca, e portanto cortemos carne com ela, pois faca é faca." [a] Aí se extrai o conceito do âmbito do vocabulário — o que não se deveria fazer, e sim extrair o conceito do âmbito dos fatos. No caso da sensação constataríamos que ela também vive, que perfaz uma evolução na vida, tendo na criança um caráter mais volitivo e no ancião um caráter mais racionalmente intelectual. Naturalmente é mais fácil aos homens escolher tudo do âmbito das palavras; por isso temos tantos exegetas, o que pode causar uma horrível impressão.

Uma vez tive ocasião de escutar um colega escolar após algum tempo de separação. Havíamos freqüentado a mesma escola primária; eu fora para o liceu e ele para o curso de magistério, e ainda por cima na Hungria, o que na década de setenta[b] significava alguma coisa. Encontramo-nos após alguns anos e conversamos sobre a luz. Eu já havia aprendido o que se pode aprender na física regular: que a luz tem algo a ver com oscilações no éter, e assim por diante. Isto podia ser considerado ao menos uma causa da luz. Meu ex-colega disse, por sua vez: "Nós também aprendemos o que é a luz: luz é a causa da visão!" Um duelo de palavras! Assim os conceitos se tornam meras explicações de palavras. E pode-se imaginar o que junto com isto foi dado aos alunos, sabendo-se que o cavalheiro em questão teve de ministrar ele próprio, como professor, aulas a incontáveis discípulos até aposentar-se.

Devemos libertar-nos das palavras e aproximar-nos do espírito das coisas. Querendo compreender algo, não devemos logo pensar na palavra, mas procurar as relações efetivas. Se procurarmos as origens da palavra *Geist* [espírito] na etimologia de Fritz Mauthner, perguntando quando surgiu pela primeira vez, encontraremos seu parentesco com *Gischt* [espuma] e com *Gas* [gás]. Esses parentescos existem, mas nenhum proveito especial se terá a partir disso. Infelizmente, muitas vezes é justamente esse o método empregado de maneira escusa, amplamente escusa na pesquisa da Bíblia. Daí ser a Bíblia aquele livro menos compreendido pela maioria das pessoas, especialmente pelos teólogos atuais.

Trata-se, pois, de procedermos sempre de forma objetiva, não procurando obter um conceito de espírito a partir da etimologia, mas comparando a vitalidade corpórea infantil com a senil. É por meio dessa inter-relação dos fatos que obtemos conceitos reais.

E assim, só obteremos um real conceito da sensação se soubermos que na criança ela nasce como sentir volitivo ou querer sensível, ainda na periferia corporal, pelo fato de esta periferia infantil dormir e sonhar em relação à parte mais íntima. Portanto, os Senhores estão plenamente despertos não apenas no pensar cognitivo, mas principalmente apenas no interior de seu corpo. Na periferia corpórea também dormem continuamente. E mais: aquilo que ocorre ao derredor do corpo, ou melhor dizendo, na superfície do corpo,

---

a No original consta a analogia com as palavras *Rasiermesser* (literalmente, "faca de barbear", e traduzível por navalha) e *Messer* ("faca" propriamente dita), o que torna mais evidente o jogo verbal. (N.T.)

b Século XIX. (N.T.)

ocorre forma similar na cabeça, sendo que se intensifica ao máximo à medida que adentramos o interior do homem — no elemento muscular, no elemento sangüíneo. Lá dentro o homem também dorme e sonha. Ele dorme e sonha na superfície, e dorme mais intensamente no íntimo, onde também sonha. Por isso, o que mais animicamente constitui um sentir volitivo, um querer sensível, nossa vida dos desejos e assim por diante, permanece, em nosso íntimo, num sono onírico.

Afinal, onde é que vigilamos plenamente? Na zona intermediária, quando estamos totalmente acordados. Como vêem, partimos agora do ponto de vista espiritual ao empregar os fatos da vigília e do sono também espacialmente à configuração do homem; sendo assim, podemos dizer que, desse ponto de vista, ele dorme em sua superfície e em seus órgãos interiores, só podendo estar totalmente vígil na zona intermediária na vida entre o nascimento e a morte. Que órgãos, pois, estão desenvolvidos ao máximo nessa zona? Aqueles órgãos, especialmente na cabeça, que chamamos de nervos — o sistema nervoso. Este envia suas ramificações para a zona superficial externa, e novamente para o interior; aí se estendem os nervos, e de entremeio situam-se zonas intermediárias tais como o cérebro, sobretudo a medula espinhal na região dorsal, e também na região lombar. Aí nos é dada a oportunidade de estarmos realmente bem despertos. É onde os nervos estão mais desenvolvidos que estamos mais acordados. Mas o sistema nervoso tem uma relação peculiar com o espírito. Ele é um sistema orgânico que, através das funções do corpo, tem continuamente tendência a decompor-se, a tornar-se mineral. Se os Senhores pudessem isolar, num homem vivo, seu sistema nervoso da restante entidade glandular, muscular, sangüínea e óssea — poderiam até mesmo deixar o sistema ósseo junto ao sistema nervoso —, essa parte do homem vivo já seria cadáver, continuamente cadáver. No sistema nervoso ocorre continuamente o perecer do homem. Esse é o único sistema que não tem relação alguma com o anímico-espiritual. O sangue, os músculos etc. sempre têm essa relação de forma direta, o que não sucede, nem indiretamente, no caso do sistema nervoso; este só tem relações com o anímico-espiritual pelo fato de desligar-se continuamente da organização humana, não estando presente porque está sempre em decomposição. Os outros membros orgânicos vivem, e por isso estabelecem relações diretas com o anímico-espiritual. O sistema nervoso está sempre morrendo e dizendo ao homem: "Podes desenvolver-te porque eu não te ofereço qualquer obstáculo, pois não me faço presente com minha vida!" É este o detalhe peculiar.

Na Psicologia e na Fisiologia os Senhores encontram exposto que o órgão transmissor da sensação, do pensar e principalmente do anímico-espiritual é o sistema nervoso. Mas por que este constitui esse órgão transmissor? Só por estar continuamente retirando-se da vida, por não oferecer qualquer obstáculo ao pensar e às sensações, por não estabelecer ligação alguma com os mesmos, por deixar o homem vazio, quanto ao anímico-espiritual, no local onde se encontra. Para o anímico-espiritual, os locais dos nervos são simplesmente espaços vazios, onde ele pode, portanto, entrar. Devemos agradecer ao sistema nervoso o fato de não se interessar pelo anímico-espiritual, de não fazer nada do que os fisiólogos e psicólogos lhe atribuem. Caso sucedesse apenas por cinco minutos o que, segundo as descrições desses entendidos, os nervos devem fazer, durante esse tempo nós nada saberíamos do mundo e de nós próprios: estaríamos dormindo. É que os nervos fariam como aqueles órgãos que transmitem o sono, que transmitem o querer sensível e o sentir volitivo.

O fato é que hoje em dia se enfrenta alguma dificuldade ao descobrir o que é a verdade na Fisiologia e na Psicologia, pois as pessoas sempre dizem: "Você põe o mundo de cabeça para baixo". A verdade é apenas que *elas* estão de cabeça para baixo, e que é preciso colocá-las sobre as pernas por meio da Ciência Espiritual. Os fisiólogos dizem que os órgãos do pensar são os nervos, especialmente o cérebro. A verdade é que o cérebro e o sistema nervoso só têm a ver com o pensar cognitivo justamente por estarem permanentemente excluindo-se da organização do homem, fazendo com que o pensar possa desenvolver-se.

Observem agora algo com precisão e, por favor, concentrem bem seu raciocínio. Na periferia do homem, onde se encontra a esfera sensorial, ocorrem processos reais que permanentemente se inserem nos acontecimentos do mundo. Admitam que a luz atue sobre o homem através do olho. No olho, isto é, na esfera sensorial, ocorre um processo real, um processo físico-químico. Este se introduz no interior do corpo humano, atingindo aquele âmbito íntimo onde novamente sucedem processos físico-químicos. Imaginem agora estarem diante de uma superfície iluminada, de onde raios luminosos incidem sobre seus olhos. Aí ocorrem novamente processos físico-químicos, que prosseguem para o interior do corpo atingindo a natureza muscular e sangüínea. Pelo meio, uma zona permanece vazia pela ação do órgão nervoso; nela não se desenvolve qualquer dos processos ocorridos nos olhos ou no interior do homem, processos que são autônomos — aí tem continuidade o que existe lá fora: a natureza da luz, a natureza das próprias cores e assim por diante. Em nossa superfície corpórea, onde se localizam os sentidos, temos portanto processos reais dependentes do olho, do ouvido, do órgão térmico etc. Processos semelhantes existem também no interior do homem, mas não nos entremeios onde os nervos se difundem; estes deixam o espaço livre, e aí podemos viver com o que existe lá fora. O olho modifica a luz e a cor. Onde, porém, temos nervos, onde somos vazios em relação à vida, aí a luz e a cor não se alteram — aí nós vivemos com elas. É só em relação à esfera sensorial que estamos separados de um mundo exterior; no íntimo vivemos, como numa concha, com os processos externos. Aí nós mesmos nos tornamos luz, nós mesmos nos tornamos cor; aí se difundem os processos porque os nervos não constituem obstáculo algum, como o sangue e o músculo.

Agora chegamos a perceber o significado disto: nós estamos despertos em relação a um espaço vazio existente em nós e relacionado com a vida, enquanto na superfície externa e no íntimo sonhamos dormindo e dormimos sonhando. Só vigilamos totalmente numa zona situada entre a periferia e o centro, falando em sentido espacial.

Observando, porém, o homem do ponto de vista espiritual, devemos relacionar também seu aspecto temporal à vigília, ao sono e ao sonho.

Aprendendo algo, os Senhores o assimilam em seu estado de plena vigília. Enquanto se ocupam com isso e pensam a respeito, o assunto está presente em sua vigília. Então os Senhores passam a outra esfera. Outro assunto prende seu interesse, sua atenção. O que se passa com aquilo que aprenderam antes, e do qual se ocuparam? Começa a adormecer, e quando os Senhores o recordam, desperta novamente.

Os Senhores só compreenderão corretamente estas coisas se substituírem todo o palavrório, encontrável nas teorias psicológicas explicando o lembrar e o esquecer, por conceitos reais. O que é lembrar? É o despertar de um complexo ideativo. E o que é o esquecer? O adormecimento do complexo ideativo. Aí os Senhores podem comparar o real com o realmente vivenciado, e não apenas dispor de explicações vocabulares. Refletindo sempre sobre vigília e sono, percebendo a si próprios adormecendo ou vendo outra pessoa adormecer, têm então um processo real. Relacionam o esquecimento, essa atividade anímica interior, com esse processo real — não com qualquer palavra —, comparam ambos e concluem que esquecer é apenas adormecer em outro âmbito, como também lembrar é apenas despertar em outro âmbito.

Só se pode chegar ao conceito espiritual do mundo comparando o real com o irreal. Tal como é preciso comparar a idade infantil com a senil para realmente relacionar o corpo e o espírito, ao menos nos primeiros rudimentos, comparem também a lembrança e o esquecimento, procurando relacioná-los com algo real — com a vigília e o sono.

Eis o que será infinitamente necessário para o futuro da Humanidade: que os homens se dignem entrosar-se na realidade. Hoje as pessoas pensam quase só em palavras, e não na realidade. Quando ocorreria aos sentidos de um homem de hoje o real — que está ao nosso alcance ao falarmos de lembrança —, o despertar? Ele poderá ouvir todo tipo de palavras para definir a lembrança, mas não pensará em extrair essas coisas da realidade, do assunto em si.

Os Senhores acharão portanto compreensível, ao se apresentar às pessoas algo como a trimembração[a] — totalmente auferida da realidade, e não de conceitos abstratos —, que essas pessoas a considerem inicialmente incompreensível, por não estarem habituadas a auferir as coisas da realidade. Elas não ligam qualquer conceito a essa auferição. Menos ainda o fazem, por exemplo, os dirigentes socialistas em suas teorias; eles representam o ponto final, a última manifestação decadente da verbosidade. As pessoas acreditam, na maioria, entender algo da realidade; quando, porém, começam a falar, vêm com a mais vazia retórica.

Esta foi apenas uma observação de entremeio, relacionada especialmente com a mentalidade da época atual. Mas o pedagogo precisa compreender também a época em que vive, pois tem de compreender as crianças dessa época que lhe são confiadas para a educação.

OITAVA CONFERÊNCIA
29 de agosto de 1919

Vimos ontem que só podemos compreender algo como a memória, a capacidade de recordação, relacionando-a, por assim dizer, com processos mais visíveis à observação exterior: o sono e a vigília. Os Senhores verão, por esse fato, que deve haver o esforço pedagógico de cada vez mais aproximar o desconhecido do conhecido, também no que concerne à formação espiritual de idéias.

Os Senhores podem dizer: — Bem, o sono e a vígilia são, na verdade, mais obscuros que a lembrança e o esquecimento, e portanto não se poderá ganhar muito para o entendimento destes últimos por intermédio dos primeiros. — No entanto, quem observar cuidadosamente o que é perdido pelo homem mediante um sono perturbado poderá colher um dado para avaliar o quanto de perturbador se instala em toda a vida anímica humana quando o esquecimento não é colocado na correta relação com a lembrança. Sabemos, da vida exterior, que já um sono prolongado é necessário para evitar que a consciência do eu se torne cada vez mais ineficaz, assumindo o caráter que seria caracterizado pelo fato de entregar-se muito fortemente — por força de um sono perturbado — às impressões do mundo exterior, a tudo que desse mundo se aproxima do eu. Mesmo no caso de uma perturbação relativamente leve do sono ou, mais ainda, numa insônia, pode-se constatar como isso já acontece. Suponhamos que certa vez, durante a noite, os Senhores não tenham dormido bem. Não me refiro ao caso em que não dormiram bem por terem estado especialmente empenhados em aproveitar a noite para trabalhar; neste caso a situação é um pouco diferente. Mas suponhamos que, por qualquer estado físico ou por causa de pernilongos — enfim, por algo exterior ao anímico — tenham sido perturbados em seu sono. Irão constatar, então, que talvez já no dia seguinte serão afetados de forma mais desagradável, pelas coisas que lhes causam impressão, do que habitualmente. De certa forma tornaram-se, com isso, sensíveis em seu eu.

Assim também sucede quando praticamos de forma incorreta o esquecimento e a lembrança na vida anímica humana. Mas quando é que o fazemos? Quando não somos capazes de regular voluntariamente nosso esquecer e nosso lembrar. Existem muitas pessoas — e essa disposição já se manifesta na mais tenra infância — que dormitam assim pela vida afora. O exterior lhes causa impressões às quais elas se entregam, porém sem acompanhá-las ordenadamente, e sim deixando-as passar de maneira efêmera; de certa forma, elas não se ligam ordenadamente, por meio de seu eu, às impressões. Por outro lado, também dormitam nas idéias que despontam livremente, caso não se tenham entregue corretamente à vida exterior. Não procuram, numa ocasião qualquer, chamar

a Steiner refere-se à sua teoria da "trimembração do organismo social", que ele aborda principalmente em *Die Kernpunkte der sozialen Frage* (GA 23 —6. ed. Domach: Rudolf Steiner Verlag, 1976). (N.T.)

voluntariamente à tona o acervo de suas idéias, o qual necessitam para entender bem isto ou aquilo, mas deixam as idéias despontar do íntimo por si próprias. Então surge ora esta, ora aquela idéia, não tendo o arbítrio influência alguma neste caso. Pode-se mesmo dizer que em muitos sentidos este é o estado anímico de muitas pessoas, o qual se manifesta desta forma especialmente na idade infantil.

Pode-se remediar neste caso, e situar cada vez mais o esquecimento e a lembrança na esfera do arbítrio, sabendo-se que o sono e a vigília também atuam na vida desperta quando desse lembrar e esquecer. Pois então se perguntará: de onde vem a lembrança? Vem do fato de a vontade, na qual dormimos, captar uma representação no inconsciente, trazendo-a à consciência. Justamente da mesma forma como o eu e o corpo astral, estando fora dos corpos físico e etérico do adormecer ao acordar, reúnem forças no mundo espiritual para renovar estes últimos, do mesmo modo emana da força da vontade dormente o resultado do processo recordativo. Ora, mas a vontade está justamente adormecida, e portanto os Senhores não podem fazer imediatamente com que a criança aprenda a utilizá-la. Pois se o quisessem seria como se pretendessem obrigar a pessoa a ser sempre bem-comportada no sono, a fim de trazer esse bom comportamento para a vida ao acordar pela manhã. Não se pode, pois, exigir dessa parte dormente na vontade que decida imediatamente no ato isolado, para regular a lembrança. O que se deve fazer? Ora, não se pode, naturalmente, fazer a exigência mencionada, mas pode-se educar a pessoa como um todo de forma que ela desenvolva hábitos anímicos, corpóreos e espirituais capazes de conduzir a tal decisão da vontade no caso particular. Observemos o assunto mais detalhadamente.

Suponhamos que, por um método especial, despertemos na criança um vivo interesse, por exemplo, pelo mundo animal. Naturalmente não poderemos desenvolver esse interesse num só dia. Teremos preparado todo o ensino de forma que gradualmente o interesse se instale e desperte. Se uma criança percorreu tal ensino, este atingirá cada vez mais a vontade quanto mais vivo for o interesse que provoque; e se forem empregadas representações de animais de maneira ordenada para a lembrança, essa vontade adqurirá, em geral, a capacidade de extraí-las do subsconciente, do esquecimento. E apenas pelo fato de se atuar sobre o habitual da pessoa, sobre o costumeiro, que se põe em ordem sua vontade e, com isso, sua capacidade de lembrar. Em outras palavras, é preciso discernir por que tudo aquilo que desperta um intenso interesse na criança contribui também para fortalecer vigorosamente sua memória — pois esta deve ser buscada no sentimento e na vontade, e não por meio de meros exercícios mnemônicos.

De tudo que lhes expliquei os Senhores vêem como no mundo, e em especial no mundo humano, tudo está separado em certo sentido, mas como também volta a atuar em conjunto. Não podemos compreender o homem no tocante a seu elemento anímico se não o separarmos, articulando-o em pensar (ou conhecer pensante), sentir e querer. Mas nunca estes existem puramente — os três interagem numa unidade, entremeando-se. E assim ocorre na entidade humana total, atingido o fisico.

Já lhes apontei que o homem é cabeça principalmente na parte superior, sendo porém, de fato, inteiramente cabeça. É principalmente tórax enquanto considerada a região toráxica, mas na realidade é todo ele tórax, pois também a cabeça tem participação na natureza toráxica, assim como os membros. E também o âmbito dos membros é principalmente homem-membros, mas realmente o homem todo o é, pois os membros participam da natureza da cabeça, como também do tórax; participam também, por exemplo, da respiração cutânea, e assim por diante.

Pode-se dizer que, pretendendo-se uma aproximação da realidade, principalmente da realidade da natureza humana, é preciso ter bem claro que toda composição em partes se efetua num âmbito unitário; considerando-se apenas o unitário abstrato, não se conheceria absolutamente nada. Se nunca se procedesse a uma composição em partes, o mundo permaneceria sempre num elemento indeterminado, tal como à noite todos os gatos são pardos. Portanto, as pessoas que querem compreender tudo em unidades

abstratas vêem o mundo pardacento. E caso se quisesse apenas desmembrar, separar, destrinchar tudo, nunca se chegaria a um real conhecimento, pois apenas se compreenderiam diferenças, ficando o conhecimento excluído.

Assim, tudo o que há no homem é de natureza parcialmente cognitiva, parcialmente sentimental e parcialmente volitiva. E o que é cognitivo é principalmente cognitivo, mas também sentimental e volitivo; o que é sentimental é principalmente sentimental, mas também cognitivo e volitivo; e assim também ocorre com o volitivo. Agora já podemos aplicar isto ao que ontem caracterizamos como esfera sensorial. Querendo compreender um tópico como o que apresentarei agora, os Senhores deveriam deixar de lado, eu gostaria de dizer, todo e qualquer eruditismo, do contrário encontrarão, talvez, a mais crassa contradição justamente com o que eu disse na palestra de ontem. Mas é de contradições que se constitui a realidade. Nós não a compreendemos quando não observamos as contradições do mundo.

O homem possui ao todo doze sentidos. O fato de a ciência comum distinguir apenas cinco, seis ou sete sentidos decorre de esses serem especialmente evidentes, enquanto os demais que completam o número doze o são menos. Mencionei várias vezes esses doze sentidos do homem, e hoje os consideraremos mais uma vez. Habitualmente se fala do sentido da audição, do sentido térmico, da visão, do paladar, do olfato e do tato — havendo ainda uma confusão entre os sentidos do calor e do tato, o que corresponderia mais ou menos a confundir, pela observação exterior, "fumaça" e "poeira", por parecerem idênticas. Que o sentido térmico e o sentido do tato são duas maneiras bem diferentes de o homem se relacionar com o mundo, é algo que não deveria mais precisar ser mencionado. Estes sentidos e no máximo, talvez, como muitos citam, o sentido do equilíbrio, são os que os atuais psicólogos distinguem. Um ou outro acrescenta mais um, mas não se chega a uma totalidade de uma fisiologia e psicologia dos sentidos simplesmente por não se observar que ao perceber o eu de seu semelhante o homem possui com o mundo a mesma relação que possui ao perceber uma cor pelo sentido da visão.

Hoje em dia as pessoas tendem a confundir tudo. Quando alguém pensa na representação do eu, pensa primeiramente em sua própria entidade anímica; então fica geralmente satisfeito. É assim que os psicólogos quase agem, também. Eles não imaginam que é completamente diferente se, pela reunião daquilo que vivencio em mim mesmo, eu denomino afinal a soma dessa vivência como "eu", ou se encontro uma pessoa e, pela forma como estabeleço relação com ela, também a designo um "eu". São duas atividades anímico-espirituais completamente diversas. Na primeira, em que resumo minhas atividades vitais na síntese abrangente "eu", disponho de algo puramente interior; na segunda, em que encontro a outra pessoa e, por meu relacionamento com ela, exprimo ser ela tal qual meu eu, exerço uma atividade que decorre na reciprocidade entre eu e o outro. Devo, pois, dizer que a percepção de meu próprio eu em meu íntimo é algo diferente de quando reconheço a outra pessoa como um eu. A percepção do outro eu baseia-se no sentido do eu, tal como a percepção das cores no sentido da visão e a do som no sentido da audição. A Natureza não torna tão fácil ao homem ver tão claramente o órgão da percepção, no caso do eu como no caso da visão. Mas poder-se-ia muito bem empregar o verbo "euar" para o perceber de outros eus, tal como se emprega o verbo ver para a percepção das cores. O órgão da percepção cromática localiza-se no exterior do homem; o órgão da percepção dos eus está espalhado por todo ele, consistindo numa substancialidade muito sutil — daí não se falar de órgão de percepção do eu. Este é diferente daquele que me faz experimentar meu próprio eu. Existe mesmo uma diferença avantajada entre vivenciar o próprio eu e perceber o eu em outra pessoa — pois este último processo é essencialmente cognitivo, ou pelo menos semelhante à cognição; vivenciar o próprio eu, ao contrário, é um processo volitivo.

A esta altura um "erudito" poderia sentir-se à vontade dizendo:

"Na última conferência disseste que toda atividade sensorial seria preferencialmente volitiva; agora inventas o sentido do eu, dizendo que é principalmente um sentido

cognitivo." Porém, caracterizando o sentido do eu tal como procurei fazê-lo na última edição de minha *Filosofia da liberdade,* os Senhores concluirão que esse sentido realmente trabalha de maneira muito complicada. Em que consiste, afinal, perceber o eu da outra pessoa? Os atuais pensadores abstratos dizem coisas totalmente esdrúxulas a esse respeito. Afirmam que realmente se vê da pessoa exterior sua figura, ouve-se sua voz e então se sabe que a gente própria parece tão humana quanto essa pessoa, possuindo um ser interior que pensa, sente e quer, sendo também, portanto, um ser humando anímico-espiritual. Por analogia se conclui, pois, que "tal como em mim mesmo existe um ser pensante, sensível e volitivo, o mesmo ocorre com o outro". Uma conclusão por analogia é tirada a respeito do outro a partir de mim mesmo. Isso não passa de uma tolice. A inter-relação de duas pessoas encerra algo bem diferente. Se os Senhores estão diante de uma pessoa, ocorre que a percebem por breve tempo; a seguir ela lhes causa uma impressão. Essa impressão perturba-os no íntimo: os Amigos sentem que a pessoa, sendo realmente um ser igual, causa-lhes a impressão de um ataque. O resultado é que se defendem intimamente repelem o ataque, tornando-se interiormente agressivos contra ela. Enfraquecem-se na agressividade, e então o elemento agressivo cessa de novo; com isto ela pode novamente causar-lhes uma impressão. Assim os Senhores têm tempo de reativar sua agressividade, promovendo uma nova agressão. Cansam-se outra vez, o outro causa-lhes nova impressão e assim por diante. É esta relação que existe quando uma pessoa, deparando-se com outra, percebe o eu: entrega à pessoa — resistência interior; entrega ao outro — resistência interior; simpatia — antipatia. Não me refiro à vida sentimental, mas apenas ao confronto perceptivo. Aí a alma vibra: simpatia — antipatia, simpatia — antipatia. Isto os Senhores podem ler na última edição da *Filosofia da liberdade*.

Mas ainda se trata de algo mais. À medida que a simpatia se desenvolve, os Senhores dormem para dentro da outra pessoa; à medida que se desenvolve a antipatia, despertam, e assim sucessivamente. Esta é uma alternâcia de duração muito curta entre vigília e sono em vibrações, quando nos defrontamos com outra pessoa. Devemos sua efetuação ao órgão do sentido do eu. Este se encontra, pois, organizado de tal forma que não sonda o eu do outro numa vontade desperta, mas numa vontade adormecida — e rapidamente essa sondagem realizada em sono é transferida ao conhecimento, isto é, ao sistema nervoso. Assim, quando se oberva corretamente o assunto, é a vontade o elemento principal na percepção do outro, porém justamente a vontade tal como se desenvolve dormindo, e não desperta; pois estamos continuamente acastelando momentos dormentes no ato de percepção do outro eu. E o que ocorre de entremeio já é conhecimento; este é rapidamente impelido para a região do sistema nervoso, de forma que posso realmente denominar a percepção do outro um processo cognitivo, devendo porém saber que este não passa de uma metamorfose de um processo volitivo. Esse processo sensorial também é, portanto, um processo da vontade, só que não o reconhecemos como tal. Não vivenciamos conscientemente todo o conhecimento que experimentamos no sono.

A seguir temos de considerar como próximo sentido, porém à parte do sentido do eu e de todos os demais, aquele que denominei sentido do pensamento. O sentido do pensamento não é o sentido para a percepção do pensamento próprio, mas para a percepção do pensamento de outras pessoas. A este respeito os psicólogos também desenvolvem idéias bastante grotescas. As pessoas estão sobretudo tão influenciadas pela conexão entre linguagem e pensamento que acreditam estar a linguagem sempre incluindo o pensar. Isto é um absurdo, pois os Senhores poderiam perceber os pensamentos, por meio de seu sentido apropriado, tanto como localizados em gestos espaciais externos quanto na linguagem sonora. Esta apenas transmite os pensamentos. É preciso perceber os pensamentos em si mesmos mediante um sentido próprio. E quando um dia estiverem elaborados os gestos eurrítmicos para todos os sons, bastará que a pessoa faça eurritmia à nossa frente para que leiamos os pensamentos em sua movimentação, da mesma forma como os captamos ouvindo a liguagem sonora. Resumidamente: o sentido do pensamento é algo diferente daquilo que atua no sentido da audição em relação à fala.

A seguir temos o sentido da linguagem propriamente, dito. Temos ainda os sentidos da audição, do calor, da visão, do paladar, do olfato. Depois o sentido do equilíbrio. Possuímos uma consciência sensorial de estarmos em equilíbrio. Mediante uma percepção sensória interior sabemos como nos situamos com relação à direita e à esquerda, à frente e a atrás, como nos mantemos equilibrados para não cair. E quando o órgào de nosso sentido do equilíbrio é destruído, caímos; então não podemos postar-nos em equilíbrio, tal como não podemos estabelecer relações com as cores quando os olhos são destruídos. E da mesma forma como temos um órgão para a percepção do equilíbrio, temos também um sentido para o movimento próprio, por cujo intermédio distinguimos se estamos em repouso ou movimentando-nos, se nossos músculos estão contraídos ou não. Portanto, ao lado do sentido do equilíbrio temos um sentido do movimento, e além disso temos ainda, para a percepção da harmonia vital de nosso corpo no sentido mais amplo, o sentido da vida. Deste sentido inúmeras pessoas são até mesmo muito dependentes. Elas percebem se comeram em excesso ou a menos, com isso sentindo-se confortáveis ou desconfortáveis; ou percebem se estão ou não cansadas, sentindo-se portanto confortáveis ou desconfortáveis. Em poucas palavras: a percepção das condições do próprio corpo reflete-se no sentido da vida.

Temos, assim, a tabela dos sentidos como sendo doze. De fato, o homem possui doze sentidos.

Após havermos eliminado a possibilidade de fazer pedantemente objeções contra o caráter cognitivo de alguns sentidos, justamente por sabermos que esse caráter se baseia secretamente na vontade, podemos passar agora a agrupar esses sentidos. Inicialmente temos quatro sentidos: o sentido do tato, o sentido da vida, o sentido do movimento e o sentido do equilíbrio. Estes sentidos são principalmente permeados de atividade volitiva. A vontade se imiscui ativamente na percepçao através desses sentidos. Sintam como na percepção de movimentos, mesmo quando os Senhores executam esses movimentos, em posição estática, a vontade interfere! A vontade em repouso atua inclusive na percepção de seu equilíbrio. No sentido da vida ela interfere muito fortemente, atuando também no sentido do tato — pois quando apalpamos algo, no fundo isto é uma acareação entre nossa vontade e o meio ambiente. Resumidamente, podemos dizer que os sentidos do equilíbrio, do movimento, da vida e do tato são sentidos volitivos no âmbito mais estrito. No caso do tato a pessoa vê exteriormente que, por exemplo, movimenta sua mão quando apalpa algo: portanto, fica-lhe evidente que esse sentido existe para ela. No caso dos sentidos da vida, do movimento e do equilíbrio, isto não é tão óbvio. Mas pelo fato de serem em especial sentidos volitivos, a pessoa os adormece, porque ela própria dorme na vontade. E na maioria das teorias psicológicas esses sentidos nem são apontados, pois a respeito de muitas coisas a ciência participa confortavelmente do sono do homem exterior.

Os sentidos seguintes — olfato, paladar, visão, sentido do calor — são principalmente ligados ao sentimento. A consciência ingênua percebe bem peculiarmente, na ação do olfato e do paladar, a afinidade com o sentir. O fato de não se sentir o mesmo no caso da visão e do calor tem um motivo especial. No caso do sentido do calor não se percebe estar ele muito próximo do sentimento, confundindo-o com o sentido do tato. Tanto se confunde erradamente quanto se diferencia erradamente. O sentido do tato é, na verdade, muito mais volitivo, enquanto o do calor é apenas sentimental. As pessoas não descobrem que o sentido da visão também é ligado ao sentimento por não efetuarem observações como as encontradas na teoria das cores de Göethe. Lá se encontram claramente expostas todas as afinidades das cores com o sentimento, o que em última instância conduz a impulsos volitivos. Mas então por que o homem percebe tão pouco que no sentido da visão existe, de fato, principalmente um sentir?

Quase sempre vemos as coisas de maneira que estas, enquanto nos mostram cores, exibem também os limites das cores, linhas e formas. Mas ao percebermos igualmente cores e formas, em geral não prestamos atenção à maneira como de fato as percebemos. Observando um círculo colorido a pessoa diz, *grosso modo:* "Eu vejo a cor, vejo também a

redondez do círculo, a forma circular." Aí, no entanto, duas coisas bem diversas são confundidas. Por intermédio da autêntica atividade dos olhos, isolada, ela vê inicialmente apenas a cor.

Vemos a forma circular quando nos servimos do sentido do movimento em nosso subconsciente, e no corpo etérico, no corpo astral, realizamos uma circunvolução, elevando-a então ao conhecimento. E é só ascendendo ao conhecimento que o círculo captado por nosso sentido do movimento se liga à cor percebida. Portanto, extraímos a forma de todo o nosso corpo enquanto apelamos ao sentido do movimento difundido por todo ele. Isto deve ser revestido por algo que já expliquei ao dizer que o homem executa de fato as formas de geometria no Cosmo, elevando-as então ao conhecimento.

A uma forma tão sutil de observação, que capte a diferença entre ver cores e perceber formas com a ajuda do sentido do movimento, a ciência oficial de hoje não se eleva, em absoluto — ela confunde tudo. Não se poderá, porém, educar no futuro por meio de tal confusão. Pois como se educará para ver, não sabendo que o homem inteiro se derrama indiretamente no ato da visão por intermédio do sentido do movimento? Agora, porém, algo diferente entra em cena. Nós observamos o ato de ver enquanto percebemos formas coloridas. É um ato complicado esse de perceber formas coloridas. Mas sendo um ser humano unitário, qualquer um de nós é capaz de reunir em si o que percebe por duas vias, ou seja, pela via dos olhos e pela via do sentido do movimento. Nós olharíamos com indiferença para um círculo vermelho se não percebêssemos, por caminhos bem diversos, tanto o vermelho quanto a forma circular. Mas não olhamos apaticamente porque percebemos por dois lados — a cor pelo olho e a forma com a ajuda do sentido do movimento — e na vida somos interiormente obrigados a reunir essas duas coisas. Então julgamos. E agora compreendam o julgar como um processo vivo em seu próprio corpo, que surge pelo fato de os sentidos lhes oferecerem o mundo dissecado em partes. E em doze partes diversas que o mundo lhes oferece as vivências, e em seu julgar os Senhores reúnem as coisas porque o elemento isolado não quer existir como tal. A forma circular não aceita ser simplesmente forma circular tal qual chega ao sentido do movimento; a cor não aceita ser simplesmente cor tal qual é percebida no olho. As coisas nos obrigam interiormente a sintetizá-las, e nós nos declaramos interiormente preparados para fazê-lo. É então que a função de julgar se torna uma exteriorização do ser humano inteiro.

Agora os Senhores estão desvendando o profundo sentido de nossa relação com o mundo. Se não tivéssemos doze sentidos, olharíamos em redor como que apáticos, não sendo capazes de experimentar interiormente o ato de julgar. Como, no entanto, possuímos doze sentidos, temos também um número bastante grande de possibilidades de unir o que está separado. O que o sentido do eu vivencia podemos ligar aos onze demais sentidos, e isso é válido para cada um deles. Obtemos assim uma grande quantidade de permutações para as relações dos sentidos. Mas além disso obtemos também um grande número de possibilidades a esse respeito enquanto, por exemplo, reunimos o sentido do eu com o sentido do pensamento e o sentido da linguagem, e assim por diante. Nisto podemos ver de que maneira misteriosa o homem está ligado ao mundo. Por meio dos doze sentidos as coisas se decompõem em seus elementos, e o homem deve poder ser capaz de compô-las novamente a partir dos mesmos. Com isto ele participa da vida íntima das coisas. Portanto, os Senhores compreenderão o quanto é infinitamente importante o ser humano ser educado de forma que num dos sentidos muitos aspectos sejam cultivados na mesma medida que nos demais, para que sejam buscadas bem consciente e sisternaticamente as relações entre os sentidos, entre as percepções.

Devo acrescentar ainda que os sentidos do eu, do pensamento, da audição e da linguagem são mais sentidos cognitivos, porque a vontade a eles inerente é a vontade adormecida, que em suas exteriorizações vibra em conjunto com uma atividade do conhecimento. Assim, na zona do eu no homem já vivem a vontade, o sentimento e a cogniçào, com a ajuda da vigília e do sono.

Portanto, estejam çertos de que só poderão conhecer o homem observando-o de três

pontos de vista, à medida que observam seu espírito. Mas não basta dizer sempre: "Espírito! Espírito! Espírito!" A maioria das pessoas fala sempre de espírito, sem saber lidar com o que é dado pelo espírito. Só o fazemos corretamente lançando mão de estados de consciência. O espírito deve ser compreendido mediante estados de consciência como vigília, sono e sonho. O anímico é compreendido por meio de simpatia e antipatia, isto é, por meio de estados vitais; isto a alma até mesmo faz *ad continum* no subconsciente. Temos de fato a alma no corpo astral e a vida no corpo etérico, e entre ambas há uma constante correspondência no íntimo, de forma que o anímico se realiza por si nos estados vitais do corpo etérico. E o corpo é percebido mediante estados formais. Ontem empreguei a forma esférica para a cabeça, a forma lunar para o tronco e a forma linear para os membros, e teremos ainda de falar da real morfologia do corpo humano. Mas não falamos corretamente do espírito se deixamos de descrever como ele se realiza nos estados de consciência; não falamos corretamente da alma quando não mostramos como esta se realiza entre simpatia e antipatia; e não falamos corretamente do corpo quando não o compreendemos em formas verídicas.

NONA CONFERÊNCIA
30 de agosto de 1919

Quando os Senhores próprios tiverem um perfeito conhecimento do ser humano em desenvolvimento, conhecimento permeado por sua vontade e suas emoções, também estarão em condições de ensinar e educar bem. Empregarão em cada área, por meio de um instinto pedagógico que lhes será desperto, aquilo que resulta desse saber volitivo a respeito da criança em evolução. Esse saber, porém, deve ser totalmente real, isto é, basear-se em real conhecimento do mundo dos fatos.

Ora, para chegarmos a um real conhecimento do homem, procuramos focalizá-lo primeiramente do ponto de vista anímico, e depois do espiritual. Tenhamos em mira que a compreensão espiritual do homem torna necessário refletir sobre os diversos estados de consciência, sabendo que, ao menos por ora, nossa vida transcorre espiritualmente em vigília, sonho e sono, e que certas manifestações da vida se caracterizam pelo fato de serem compreendidas como estados vigilantes, oníricos ou dormentes. Agora tentaremos descer do espírito ao corpo através da alma, para podermos contemplar o homem inteiro e, por fim, fazer também essas observações resultar num certo efeito salutar para a criança em desenvolvimento.

Os Senhores sabem que a idade da vida que nos interessa como um todo, no ensino e na educação, abrange os dois primeiros decênios. Sabemos ainda que a vida total da criança, no referente a esses dois primeiros decênios, também é triarticulada. Até a troca dos dentes a criança traz em si um caráter bem definido, que se exprime principalmente pelo fato de ela querer ser um ente imitativo; tudo que vê em derredor ela quer imitar. Dos sete anos à puberdade, lidamos com a criança que deseja assimilar com base na autoridade aquilo que deve saber, sentir e querer; e é apenas com a puberdade que começa o anseio do homem no sentido de estabelecer uma relação com o mundo ambiente a partir do juízo próprio. Por isso devemos levar constantemente em consideração que, tendo à nossa frente crianças de primeiro grau, estamos desenvolvendo *aquele* ser humano que do âmago de sua natureza anseia, de certa forma, por autoridade. Estaremos educando erroneamente se não estivermos em condições de manter autoridade justamente nessa época da vida.

Agora, porém, cumpre podermos contemplar também espiritualmente a atividade vital completa do homem. Esta abrange, como descrevemos de diversos pontos de vista, de um lado o pensar cognitivo e de outro lado o querer, sendo que o sentir se situa no meio. Ora, como homem terrestre o ser humano tem a seu encargo, entre o nascimento e a morte, permear gradativamente aquilo que se manifesta como pensar cognitivo com a

lógica, com tudo que o capacita a pensar logicamente. Só que os Senhores próprios deverão manter na retaguarda o que, como docentes e educadores, têm de saber sobre lógica. Pois naturalmente a lógica é algo eminentemente científico, e isto por hora só deve ser levado à criança por meio do comportamento global. Como docente, porém, a pessoa deve trazer em si o que de mais importante há na lógica.

Atuando logicamente, isto é, de forma pensante-cognitiva, sempre temos nessa atividade três elementos. Em primeiro lugar temos sempre, dentro de nosso conhecer pensante, o que chamamos de conclusoes. Para a vida habitual, o pensar se expressa na linguagem. Se examinarem o conjunto da fala, os Senhores constatarão que, ao falar, tiram continuamente conclusões. Esta atividade de concluir é a mais consciente no homem. Este não poderia expressar-se através da linguagem se não emitisse constantemente conclusões; não poderia compreender o que o outro lhe diz se não fosse capaz de sempre acolher conclusões. A lógica acadêmica habitualmente analisa as conclusões; com isto já as falseia, à medida que as mesmas se apresentam na vida cotidiana. Tal lógica não considera que já tiramos uma conclusão ao focalizar uma coisa isolada. Imaginem, Senhores, que vão a um zoológico e aí vêem um leão. O que fazem imediatamente, ao percebê-lo? Levam à consciência o que vêem do leão, e só assim se entendem com suas percepções frente a ele. Na vida aprenderam que, tão Logo hajam adentrado um zoológico, tais seres que se manifestam como o leão visto agora são "animais". O que aprenderam da vida os Senhores já trazem consigo para o zoológico. Então olham o leão e constatam que ele faz tudo que os Senhores aprenderam ser próprio dos animais. Ligam este dado com o que trouxeram do conhecimento da vida, formando então o juízo: o leão é um animal. É somente após havê-lo feito que entendem o conceito isolado "leão". A primeira coisa que levam a efeito é uma conclusão; a segunda é um juízo; e a última coisa a que chegam na vida é um conceito. Naturalmente não sabem que efetuam continuamente esta atividade; mas caso não a efetuassem, não levariam uma vida consciente, que os capacita a entenderem-se com outros seres humanos por meio da linguagem. Geralmente se acredita que a pessoa chega primeiro aos conceitos. Isto não é verdade. A primeira coisa na vida são as conclusões. E podemos dizer que se não isolássemos nossa percepção do leão no zoológico de toda a restante experiência da vida e, ao contrário, se a incluíssemos na mesma, a primeira coisa que faríamos no local seria tirar uma conclusão. Devemos ter claro em mente que o fato de entrarmos no zoológico e vermos o leão é apenas uma ação isolada, pertencente a toda a vida. Não começamos a viver ao entrar no zoológico e dirigir o olhar ao leão. Isto se encadeia à vida antecedente, que por sua vez aí interfere; e novamente aquilo que levamos do zoológico é transmitido ao resto da vida.

No entanto, se observamos todo o processo, o que é o leão, em primeiro lugar? É uma conclusão. Podemos dizer seguramente: o leão é uma conclusão. Um pouco após: o leão é um juízo. E de novo um pouquinho mais tarde: o leão é um conceito.

Abrindo livros de Lógica, especialmente aqueles de teor mais antigo, os Senhores encontrarão geralmente, entre as conclusões, aquela que se tornou famosa: "Todos os homens são mortais: Caio é um homem; portanto, Caio é mortal." Caio é, de fato, a mais célebre personalidade lógica. Ora, o destaque conferido aos três juízos: "Todos os homens são mortais", "Caio é um homem", "portanto Caio é mortal" só se encontra de fato no ensino de Lógica. Na vida esses três juízos se entretecem, são unos, pois a vida decorre continuamente de forma pensante-cognitiva. Sempre consumamos simultaneamente os três juízos ao nos aproximarmos de um certo "Caio". Naquilo que pensamos dele já inserimos os três juízos. Isto significa que a conclusão comparece primeiro; só então formamos o juízo, presente na conclusão "portanto, Caio é mortal". A última coisa que nos vem é o conceito individualizado "Caio mortal".

Ora, essas três coisas — conclusão, juízo, conceito — têm sua existência no conhecimento, isto é, no espírito vivente do homem. Como se comportam nesse âmbito?

A conclusão só pode viver no espírito vivente do homem — só aí possui uma vida

sadia; isto significa que só é totalmente sã quando decorre na vida de plena vigília. Isto é muito importante, como ainda veremos.

Portanto, os Senhores arruinarão a alma da criança se fizerem com que conclusões prontas sejam incutidas na memória. O que digo agora em relação ao ensino é, como ainda explicaremos em detalhes, de importância bastante fundamental. Na escola WaLdorf os Senhores receberão crianças de todas as idades, com os resultados de ensinos anteriores. Com essas crianças terá sido feito um trabalho — com cujo resultado os Senhores logo se depararão — na conclusão, no juízo, no conceito. Terão de reaproveitar o saber das crianças, pois não poderão recomeçar com cada uma delas. Temos a peculiaridade de não podermos organizar a escola — a partir de baixo — estamos começando com oito classes simultaneamente. Os Senhores encontrarão, pois, almas infantis preparadas, tendo de levar em conta nos primeiros tempos, quanto ao método, que deverão atormentar o menos possível as crianças no sentido de extrair conclusões da experiência global. Se essas conclusões prontas estiverem muito arraigadas em suas almas, será preferível deixá-las subjacentes e esforçar-se para fazer a vida presente da criança desenrolar-se no concluir.

O juízo desenvolve-se obviamente, de início, na vida plenamente desperta. Mas já pode descer às profundezas da alma humana, onde a alma sonha. A conclusão nunca deveria fazê-lo, mas somente o juízo. Portanto, tudo que como juízo formamos acerca do mundo desce à alma que sonha.

Bem, o que é essa alma que sonha? É mais o âmbito sentimental, como aprendemos. Quando, pois, formamos juízos na vida e após fazê-lo continuamos a viver, levamos nossos juízos pelo mundo afora; levamo-los, porém, no sentimento. Isto significa ainda que o ato de julgar se torna em nós uma espécie de hábito. Desenvolvemos os hábitos anímicos da criança pela maneira como a ensinamos a julgar. Disto é preciso que os Senhores estejam absolutamente cônscios. Pois a expressão do julgamento na vida é a sentença, e com cada sentença que dizemos à criança acrescentamos uma partícula a seus hábitos anímicos. Por isso o professor dotado de autoridade deveria estar sempre consciente de que o que diz se incorpora aos hábitos anímicos da criança.

Passando do juízo ao conceito, devemos admitir que, observado espiritualmente, o conceito formulado desce às profundezas do ser humano, até à alma adormecida — aquela que constantemente trabalha no corpo. A alma desperta não trabalha no corpo. Nele trabalha um pouco a alma que sonha, produzindo o que reside em seus gestos habituais. Mas a alma dormente atua até nas formas do corpo. Enquanto formamos conceitos, isto é, enquanto fixamos nas pessoas resultados dos juízos, atuamos até na alma adormecida — ou, com outras palavras, até no corpo do homem. Ora, em relação ao corpo o homem já se encontra desenvolvido em alto grau quando nasce, e a alma só tem a possibilidade de modelar mais refinadamente aquilo que foi transmitido ao homem pela corrente hereditária. No entanto, ela o faz. Percorrendo o mundo, nós olhamos para os seres humanos. As pessoas se nos deparam com fisionomias bem distintas. O que está contido nessas fisionomias? Entre outras coisas, está contido o resultado de todos os conceitos que os professores e educadores incutiram na pessoa durante a infância. Do semblante do homem maduro nos irradiam os conceitos derramados na alma infantil, pois a alma adormecida formou a fisionomia da pessoa segundo, entre outras coisas, os conceitos fixados. Aqui vemos o poder do elemento educativo e instrutivo de nossa parte sobre as pessoas. O homem recebe sua estampa até no corpo, através da formação de conceitos.

O fenômeno mais estranho no mundo de hoje é o fato de encontrarmos pessoas com fisionomias tão pouco características. Certa vez Hermann Bahr relatou espirituosamente, numa palestra em Berlim, algo de suas experiências de vida. Disse ele que quando alguém chegava ao Reno ou à região de Essen, já nos anos noventa do século passado, e, andando pelas ruas, encontrava as pessoas que saíam das fábricas, tinha imediatamente a impressão de que ninguém se distinguia do outro — parecia ser apenas um único homem apresentando-se como que reproduzido por um aparelho copiador; não se podia realmente

distinguir uma pessoa de outra. Uma observação muito imprtante! E Hermann Bahr emitiu uma outra observação, também de grande importância: quando nesses mesmos anos noventa alguém era convidado para jantar em algum lugar de Berlim, tinha por companheiras de mesa uma dama à direita e outra à esquerda; na verdade não podia distingui-las entre si, mas ao menos dispunha da diferença — uma estava à direita, outra à esquerda. Então era novamente convidado a outro lugar, podendo acontecer que não pudesse distinguir: "Será que essa dama é a de ontem ou a de anteontem?"

Resumindo, uma certa uniformidade foi introduzida na Humanidade. Esta, porém, é uma prova de que nada foi introduzido, pela educação, no homem na época precedente. Por tais coisas se deve aprender o que é necessário no tocante à transformação de nosso ensino, pois a educação interfere profundamente em toda a vida cultural. Podemos, portanto, dizer que quando o homem anda pela vida sem se deparar justamente com um fato individual, seus conceitos vivem no inconsciente.

Os conceitos podem, pois, viver no inconsciente. Os juízos só podem viver, como hábitos de julgamento, na vida semiconsciente, onírica, e as conclusões só devem reinar realmente na vida plenamente consciente, desperta. Isto significa que se deve colocar bastante empenho em abordar com as crianças o que se relaciona às conclusões, não as deixando conservar sempre conclusões prontas, e sim apenas aquilo que amadurece em conceito. Mas o que é necessário para isso?

Imaginem que os Senhores formam conceitos, e que esses conceitos são mortos. Então inoculam nos homens cadáveres de conceitos, e fazendo-o atingem até seus corpos. Como deve ser o conceito que oferecemos ao homem? Deve ser vivo, se é que o homem deve poder viver com ele. O homem deve viver, e portanto o conceito deve poder "con-viver". Se inoculamos na criança de nove a dez anos conceitos destinados a estar presentes no homem aos trinta, quarenta anos, então lhe inoculamos cadáveres conceituais, pois o conceito não vive junto com o homem enquanto este se desenvolve. Devemos oferecer à criança conceitos que no decorrer de sua vida possam transformar-se. O educador deve estar compenetrado de transmitir à criança conceitos que na vida posterior a pessoa não mais possua tal qual os recebeu, e sim que se transformem por si próprios mais tarde. Agindo assim, estaremos inoculando na criança conceitos vivos. E quando é que lhe inoculamos conceitos mortos? Quando lhe damos constantemente definições; quando dizemos: "Um leão é..." e assim por diante, fazendo-a decorar isso. Então contamos com o fato de que a criança, ao atingir trinta anos, ainda possua tais conceitos corretamente, tal como lhe oferecemos uma vez. Isto significa que definir muito é a morte do ensino vivo. Que devemos, pois, fazer? No ensino não deveríamos definir — deveríamos tentar caracterizar. Estamos caracterizando quando situamos a coisa sob pontos de vista os mais diversos possíveis. Quando, por exemplo, na História Natural ministramos à criança o que consta na História Natural de hoje sobre os animais, só lhe definimos de fato o animal. Devemos tentar, em todos os aspectos do ensino, caracterizar o animal de lados diferentes — por exemplo, como os homens chegaram paulatinamente a conhecer esse animal, a servir-se de seu trabalho etc. Mas já um ensino racionalmente estruturado atua caracterizando quando não apenas — chegada a etapa oportuna do ensino — descrevemos o polvo à maneira científico-natural, depois à sua vez o rato e depois, também à sua vez, o homem, mas quando situamos lado a lado o polvo, o rato e o homem, relacionando-os mutuamente. Então essas relações são tão diversificadas que não resulta uma definição, mas uma caracterização. Um ensino correto não trabalha, pois, sobre a definição, mas sobre a caracterização.

É de especial importância haver sempre a consciência de que nada se deve matar na pessoa em desenvolvimento; deve-se, sim, educá-la e ensiná-la de maneira que ela permaneça viva, não se ressecando nem enrijecendo. Por isso os Senhores deverão distinguir cuidadosamente conceitos dinâmicos, que oferecerão à criança, daqueles que não precisam estar sujeitos a uma transformação.

Esses conceitos poderão proporcionar à criança uma espécie de esqueleto de sua

alma. Sem dúvida os Senhores também deverão empenhar-se em dar à criança algo que permaneça por toda a vida. Não lhe darão, com respeito às particularidades da vida, conceitos mortos que não possam permanecer; nesse sentido terão de propiciar-lhe conceitos vivos, que se desenvolvam organicamente com ela mesma. Terão, porém, de relacionar tudo ao homem. Ao final tudo deverá confluir, na mente da criança, para a idéia do homem. Essa idéia do homem pode permanecer. Tudo que os Senhores derem à criança ao contar-lhe uma fábula e aplicá-la ao homem, ao relacionar o polvo e o rato com o homem na História Natural, ao provocar, no estudo do telégrafo Morse, um sentimento da maravilha realizada pela capacidade condutora terrestre — tudo isto são coisas que estarão ligando o mundo todo, em suas particularidades, com o homem. Isto é algo que pode permanecer. Mas o conceito de homem só se constrói paulatinamente; não se pode oferecer à criança um conceito pronto. Porém, uma vez terminado, este deve perdurar. Aliás, o que de mais belo se pode proporcionar à criança na escola, para a vida mais tarde, é a idéia mais variada e abrangente possível do homem.

O que vive no homem tem a tendência de realmente transformar-se de maneira vívida no decorrer do tempo. Se fizermos com que a criança tenha conceitos de devoção, de veneração, conceitos de tudo aquilo que, num sentido abrangente, podemos chamar de disposição para a prece, tal idéia permeada com essa disposição é viva, alcançando até a idade avançada e transformando-se então na capacidade de abençoar, de repartir com outros os resultados dessa disposição. Certa vez expressei isto dizendo que nenhum ancião ou anciã poderá realmente abençoar bem se, quando criança, não orou corretamente. Se o fez, abençoará de forma adequada, isto é, com a mais vigorosa força.

Portanto, propiciar tais conceitos relacionados ao mais íntimo do homem significa dotá-lo de conceitos viventes; e o que é vivente assume metamorfoses, transforma-se com a vida do próprio homem.

Observemos ainda de um ponto de vista um pouco diferente essa triarticulaçào da idade juvenil. Até a troca dos dentes o ser humano quer imitar, e até a puberdade quer estar sob autoridade; então quer aplicar seu juízo ao mundo.

Pode-se expressar isto também de outra forma. Quando surge do mundo anímico-espiritual, revestido por um corpo físico, o que quer o homem realmente? Quer realizar no mundo físico o passado que percorreu vivendo no âmbito espiritual. De certa forma, antes da troca dos dentes ele ainda está inserido no passado. Ainda está preenchido por aquela dedicação que se desenvolve no mundo espiritual. Por isso é que também se entrega a seu mundo ambiente ao imitar as pessoas. Qual é, pois, o impulso fundamental, a disposição básica ainda totalmente inconsciente da criança até a troca dos dentes? É uma disposição realmente muito bela, que também deve ser cultivada — aquela que parte da suposição, da suposição inconsciente de que o mundo inteiro é moral. Nas almas atuais isto não é tão compreensível; mas no homem existe uma predisposição, quando ele entra no mundo tornando-se um ser físico, para pariir da hipótese de que o mundo é moral. Por isso é bom para toda a educação, até a troca dos dentes e ainda após, que se leve em consideração essa hipótese inconsciente: o mundo é moral. Levei isso em conta ao apresentar-lhes dois textos de leitura dos quais primeiramente indiquei a preparação, sendo que esta vivia inteiramente sob a hipótese da caracterização moral. Procurei caracterizar, no trecho em que se trata da história do cãozinho pastor, do cãozinho do açougueiro e do cãozinho de colo, como a moral humana pode ser espelhada no reino animal. Procurei também, na poesia sobre a violeta, de Hoffmann von Fallersleben, levar moral também à vida infantil após os sete anos, sem pedantismo, para que se faça jus à suposição de que o mundo é moral. O sublime e grandioso na contemplação das crianças é o fato de estas serem uma espécie humana que acredita na moral do mundo, acreditando por isso que se possa imitar o mundo. — Assim, a criança vive no passado, sendo em muitos aspectos uma manifestação do passado pré-natal, não do físico, mas do anímico-espiritual.

Atravessando, enquanto criança, a idade da troca dos dentes, até à puberdade o homem vive, de fato, continuamente no presente e interessa-se pelo que é atual. E

cumpre levar sempre em conta, no ensino e na educação, que o escolar de primeiro grau quer viver constantemente na atualidade. Como se vive na atualidade? Desfrutando o mundo em redor, não de uma maneira animal, mas humana. De fato, a criança enquanto escolar quer desfrutar o mundo também no ensino. Não devemos, pois, descuidar de ensinar de forma que o ensino seja realmente para a criança — não animalescamente, mas no sentido humano superior — uma espécie de desfrute, e não algo que lhe provoque repulsa e antipatia. Neste campo a pedagogia tomou todo tipo de boas iniciativas. Há, porém, algo perigoso nesse âmbito. O perigo consiste na possibilidade de se distorcer facilmente esse princípio de tornar o ensino uma fonte de alegria e de prazer, tornando-o banal. Isto não deveria acontecer. No entanto, ajudas só podem ser criadas quando o professor, o docente, quer ele próprio sair do banal, do pedante, do burguês. Isto ele realmente só consegue quando nunca deixa de fazer com que sua relação com a arte seja bastante viva. Pois quando se quer usufruir o mundo humanamente — não animalescamente — parte-se de uma certa pressuposição, da pressuposição de que o mundo é belo. E é dessa pressuposição inconsciente que realmente a criança parte desde sua troca de dentição até à puberdade: a de que possa achar o mundo belo. Não se faz verdadeiramente jus a essa hipótese inconsciente da criança — a de que o mundo é belo, e portanto de que o ensino também deveria ser belo — quando se observam as regras aplicadas ao ensino visual, geralmente tão banais, estabelecidas a partir de um ponto de vista puramente utilitário, e sim quando o próprio professor procura imergir em vivência artística, para que justamente nessa época o ensino se torne imbuído de arte. É extremamente lamentável constatar, lendo-se os livros didáticos do presente, como o bom propósito de fazer do ensino uma fonte de alegria é desvirtuado pelo fato de aquilo que o professor aborda com seus alunos causar uma impressão antiestética e banal. Prefere-se hoje praticar com as crianças o ensino visual segundo o método socrático. Mas as perguntas formuladas a elas carregam um caráter extremamente utilitário, e não um caráter imbuído de beleza. Então de nada adianta empregar exemplos ilustrativos. Não vem ao caso impor ao professor que adote este ou aquele método na escolha dos exemplos ilustrativos para o ensino visual, mas sim que ele próprio, por sua vida na arte, cuide para que as coisas de que trata com as crianças denotem bom gosto.

A primeira fase da vida infantil até à troca da dentição segue a suposição inconsciente de que o mundo é moral. A segunda fase, da troca dos dentes até à puberdade, transcorre na hipótese inconsciente de que o mundo é belo. E é só com a puberdade que começa a disposição para achar também que o mundo é verdadeiro. É só então, portanto, que o ensino pode propor-se a assumir um caráter "científico". Antes da puberdade, não é bom conferir ao ensino um caráter simplesmente sistematizante ou científico; pois o homem só obtém um correto conceito íntimo da verdade quando atingiu a maturidade sexual.

Desta forma os Senhores chegarão a um discernimento de que, com a criança em formação, oriunda dos mundos superiores, o passado passa a viver no mundo físico; de que tendo a criança consumado sua troca de dentes, o presente vive no escolar propriamente dito; e de que então o homem adentra aquela idade na qual os impulsos do futuro se fixam em sua alma. Passado, presente e futuro, e dentro deles a vida: isto existe também no ser humano em desenvolvimento.

DÉCIMA CONFERÊNCIA
1º de setembro de 1919

Temos falado do ser humano do ponto de vista anímico e espirimal. Lançamos ao menos algumas luzes sobre como observá-lo quanto a esses dois aspectos. Teremos de complementar o que assim foi observado efetuando uma conexão entre o ponto de vista

espiritual, o anímico e o corpóreo, a fim de obter uma visão abrangente do homem e então passar a uma compreensão, a uma concepção também da corporalidade externa.

Em primeiro lugar, evoquemos uma vez mais à memória o que deve ser salientado sob diversos aspectos: o fato de o homem possuir formas diversas nos três membros de seu ser. Já salientamos como, em essência, a forma da cabeça é a forma da esfera, e como nessa forma craniana esférica reside o autêntico ser corporal da cabeça humana. Em seguida chamamos a atenção para o fato de o tórax do homem ser um fragmento de uma esfera, de forma que, ao desenharmos esquematicamente, damos à cabeça uma forma esférica, ao tórax uma forma lunar e ficamos cônscios de que nessa forma lunar está contido um fragmento esférico, uma parte de uma esfera. Teremos, pois, de admitir que podemos completar a forma lunar do tórax humano. E só poderemos visualizar corretamente esssa parte mediana da entidade do homem, o âmbito toráxico humano, se o observarmos também como uma esfera — mas como uma esfera da qual apenas uma parte, uma meia-lua é visível, sendo invisível a outra. Talvez os Senhores concluam disto que naquelas antigas épocas em que se possuía, mais do que posteriormente, a capacidade de ver formas, não era sem razão que se falava do Sol relacionando-o com a cabeça e da Lua relacionando-a com a forma do tórax. E tal qual se vê da Lua, quando não está cheia, apenas um fragmento esférico, também da parte mediana do homem se vê realmente apenas um fragmento na forma do tórax. Disto os Senhores podem concluir que a forma craniana do homem é, aqui no mundo físico, algo relativamente acabado, mostrando-se fisicamente como tal. De certa forma corresponde totalmente àquilo que parece ser — esconde o mínimo de si.

Já o âmbito toráxico do homem esconde muito de si; deixa invisível algo de sua natureza. É muito importante, para o conhecimento da entidade do homem, ter em mente que uma boa porção do tórax é invisível. Assim, podemos dizer que o tórax nos mostra de um lado, para trás, sua corporalidade, e para a frente se transpõe ao anímico. A cabeça é totalmente corpo; o tórax do homem é corpo para trás e alma para a frente. Portanto, só trazemos um autêntico corpo em nós enquanto nossa cabeça repousa sobre os ombros. Temos em nós corpo e alma na medida em que destacamos nosso tórax [corporal] do todo torácico e deixamo-lo ser permeado e impregnado pelo anímico.

Ora, é em ambas essas partes do homem, especialmente para a observação exterior, que os membros estão inseridos: nas duas partes do âmbito torácico.[a] A terceira é o homem-membros. Como podemos realmente entender o homem-membros? Somente tendo em mira que outras formas restaram da forma esférica, tal como no tórax. No caso do tórax restou uma porção da periferia; no caso dos membros restou mais algo do interior, dos raios da esfera, de forma que as partes internas da esfera estão inseridas como membros.

Como eu já lhes disse várias vezes, não se chega a um resultado quando apenas se agrega uma coisa à outra esquematicamente. É preciso sempre entretecer uma à outra, pois é nisto que consiste o elemento vivo. Dizemos que o homem motor consiste nos membros. Mas também a cabeça tem seus membros. Observando criteriosamente o crânio, os Senhores constatarão que, por exemplo, os ossos das maxilas inferior e superior estão anexados a ele. Estão inseridos exatamente como membros. O crânio também possui seus membros, e como tais lhe estão acopladas as maxilas — só que de maneira atrofiada. No restante do homem os membros estão desenvolvidos em grande dimensão, e no crânio estão atrofiados, não passando realmente de formações ósseas. E existe ainda uma diferença: observando os membros do crânio, ou seja, as maxilas superior e inferior, os Senhores verão que, em essência, aí ocorre de o osso exercer sua atividade. Se concentrarem a atenção nos membros anexados a todo o nosso corpo, ou melhor, na verdadeira natureza do homem-membros, terão de buscar o essencial no revestimento representado

a Convém lembrar que Steiner considera o abdome (âmbito metabólico) como pertencente ao homem-membros, ou homem metabólico-motor. Entenda-se aqui. pois, que o abdome se inclui nessa inserção dos membros no âmbito torácico. (N.T.)

pelos músculos e pelos vasos sangüíneos. De certa forma, os ossos estão apenas inseridos em nosso sistema muscular e sangüíneo dos braços e das pernas. E, de certa forma, nas maxilas superior e inferior — os membros da cabeça — os músculos — e os vasos sangüíneos se encontram totalmente atrofiados. Que significa isto?

Vejam, no sangue e nos músculos reside a organização da vontade, como já ouvimos. É por isso que para a vontade foram desenvolvidos principalmente os braços e as pernas, as mãos e os pés. O que serve preferencialmente à vontade — sangue e músculos — foi até certo ponto subtraído dos membros da cabeça, pois neles deve ser cultivado aquilo que tende ao intelecto, ao pensar cognitivo. Se quiserem, pois, estudar como a vontade se manifesta nas formas corporais exteriores do mundo, estudem braços e pernas, mãos e pés. Querendo estudar como se manifesta a inteligência do mundo, estudem a cabeça como crânio, como estrutura óssea, e como a ela se anexa a maxila superior, a inferior e qualquer outra coisa que na cabeça se assemelhe a membro. Em toda parte poderão considerar as formas exteriores como manifestações do interior. Sempre constatei que para a maioria das pessoas existe uma grande dificuldade em compreender que relação existe entre os ossos tubulares dos braços e das pernas e a calota craniana. Justamente para o professor é bom adotar aqui um conceito que está distante da vida cotidiana. E com isto chegamos a um capítulo muito, muito difícil, talvez o mais difícil, para a imaginação, que temos de transpor nestas palestras pedagógicas.

Os Senhores sabem que Göethe foi o primeiro a dedicar sua atenção à chamada teoria vertebral do crânio. Que quer dizer isto? Quer significar a aplicação da idéia da metamorfose ao homem e sua figura. Observando-se a coluna vertebral humana, constata-se a superposição de uma vértebra à outra. Podemos, assim, destacar uma vértebra com seus prolongamentos, percorrida pela medula espinhal. Ora, em Veneza Göethe observou pela primeira vez, num crânio de carneiro, como todos os ossos cranianos são vértebras transformadas. Isto significa que, imaginando-se alguns órgãos inflados e outros retraídos, obtêm-se dessa forma vertebral os ossos cranianos formados como calotas. Isto causou em Göethe uma grande impressão, pois forçou-o a concluir — o que para ele foi muito significativo — que o crânio é uma coluna vertebral metamorfoseada, plasmada a um nível superior.

Pode-se constatar agora, de forma relativamente fácil, que os ossos cranianos derivam dos ossos vertebrais mediante transformação, mediante metamorfose. No entanto fica muito difícil compreender também os ossos dos membros, mesmo sendo dos membros da cabeça —as maxilas superior e inferior (Göethe o tentou, mas ainda de modo exterior) —, como transformação, como metamorfose dos ossos vertebrais ou dos ossos cranianos. Qual é a razão? É que na verdade um osso tubular de qualquer região do corpo também é uma metamorfose, uma transformação do osso craniano, porém de maneira bastante especial. É relativamente fácil imaginar a vértebra da coluna transformada em osso craniano, pensando-se em algumas partes aumentadas e em outras diminuídas. Mas não é tão fácil deduzir dos ossos tubulares dos braços ou das pernas os ossos cranianos achatados. Para obter tal resultado, é preciso adotar um certo procedimento com relação a esses ossos tubulares: o mesmo que se adotaria ao vestir uma meia ou uma luva, ou seja, voltando inicialmente a parte de dentro para fora. Ora, é relativamente fácil imaginar como uma luva ou uma meia parece virada do avesso. O osso tubular, porém, não é tão uniforme: não é tão fino a ponto de possuir igual estrutura por dentro e por fora. A estrutura interna é diferente da externa. Se construíssemos nossa meia tornando-a elástica, de forma a dar-lhe exteriormente um aspecto artístico com toda espécie de protuberâncias e reentrâncias, e então a virássemos do avesso, não obteríamos mais do lado de fora a mesma forma existente no interior. É preciso virar o lado de dentro para fora e o de fora para dentro, e só então se evidencia o forma do osso craniano — de maneira que os membros humanos são não apenas ossos cranianos transformados, mas ainda virados do avesso. De onde vem isso? Vem do fato de a cabeça ter seu ponto central em algum lugar do interior, de maneira concêntrica. Já o tórax não possui seu ponto

central no meio da esfera: seu centro está bem afastado. Isso está demonstrado aqui no desenho de maneira apenas fragmentária, pois seria muito grande se desenhado totalmente. Portanto, o âmbito torácico tem seu ponto central bem distante.

0100090000038d00000002001c000000000040000000301080005000000b02000000000
50000000c027404f806040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc0200000000010
2022253797374656d00000000000000b4f606000000000100000000000000192437fe040000002
d010000040000002d010000040000000201010001c000000fb02a4ff000000000000090010000000
00440002243616c6962726900000000000000000000000000000000000000000000000000004000
0002d010100040000002d010100040000002d0101000500000009020000000020d000000320a57
0000000100040000000000f5067204200036000500000009020000000204000000 2d0100000400
00002d010000030000000000

Onde, então, o sistema dos membros tem o ponto central? Chegamos agora à segunda dificuldade. O sistema dos membros tem o ponto central em toda a periferia. Seu centro é uma esfera, portanto o oposto de um ponto. Uma superficie esférica. Na verdade, o ponto central está em toda parte; por isto podemos virar-nos para qualquer direção, e de todas elas nos chegam raios, unindo-se conosco.

O que está na cabeça irradia para o exterior; o que passa pelos membros unifica-se dentro de nós. Por isso tive de dizer também nas outras conferências: os Senhores devem imaginar os membros ínseridos. Nós somos realmente todo um mundo, só que aquilo que de fora quer penetrar em nós condensa-se em sua extremidade e torna-se visível. Uma parte bem ínfima do que somos torna-se visível em nossos membros, de forma que estes sejam algo corpóreo, mas apenas um ínfimo átomo daquilo que realmente existe no sistema dos membros do homem: espírito. Corpo, alma e espírito estão no sistema dos membros do homem. O corpo está apenas insinuado nos membros; mas também aí se encontra o anímico, e ainda o espiritual, que no fundo abrange todo o Universo.

Poderíamos agora fazer um outro desenho do homem: o homem é inicialmente uma gigantesca esfera, que abrange o Universo; depois uma esfera menor; e por fim uma esfera mínima. Só esta última se torna totalmente visível; a intermediária o é apenas parcialmente; e a esfera maior se torna visível apenas em suas irradiações na extremidade, ficando invisível o restante. Assim o homem é plasmado, em sua forma, a partir do Universo.

E por sua vez no sistema mediano, no sistema do tórax, temos a associação do sistema da cabeça e do sistema dos membros. Se observarem a coluna dorsal com as inserções das costelas, os Senhores verão que há uma tentativa de fechar-se na frente. Para trás o conjunto está fechado, e para a frente há somente a tentativa de fechamento, o que não é alcançado de todo. Quanto mais as costelas se dirigem à cabeça, mais conseguem fechar-se; porém quanto mais abaixo se situam, mais impossibilidade têm de fazê-lo. As últimas já não se encontram, pois sofrem a atuação contrária daquela força

que vem de fora para os membros.

Desta conexão do homem com todo o Macrocosmo os gregos tiveram ainda uma consciência bastante forte. E os egípcios a conheciam muito bem, só que de forma algo abstrata. Observando-se esculturas egípcias ou ainda mais antigas, é possível constatar a manifestação desse pensamento do Cosmo. Não se compreendem os feitos dos homens de antigas épocas quando não se sabe que eles empreenderam o que correspondia à sua crença: a cabeça é uma pequena esfera, uma miniatura do corpo cósmico; os membros são uma porção desse grande corpo cósmico, que penetra com seus raios na figura humana. Os gregos tiveram uma idéia bela, harmonicamente desenvolvida desse fato, e por isto eram bons escultores, bons cinzeladores. E ninguém, ainda hoje, pode inteirar-se realmente da arte plástica dos homens sem tornarse consciente dessa relação do homem com o Cosmo — do contrário, estará sempre apenas imitando exteriormente as formas da Natureza.

0100090000038d00000002001c000000000040000000301080005000000b020000000050000000c0274
04f806040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222537973746 56d000000000
00000b4f606000000000100000000000000192437fe040000002d010000040000002d010000040000000201010
01c000000fb02a4ff000000000000900100000000440002243616c6962726900000000000000000000000000000
0000000000000000000000040000002d010100040000002d010100040000002d0101000500000009020000000 2
0d000000320a57000000010004000000000f5067204200036000500000009020000000204000000 2d01000004
0000002d010000030000000000

Ora, pelo que eu lhes disse, os Senhores reconhecerão que os membros estão mais inclinados para o mundo e a cabeça mais para o homem individual. Para onde se inclinarão os membros, em especial? Para o mundo em que o homem se movimenta e continuamente altera sua posição. Terão relação com o movimento do mundo. Compreendam muito bem isto: os membros têm relação com os movimentos do mundo.

Enquanto andamos pelo mundo, enquanto exercemos ação no mundo, somos o homem dos membros. Ora, que tipo de função tem a cabeça diante do movimento do mundo? Ela repousa sobre os ombros, conforme eu já lhes disse de um outro ponto de vista. Tem também a tarefa de continuamente levar o movimento do mundo ao repouso, dentro de si. Querendo colocar-se com seu espírito dentro da cabeça, os Senhores podem realmente fazer desse ato uma imagem supondo que por um momento estivessem sentados no interior de um trem; este estaria avançando, e os Senhores se sentariam tranqüilamente em seu interior. É assim que sua alma se senta dentro de sua cabeça, que se deixa transportar pelos membros, e, calmamente aí dentro, leva o movimento ao repouso. Mesmo que os Senhores possam deitar-se ao viajar de trem, vindo a repousar, esse repouso é no fundo uma inverdade, pois no trem, talvez num carro-leito, os Senhores correm pelo mundo; apesar disso, têm a sensação de repouso — é assim que a cabeça tranqüiliza em nós aquilo que os membros realizam no mundo como movimento. E o âmbito torácico situa-se no meio, intermediando o movimento do mundo exterior e aquilo que a cabeça leva ao repouso.

Imaginem agora que, como homens, tencionemos imitar, assimilar o movimento do mundo por meio de nossos membros. Que fazemos então? Dançamos. Dançamos, em realidade; a outra dança é apenas uma dança fragmentária. Toda dança se origina do intuito de levar à imitação, nos movimentos dos membros dos homens, movimentos que os planetas, os outros corpos celestes realizam, e mesmo a própria Terra.

O que ocorre, porém, com a cabeça e com o tórax quando, dançando, imitamos os movimentos cósmicos em nossos movimentos como homens? É como se os movimentos que realizamos no mundo estancassem na cabeça e no tórax, não podendo transmitir-se à cabeça através deste último, pois a cabeça repousa sobre os ombros e não deixa os movimentos transmitirem-se à alma. A alma tem de participar dos movimentos em repouso, pelo fato de a cabeça repousar sobre os ombros. Que faz então? Começa a refletir aquilo que os membros executam dançando. Começa a resmungar quando estes realizam movimentos irregulares; começa a sibilar quando tais movimentos são regulares, e começa a cantar quando os membros executam os harmônicos movimentos cósmicos do Universo. É assim que o movimento dançante exteriorizado se transforma, interiorizando-se, no canto e no elemento musical.

A fisiologia dos sentidos jamais compreenderá a sensação se não tomar o homem como ser cósmico; dirá sempre que lá fora estão os movimentos do ar e que o homem percebe os sons interiormente, não sendo possível saber como os movimentos do ar e os sons se relacionam. Isto consta nos compêndios de Fisiologia e de Psicologia, com a única diferença de que em alguns consta no fim e em outros no início.

De onde se origina isso? Origina-se do fato de as pessoas que praticam a Psicologia ou a Fisiologia não saberem que os movimentos exteriores à disposição do homem são levados ao repouso no interior da alma, começando assim a transformar-se em sons, o que ocorre também com todas as outras sensações dos sentidos. E por não acompanharem os movimentos externos que os órgãos da cabeça os refletem de volta para o tórax, tornando-os som para outra impressão sensorial. Aí reside a origem das sensações, mas também a relação entre as artes. As artes musicais nascem das artes arquitetônicas e plásticas, e o que estas são exteriormente as artes musicais o são para dentro. A reflexão do mundo de dentro para fora — eis o que são as artes musicais.

É assim que o homem está situado dentro do Universo. Sintam uma cor como movimento chegado ao repouso. Os Senhores não percebem exteriormente o movimento, tal como se estivessem deitados dentro de um trem e pudessem ter a ilusão de estarem em repouso. Neste caso, deixariam o trem movimentar-se lá fora. Assim, deixam seu corpo participar do mundo exterior por meio de sutis movimentos dos membros, aos quais não percebem, sendo que interiormente percebem as cores e os sons. Devem isso à circunstância de deixarem sua cabeça ser carregada em repouso pelo organismo dos membros.

Eu lhes disse que este assunto ora abordado é um tanto difícil. Essa dificuldade provém do fato de nada, absolutamente, ser feito em nossa época para a compreensão dessas coisas. Por meio de tudo aquilo que hoje assimilamos como instrução, cuida-se para que as pessoas permaneçam ignorantes de coisas como as que lhes apresentei hoje. Pois o que ocorre, de fato, mediante nossa cultura atual? Ora, a pessoa não chega a conhecer realmente de todo uma meia ou uma luva se uma vez não a vira do avesso, pois então nunca fica sabendo o que, da meia ou da luva, toca na verdade sua pele; só conhece aquilo que está voltado para fora. Assim, por meio da cultura atual a pessoa também só sabe o que se volta para fora. Só recebe conceitos para meio-homem, pois jamais pode compreender os membros — estes o espírito já virou do avesso.

Podemos também descrever o exposto hoje dizendo que, ao observarmos o homem total, completo — tal como este se nos apresenta no mundo — inicialmente como homem motor, ele se manifesta segundo espírito, alma e corpo. Se o observarmos como homem-tórax, ele se mostrará como alma e corpo. A grande esfera [v. desenho à pág. 121]: espírito, corpo, alma; a esfera média: corpo, alma; a esfera menor: simplesmente corpo.

No concílio do ano 869 os bispos da Igreja Católica proibiram a Humanidade de saber algo sobre a esfera grande. Declararam ser dogma da Igreja Católica a existência apenas da esfera média e da esfera menor, sendo o homem composto apenas de corpo e alma, e contendo esta apenas sua qualidade como algo espiritual — o que afirma sua natureza também espiritual, de um lado. Para a cultura derivada do catolicismo no Ocidente, desde o ano 869 o espírito não existe mais.

Abolindo-se, porém, a relação com o espírito, foi abolida a relação do homem com o mundo. Cada vez mais o homem foi inserido em sua esfera do eu. Por isso a própria religião se tomou sempre mais egoísta, e hoje vivemos numa época em que é preciso, por assim dizer, novamente aprender, a partir da observação espiritual, a relação do homem com o espírito e, conseqüentemente, com o mundo.

Quem tem realmente a culpa por havermos recebido um materialismo científico? A culpa principal de tal advento cabe à Igreja Católica, que no ano 869, durante o concílio de Constantinopla, aboliu o espírito. Que sucedeu realmente nessa época? Observem a cabeça humana: no âmbito dos fatos do suceder universal, esta se desenvolveu de tal forma que hoje é o mais antigo componente do homem. A cabeça originou-se primeiro de animais superiores, e remontando-se mais longe, a animais inferiores. Com relação à nossa cabeça, descendemos do mundo animal. Aí nada cabe dizer — a cabeça é apenas um animal mais desenvolvido. Nós retrocedemos ao mundo animal inferior quando queremos buscar os antepassados de nossa cabeça. Só mais tarde é que nosso tronco foi anexado à cabeça, não sendo mais tão animalesco quanto esta. Nós o recebemos somente numa época posterior. E os membros, nós, homens, os recebemos como órgãos mais tardios, que constituem os mais humanos de todos. Não foram eles desenvolvidos dos órgãos animais, e sim anexados mais tarde. Os órgãos animais foram plasmados independentemente, a partir do Cosmo, para os animais, e os órgãos humanos foram posteriormente desenvolvidos de forma autônoma para o tórax. Mas tendo ocultado da consciência do homem sua ligação com o Universo, a verdadeira natureza de seus membros, a Igreja Católica transmitiu às épocas seguintes apenas um pouquinho do tórax e principalmente da cabeça, do crânio. E então o materialismo chegou à conclusão de que o crânio descende dos animais, passando a dizer que todo o homem descende do animal, quando na verdade os órgàos do tórax e os membros só foram desenvolvidos mais tarde. Foi justamente escondendo do homem a natureza de seus membros, sua relação com o Universo, que a Igreja Católica fez com que a época materialista posterior incorresse na idéia apenas significativa para a cabeça, e no entanto aplicada por ela a todo homem. Na verdade a Igreja Católica é a criadora do materialismo, nesse âmbito da teoria da evolução. É especialmente ao atual professor de jovens que cabe saber tais coisas, pois ele deve ligar seu interesse àquilo que se passou no mundo, e sabê-lo a partir de seus fundamentos.

Procuramos hoje esclarecer como nossa época veio a tornar-se materialista, começando com algo bem diferente: com a forma esférica e lunar e com a forma radial dos membros. Isto significa que iniciamos com o que aparentemente é bem oposto, a fim de compreender um grandioso, imponente fato histórico-cultural. Entretanto é necessário que especialmente o professor, que em outra situação nada consegue fazer com o adolescente, esteja em condições de entender os fatos culturais a partir dos fundamentos. Então ele assimilará algo necessário, caso queira educar corretamente a partir de seu íntimo e através das relações inconscientes e subconscientes com a criança. E só então terá o devido respeito pela figura humana, vendo em todas elas as relações com o Macrocosmo. Seu modo de ver essa figura humana será diferente de quando ele vê no homem apenas um animalzinho, um corpo animal um pouco melhor desenvolvido. Hoje, no fundo o professor — entregando-se por vezes a ilusões em sua cachola — encara seu semelhante com a clara consciência de que o ser humano em crescimento é um pequeno animalzinho que ele precisa desenvolver um pouco mais do que a Natureza já desenvolveu. Ele se sentirá diferente se disser: “Eis um ser humano do qual emanam relações para com todo o Universo, e em cada criança individual tenho algo — caso eu tra-

balhe para isso, faça algum esforço — significativo para o Universo inteiro. Estamos na sala de aula: em cada criança reside um centro do Universo, um centro do Macrocosmo. Esta sala de aula é o ponto central, formando mesmo vários pontos centrais para o Macrocosmo." Imaginem o que significa isto quando sentido vividamente! Como a idéia do Universo e sua relação com o homem se transforma num sentimento que santifica cada uma das medidas pedagógicas! Sem possuir tais sentimentos a respeito do homem e do Universo, não chegamos a ensinar séria e corretamente. No momento em que temos tais sentimentos, estes se transferem às crianças através de ligações subterrâneas. Em outro contexto eu lhes disse que é sempre maravilhoso ver como os fios alcançam placas de cobre dentro da terra e esta passa a conduzir a eletricidade sem fios. Se os Senhores entram na escola apenas com sentimentos humanos egoístas, então precisam de todos os fios possíveis — as palavras — para entender-se com as crianças. Se tiverem os grandes sentimentos cósmicos, desenvolvidos por idéias tais como as que acabo de expor, então haverá uma conexão subterrânea com a criança. Os Senhores se unirão à criança. Nisto reside algo de misteriosas relações entre os Senhores e o todo discente. É de tais sentimentos que também deve ser erigido o que chamamos de pedagogia. A pedagogia não pode ser uma ciência — deve ser uma arte. E onde existe uma arte que se possa aprender sem viver constantemente em sentimentos? No entanto, os sentimentos nos quais é preciso viver para exercer aquela grande arte da vida que é a pedagogia, esses sentimentos que é preciso ter com vistas à pedagogia, só se acendem pela observação do Macrocosmo e sua relação com o homem.

DÉCIMA PRIMEIRA CONFERÊNCIA
2 de setembro de 1919

Se, com base no ponto de vista elaborado na conferência de ontem, os Senhores puderem contemplar a entidade corporal humana inicialmente como que a partir do espírito e da alma, rapidamente poderão integrar, na estruturação e no desenvolvimento dessa corporalidade, tudo de que necessitam. Por isso, antes de nas conferências restantes passarmos à descrição corpórea do homem, prosseguiremos nesse enfoque do aspecto anímico-espiritual.

Ontem os Senhores puderam conhecer como o homem é trimembrado em homem da cabeça, do tronco e dos membros. E viram que são diversas as relações de cada qual desses três componentes para com o mundo anímico e o espiritual.

Observemos inicialmente a formação da cabeça humana. Já dissemos ontem que a cabeça é sobretudo corpo. Consideramos o homem toráxico como corporal e anímico, e o homem-membros como corporal, anímico e espiritual. Mas naturalmente não se esgota a descrição da natureza da cabeça dizendo-se que esta é sobretudo corpo. A realidade revela que as coisas não se separam nitidamente umas das outras; com isto podemos dizer, da mesma forma, que a cabeça apenas é anímica e espiritual de modo diverso do tórax e dos membros. Já quando o homem nasce a cabeça é principalmente corpo, isto é, de certa forma aquilo que a princípio a compõe como cabeça imprimiu-se na forma da cabeça corpórea. Por isso a cabeça tem uma aparência tal — ela é o primeiro elemento que se molda no desenvolvimento embrionário humano — que é primeiramente nela que a qualidade humana genérica se manifesta de forma anímico-espiritual. Que relação tem o corpo, enquanto cabeça, para com o anímico e o espiritual? É pelo fato de a cabeça já ser um corpo completamente desenvolvido — tendo percorrido em estados evolutivos anteriores, do animal ao homem, tudo que é necessário à evolução — que no referente ao

aspecto corpóreo atingiu o mais perfeito grau. O anímico se acha tão unido a essa cabeça que a criança, ao nascer e ainda durante seu desenvolvimento nos primeiros anos de vida, sonha na cabeça tudo que é anímico. O espírito, por sua vez, na cabeça está dormindo.

Temos agora uma notável congregação de corpo, alma e espírito na cabeça humana. Temos um corpo muito, muito desenvolvido como cabeça, dentro da qual existe uma alma nitidamente sonhadora e um espírito que ainda dorme. Trata-se agora de ver esse fato recém-caracterizado em sintonia com toda a evolução do homem. Até à troca dos dentes, essa evolução impõe que o homem seja preferencialmente um ser imitativo. Ele faz tudo aquilo que observa em seu redor, devendo isso à circunstância de seu espírito da cabeça estar dormindo. Com isto ele pode permanecer com esse espírito do lado de fora da cabeça corpórea, detendo-se no derredor. Com efeito, quem dorme está com seu elemento anímico-espiritual fora do corpo. A criança está com sua parte anímico-espiritual, seu espírito adormecido e sua alma sonhadora, fora da cabeça. Ela se encontra e vive naqueles que estão ao seu redor, e por isso é um ser imitativo. Com isto se desenvolve, a partir da alma que sonha, o amor pelo ambiente, e em especial o amor pelos pais. Recebendo o ser humano a segunda dentição ao atravessar a troca dos dentes, isto significa, em seu desenvolvimento, o último desfecho da evolução da cabeça. Embora esta já venha a nascer como corpo completo, é só nos primeiros sete anos do homem que perfaz uma última etapa evolutiva. Esta encontra seu término, estabelece seu ponto final com a troca dos dentes.

O que está encerrado, afinal? É a reestruturação da forma. Nesse ponto o homem incutiu em seu corpo o que lhe dá consistência, o que principalmente lhe dá forma. Vendo surgir a segunda dentição no homem, podemos dizer que está terminada a primeira confrontação com o mundo. A pessoa fez o que é pertinente à sua aquisição de forma, àsua configuração. Enquanto nessa época ela engendra sua forma, sua figura a partir da cabeça, algo totalmente diverso lhe ocorre como homem torácico.

No tórax as coisas passam diferentemente dos fatos da cabeça. O tórax é um organismo que desde cedo, quando nasce o homem, é anímico-corpóreo. Não é simplesmente corpóreo, como a cabeça — é anímico-corpóreo, só que tendo ainda o espírito como um elemento sonhador fora de si. Portanto, ao observarmos a criança em seus primeiros anos de vida, devemos considerar nitidamente a vigilância e a vivacidade bem maiores dos membros do tórax em comparação com os membros da cabeça. Não seria absolutamente correto vermos o homem composto como um ser caótico singular.

Também nos membros a situação é outra. Desde o primeiro momento da vida, o espírito, a alma e o corpo estão aí íntimamente ligados, permeando-se mutuamente. E também aí que a criança se encontra totalmente desperta desde o mais primordial instante. Isto é percebido por aqueles que têm de educar a criaturinha agitada e esperneante nos primeiros anos. Tudo aí está acordado, só que não desenvolvido. Este é o principal segredo do homem: quando ele nasce, o espírito de sua cabeça já está muito, muito desenvolvido, porém dorme; sua alma da cabeça, também muito desenvolvida, apenas sonha — só aos poucos ambos deverão acordar; em seus membros, por ocasião do nascimento, o homem está totalmente desperto, porém carecendo desenvolver-se e moldar-se.

Na verdade precisamos desenvolver apenas o homem-membros e uma parte do homem torácico. É que a parte dos membros e o tórax assumem a tarefa de despertar o homem-cabeça, de forma que neste ponto é que os Senhores realmente obtêm a real característica da educação e do ensino. Desenvolvendo o homem-membros e uma parte do homem-tórax, fazem com que estes despertem a outra parte do homem-tórax e o homem-cabeça. Disto se vê que a criança já nos traz ao encontro algo considerável: aquilo que ela traz, através do nascimento, em seu espírito perfeito e sua alma relativamente perfeita. E só temos de desenvolver o que ela nos apresenta de imperfeito no espírito e na alma.

Se isto fosse diferente, a educação, a verdadeira educação e o verdadeiro ensino seriam absolutamente impossíveis. Pois imaginem que, se quiséssemos ensinar e educar

todo o espírito que uma pessoa traz ao mundo, teríamos sempre de ser, como educadores, perfeitamente desenvolvidos frente às possibilidades evolutivas do ser humano. Ora, pode ser que logo desistíssemos do ensino, pois só poderíamos educar pessoas tão inteligentes e geniais quanto nós mesmos. Obviamente poderíamos chegar à situação de ter de educar pessoas muito mais inteligentes e geniais, em alguma área, do que nós próprios somos. Isto só é possível porque na educação só lidamos com uma parte do homem aquela que também podemos educar quando não somos tão inteligentes nem geniais, e talvez nem tão bons quanto ele próprio está predisposto à genialidade, à inteligência, ao bem. O que de melhor podemos fazer na educação é educar a vontade e uma parte da índole pois o que educamos por meio da vontade, isto é, por meio dos membros, o que educamos por meio da índole, ou seja, por uma parte do tórax, podemos levar ao grau de perfeição que nós próprios possuímos. E tal como não somente o empregado, mas também o despertador pode ser programado para acordar uma pessoa muito mais inteligente do que ele próprio, também um homem muito menos genial e até mesmo muito menos bom pode educar alguém muito mais dotado que ele. Contudo é preciso ter em mente que, em relação a qualquer aspecto intelectual, não precisamos absolutamente estar maduros frente ao educando; mas pelo fato de se tratar de educação da vontade como agora vemos também deste ponto de vista —, devemos esforçar-nos ao máximo no sentido de sermos bons. O discípulo pode tomar-se melhor que nós, mas bem provavelmente não o será caso outra educação proporcionada pelo mundo ou por outras pessoas não venha acrescentar-se à nossa.

Nestas conferências, indiquei-lhes que na linguagem vive um certo gênio. O gênio da linguagem, disse eu, é genial; é mais inteligente que nós mesmos. Muito podemos aprender da maneira como a linguagem é compilada, como contém seu espírito.

O gênio, porém, está ao nosso redor ainda em outra parte além da linguagem. Pensemos no que acabamos de assimilar: que o homem entra no mundo com um espírito dormente e uma alma sonhadora, no referente à cabeça; que nos cumpre de fato, já desde bem cedo, desde o nascimento, educar o homem por meio da vontade, porque se não pudéssemos atuar nele dessa forma não poderíamos aproximar-nos de seu espírito adormecido da cabeça. Mas criaríamos uma grande lacuna na evclução humana caso não pudéssemos, de alguma forma, aproximar-nos desse espírito. O homem nasceria, e o espírito de sua cabeça estaria dormindo. Ainda não podemos fazer com que a criança, com seus esperneios, pratique ginástica ou eurritmia. Isso é impossível. Tampouco podemos ministrar-lhe uma educação musical quando ela apenas agita as pernas e no máximo dá alguns gritos. Nem podemos contar ainda com a arte. Ainda não encontramos uma ponte nítida da vontade para o espírito adormecido da criança. Mais tarde, quando de alguma maneira nos aproximamos de sua vontade, podemos atuar sobre esse espírito adormecido, bastando podermos proferirlhe as primeiras palavras, pois aí já existe uma interferência na vontade. Então aquilo que por meio das primeiras palavras enviamos aos órgãos fonadores já se introduz como atividade volitiva no espírito adormecido da cabeça, começando a acordá-lo. Mas na mais tenra idade não dispomos inicialmente de qualquer ponte adequada. Não existe uma corrente conduzindo dos membros — nos quais a vontade está desperta — ao espírito dormente da cabeça. Aí é preciso um outro mediador, já que nós, como educadores na primeira idade do homem, não podemos criar muitos meios.

Surge então algo que também é gênio, que também é espírito fora de nós. A linguagem contém seu gênio, mas não podemos ainda, nas mais tenras épocas da evolução infantil, apelar apenas para a linguagem. A própria Natureza, porém, contém seu gênio, seu espírito. Se não o possuísse, nós, homens, teríamos de definhar mediante a lacuna criada educacionalmente em nossa evolução nos primórdios da idade infantil. Pois bem, o gênio da Natureza cria algo capaz de construir essa ponte. Faz surgir da evolução dos membros, do homem-membros, uma substância que, port estai evolutivamente ligada ao homemmembros, tem em si algo dele — é o leite. O leite surge no ser humano feminino relacionando-se com os membros superiores, com os braços. Os órgãos produtores de leite

são como que a continuidade, para dentro, desses membros. Tanto no reino animal quanto no humano, o leite é a única substância que possui íntimo parentesco com a natureza dos membros, tendo de certa forma nascido da mesma e contendo, portanto, também sua força. E enquanto damos leite à criança, este atua como a única substância, ao menos no essencial, que desperta o espírito adormecido. Eis o espírito existente em toda matéria, e que se manifesta onde deve manifestar-se. O leite traz em si seu espírito, cuja tarefa é despertar o espírito infantil dormente. Não é uma simples imagem, e sim um fato científico-natural bem fundamentado: o gênio sediado na Natureza, fazendo nascer dos misteriosos subterrâneos desta a substância leite, é quem desperta o espírito humano dormente na criança. Tais relações profundamente misteriosas na existência cósmica devem ser discernidas. Só então é que se compreende que maravilhosas leis estão de fato contidas nesse Universo. Aí se compreende cada vez mais que na verdade nos tornamos mais terrivelmente ignorantes quando elaboramos teorias da substância material como se essa substância fosse apenas algo indiferentemente dilatado, fracionável em átomos e moléculas. Não, essa matéria não é isto. Essa matéria é algo cujo elemento como o leite, ao ser produzido, tem a mais íntima necessidade de despertar o espírito humano adormecido. Tal como podemos falar de necessidade no homem e no animal, isto é, da força subjacente à vontade, também no caso da matéria podemos falar de "necessidade" em sentido genérico. E só consideramos o leite de forma abrangente ao dizer que este, ao ser produzido, anseia por ser o despertador do espírito humano infantil. Assim, tudo que está ao nosso redor se vivi-fica quando o consideramos corretamente. Desta forma nunca ficamos realmente livres da relação entre tudo que existe no mundo e o homem.

Disto se vê que o próprio gênio da Natureza cuida da primeira época do desenvolvimento humano. Continuando a desenvolver a criança e educando-a, de certa forma retiramos do gênio da Natureza seu trabalho. Começando a atuar nela por meio da vontade, da linguagem e de nosso agir que ela imita, continuamos aquela atividade que vemos o gênio da Natureza efetuar enquanto alimenta a criança com leite, fazendo do homem apenas um meio para realizar essa alimentação. Mas com isto também se vê que a Natureza educa naturalmente — pois sua alimentação pelo leite é o primeiro meio educativo. A Natureza educa naturalmente. Nós, homens, ao começarmos a atuar educativamente sobre a criança mediante a linguagem e nosso agir, começamos a educar animicamente. Por isto é importante que no ensino e na educação nos tornemos cônscios de não podermos, como educadores e mestres, iniciar grande coisa com a cabeça. Esta já nos traz O que lhe cabe ser neste mundo ao atravessar o nascimento. Podemos despertar o que existe nela, mas não podemos absolutamente inseri-lo nela.

Começa então, naturalmente, a necessidade de esclarecer que só algo bem determinado pode ser introduzido, pelo nascimento, na vida terrena física. O que surgiu, pela convenção exterior, apenas no decorrer da evolução cultural não constitui preocupação para o mundo espiritual. Isto significa que nossos meios convencionais de leitura, nossos meios convencionais de escrita — já expliquei isto de outros ângulos —, esses naturalmente a criança não traz consigo. Os espíritos não escrevem. Os espíritos tampouco lêem. Não lêem nos livros nem escrevem com penas. Não passa de uma invenção dos espíritas o fato de os espíritos professarem uma linguagem humana e até mesmo escreverem. O que está contido na linguagem e na escrita é convençao cultural, e reside aqui na Terra. E só quando não apenas oferecemos à criança essa convenção cultural, essa leitura e essa escrita através da cabeça, mas também através do tronco e dos membros, é que lhe estamos fazendo bem.

Naturalmente, quando a criança atingiu sete anos de idade e vem à escola primária — nem sempre a pusemos deitada no berço: ela já fez algo, já ajudou a si própria imitando os adultos, já cuidou para que seu espirito na cabeça acordasse de alguma forma —, então podemos utilizar aquilo que ela própria despertou de seu espírito na cabeça, a fim de ministrar-lhe a leitura e a escrita da maneira convencional; mas aí começamos a prejudicar esse espírito da cabeça por nossa influência. Por isto eu lhes disse que num

bom ensino a escrita e a leitura não podem ser ministradas a não ser a partir da arte. Os primeiros elementos do desenho e da pintura, os primeiros elementos musicais devem precedê-las, pois atuam sobre o homem-membros e o homem-tórax, e apenas indiretamente sobre o homem-cabeça. No entanto, despertam aquilo que é inerente ao homem-cabeça. Não maltratam o homem-cabeça como nós o maltratamos ao ministrarmos à criança a leitura e a escrita simplesmente tal como surgiram convencionalmente, de maneira intelectual. Façamos a criança primeiro desenhar e depois desenvolver, daquilo que desenhou, as formas da escrita, e assim estaremos educando do homem-membros para o homem-cabeça. Mostremos à criança, digamos, um ***F***. Se ela tiver de observar o ***F*** e depois copiá-lo, então pela observação estaremos atuando primeiro no intelecto, que por sua vez adestra a vontade. Este é o caminho inverso. O caminho correto é acordar tanto quanto possível o intelecto por meio da vontade. Só conseguimos fazê-lo passando do elemento artístico à formação intelectual. Assim, já nos primeiros anos do ensino, quando a criança nos é confiada, devemos empenhar-nos em proporcionar-lhe a escrita e a leitura de forma artística.

É preciso ter em mente que a criança, enquanto a ensinamos e educamos, tem de fazer também algo diverso daquilo que fazemos com ela. Ela precisa fazer todo tipo de coisas que só indiretamente pertencem à nossa alçada. Ela deve crescer. Crescer é o que ela precisa, e os Senhores devem estar cônscios da necessidade de ela crescer corretamente enquanto a educam e ensinam. Mas o que significa isto? Significa que não se pode perturbar o crescimento por meio do ensino e da educação. Não se deve interferir no crescimento de forma perturbadora. Os Senhores só podem educar e ensinar caminhando paralelamente à necessidade do crescimento. O que digo agora é de importância muito especial para o primeiro grau escolar. Pois se até à troca dos dentes a estruturação da forma parte da cabeça, durante os anos do primeiro grau o desenvolvimento vital está presente, isto é, o crescimento e tudo o que lhe é relacionado até à puberdade — portanto, durante o ensino de primeiro grau. Só a puberdade marca o desfecho do desenvolvimento oriundo do homem toráxico. Por isso, durante a primeira época escolar é principalmente com este que lidamos. Não se procede corretamente a não ser sabendo que, ao ser ensinada e educada, a criança se desenvolve através de seu organismo do tórax. Precisamos, de certa forma, tornar-nos companheiros da Natureza, pois esta desenvolve a criança por meio do organismo toráxico — pela respiração, alimentação, movimentação, etc. E os Senhores precisam tornar-se bons companheiros da Natureza. Mas como poderão fazê-lo sem conhecer essa evolução natural? Se, por exemplo, não sabem em absoluto como retardar ou acelerar animicamente o crescimento, no ensino ou na educação, como poderão ensinar e educar bem? Até certo grau os Senhores têm até mesmo nas mãos incentivar no educando aquelas forças do crescimento que o façam espichar até tomar-se um varapau, o que em certas circunstâncias poderia ser nocivo. Até certo ponto têm nas mãos inibir doentiamente o crescimento da criança, de forma que ela permaneça pequena e franzina — é verdade que só até certo grau, mas os Senhores têm isso nas mãos. É preciso, pois, ter discernimento justamente quanto às condições do crescimento do homem. Os Senhores devem ter esse discernimento tomando por base o anímico e também o corpóreo.

Como podemos, com base no anímico, compreender as condições do crescimento? Temos justamente de voltar-nos para uma psicologia melhor que a psicologia comum. A melhor psicologia nos diz que tudo aquilo que acelera as forças de crescimento do homem, plasmando-as de maneira que ele cresça espigadamente, relaciona-se com uma certa formação da memória. Se exigimos excessivamente da memória, então fazemos da pessoa, dentro de certos limites, um magricela; se apelamos exageradamente à fantasia, inibimo-lhe o crescimento. A memória e a fantasia têm um misterioso relacionamento com as for ç as que desenvolvem a vida do homem, e cumpre dedicarmos alguma atenção a essas relações.

O professor deve estar, por exemplo, em condições de fazer o seguinte: ele deve

lançar uma espécie de olhar abrangente sobre seus alunos no começo do ano escolar, especialmente no início das épocas da vida, por mim mencionadas, que se relacionem com os nove e os doze anos. Então deve passar em revista o desenvolvimento físico, atentando para o aspecto de suas crianças. No fim do ano, ou em outro período, deve fazer nova revisão e observar as alterações ocorridas. E o resultado dessas duas revistas devem dar-lhe a saber que durante esse tempo uma criança não cresceu tão bem quanto devia, e a outra espichou um pouco demais. Cabe-lhe então impor-se a pergunta: como, no próximo ano escolar ou no próximo semestre, promoverei o equilíbrio entre fantasia e memória, a fim de combater a anomalia?

Vejam, por isso também é tão importante acompanhar os alunos durante todos os anos escolares, e por isso é uma instituição tão absurda entregar os alunos, a cada ano, nas mãos de um outro professor. Mas também há o reverso. No começo do ano escolar e no início das épocas do desenvolvimento (7, 9, 12 anos) o professor conhece cada vez mais seus alunos. Fica conhecendo aqueles alunos que explicitamente têm o tipo fantasioso, que transformam tudo. E fica conhecendo aqueles que sem dúvida se revelam pela memória, atentando a tudo muito bem. Também isso o professor deve reconhecer, o que é feito por meio de ambas as revisões que indiquei. Mas esse reconhecimento deve ser elaborado de forma que ele venha a saber não somente pelo crescimento físico, mas ainda pela fantasia e pela memória, se a criança tende a crescer muito rapidamente no caso de ela possuir uma memória muito boa — ou se tende a ser muito baixota — no caso de ter fantasia em excesso. Deve-se reconhecer a relação entre corpo e alma não somente por meio de todo tipo de retórica e palavreado; é preciso também observar, na pessoa em desenvolvimento, a cooperação entre o corpo, a alma e o espírito. Crianças repletas de fantasia crescem diferentemente de crianças dotadas de memória.

Hoje em dia tudo está pronto, para os psicólogos: existe a memória, que então é descrita nos compêndios de Psicologia; existe a fantasia, que também é descrita. No mundo real, entretanto, tudo está em inter-relação E só conhecemos essas inter-relações quando nos adaptamos um pouco a elas com nossa capacidade de compreensão — ou seja, quando não usamos essa capacidade querendo definir tudo corretamente, e sim tornando essa própria compreensão dinâmica, de forma a possibilitar a modificação intrínseca e conceitual do que já foi conhecido.

Vê-se que o anímico-espiritual conduz por si próprio ao físico-corpóreo, até mesmo ao ponto de podermos dizer o seguinte: pela influência corpórea, pelo leite, o gênio da Natureza educa a criança na mais tenra idade. Nós, então, educamo-la desde a troca dos dentes, instilando-lhe a arte na época escolar. E com a aproximação do fim do primeiro grau, isto se modifica de certa maneira. Da fase posterior já cintila cada vez mais o juízo independente, o sentimento de personalidade, o impulso autônomo. A isto fazemos jus à medida que estruturamos o currículo escolar de forma a aproveitar também na realidade o que aí cumpre incluir.

DÉCIMA SEGUNDA CONFERÊNCIA
3 de setembro de 1919

Ao observar o corpo humano, devemos relacioná-lo com nosso derredor físico-sensorial, com o qual ele se encontra em contínua relação cósmica e pelo qual é sustentado. Dirigindo nosso olhar ao derredor físico-sensorial, nele percebemos seres minerais, vegetais e animais. Nosso corpo físico tem afinidade tanto com a essência do mineral como do vegetal e do animal. Mas o tipo especial de afinidade não se torna clara à primeira vista mediante uma observação supérflua; é necessário penetrar profundamente na essência dos remos naturais quando se deseja conhecer o inter-relacionamento entre o homem e seu ambiente físico-sensorial.

Percebemos no homem, enquanto físico-corpóreo, inicialmente sua sólida estrutura óssea e seus músculos. Aprofundando-nos mais nele, percebemos a circulação sangüínea com seus órgãos pertinentes. Percebemos a respiração. Percebemos os processos alimentares. Percebemos como das mais diversas formas de vasos — como são denominados nas ciências naturais — se desenvolvem os órgãos. Percebemos o cérebro e os nervos, os órgãos sensoriais, e surge a tarefa de integrar os diversos órgãos do homem e seus processos ao mundo exterior, dentro do qual ele se encontra.

Partamos daquilo que no homem aparenta ser o elemento mais perfeito — o que ocorre, na realidade, já tivemos oportunidade de ver —: seu sistema neurocerebral, que se congrega aos órgãos sensoriais. Aí temos aquela organização do homem que deixou atrás de si a mais longa evolução temporal, de modo que ultrapassou a forma desenvolvida pelo mundo animal. De certa maneira o homem percorreu o mundo animal no que se refere a esse seu sistema da cabeça, tendo ultrapassado o sistema animal para atingir o autêntico sistema humano, cuja expressão mais nítida é a formação da cabeça.

Ora, ontem abordamos em que medida nossa formação da cabeça participa da evolução humana individual, em que medida a estruturação do corpo humano emana das forças dispostas na cabeça. E vimos que de certa forma é estabelecida uma espécie de ponto final para a atuação da cabeça, com a troca dos dentes ao redor dos sete anos. Deveríamos ter em mente o que realmente ocorre enquanto a cabeça humana está em inter-relação com os órgãos do tronco e dos membros. Deveríamos responder à pergunta: o que ocorre realmente com a cabeça ao desempenhar seu trabalho em conexão com os sistemas do tronco e dos membros? Ela está continuamente formando e plasmando. Nossa vida consiste realmente no fato de nos primeiros sete anos emanar da cabeça uma forte configuração que se derrama até na forma física, e de no entanto a cabeça sempre continuar a ajudar, mantendo, animando e espiritualizando a forma.

A cabeça se relaciona com a estruturação da forma humana. Pois bem — mas será que a cabeça plasma nossa forma humana autêntica? Isto ela realmente não faz. Os Senhores devem acostumar-se já à idéia de que a cabeça quer, contínua e secretamente, fazer de nós algo diferente do que somos. Então existem momentos em que a cabeça gostaria de moldar-nos de maneira a parecermos um lobo. Em outros momentos, gostaria de moldar-nos de forma a parecermos um cordeiro; depois, de forma a parecermos um verme; gostaria de tornar-nos ver-me, tornar-nos dragão. Todas as formas que nossa cabeça pretende realizar em nós são encontráveis na Natureza, espalhadas nas diversas formas animais. Observando o reino animal, pode-se dizer: "Lá estou eu próprio, só que meu sistema do tronco e meu sistema dos membros me fazem o obséquio de continuamente, enquanto, por exemplo, a forma de lobo emana da cabeça, transformar essa forma de lobo em forma humana." Estamos continuamente superando em nós o elemento animal. Apoderamo-nos dele de tal forma que não o deixamos existir totalmente — metamorfoseamo-lo, transformamo-lo. O homem está, pois, numa relação com o ambiente animal mediante seu sistema da cabeça, mas de uma maneira tal que, pela ação criativa de seu corpo, está sempre superando esse ambiente animalesco. O que permanece realmente em nós, afinal? Os Senhores podem observar um homem. Imaginem-no, e poderão firmar a interessante constatação: — Aí está o homem. Em cima ele tem sua cabeça. Eis que aí se move realmente um lobo, mas não chega a ser um lobo; este é logo esvanecido pelo tronco e pelos membros. Eis que aí se insinua de fato um cordeiro, mas é dissolvido pelo tronco e pelos membros.

Constantemente as formas animais se movimentam supra-sensivelmente no homem, sendo então dissolvidas. O que seria, pois, se houvesse um fotógrafo supra-sensível que conservasse esse processo, ou seja, que fixasse esse processo numa chapa fotográfica ou em fotogramas consecutivos? Ver-se-iam os pensamentos do homem. Esses pensamentos do homem são mesmo o correlato supra-sensível daquilo que não se expressa sensorialmente. No âmbito sensorial não se manifesta essa contínua metamorfose do animalesco, fluindo da cabeça para baixo, mas supra-sensorialmente atua no homem como

o processo do pensamento. Isto existe de fato como um processo supra-sensível real. Nos sa cabeça não é somente aquela indolente sobre os ombros, mas é aquela que gostaria de manter-nos realmente na animalidade. Ela nos dá as formas de todo o reino animal, querendo que continuamente surgissem remos animais. Mas por meio de nosso tronco e dos membros não deixamos que, no decorrer da vida, um completo reino animal venha a surgir por nosso intermédio; transformamos esse reino animal em pensamentos. É assim que nos colocamos em relação com o reino animal. Deixamo-lo surgir supra-sensorialmente em nós e não permitimos que chegue à realidade sensível — detemo-lo no supra-sensível. O tronco e os membros não consentem que esses animais nascentes penetrem em seu âmbito. Quando a cabeça possui demasiada tendência a produzir algo desse elemento animalesco, o resto do organismo se recusa a assimilá-lo, e então a cabeça necessita, a fim de exterminá-lo novamente, recorrer a enxaqueca e a outras coisas que nela se desenrolam.

Também o sistema do tronco está em relação com o ambiente. Este, porém, não está em relação com o mundo animal, mas com toda a extensão do mundo vegetal. Uma misteriosa relação existe entre o sistema do tronco humano e o mundo vegetal. No sistema toráxico-abdominal se desenrola o principal da circulação, a respiração, a alimentação. Todos estes processos estão numa relação recíproca com o que ocorre lá fora na natureza físico-sensorial, no mundo vegetal, porém numa relação muito singular.

Tomemos primeiramente a respiração. Que faz o homem ao respirar? Sabemos que ele assimila o oxigênio e, unindo-o ao carbono, transforma-o em gás carbônico mediante seu processo vital. O carbono se encontra no organismo mediante as substâncias alimentares transformadas. E esse carbono que o oxigênio absorve, daí resultando o gás carbônico. Pois bem, neste ponto haveria uma bela oportunidade para o homem caso ele não eliminasse o gás carbônico de si, mas o conservasse. Se ele pudesse, agora, novamente separar o carbono do oxigênio, o que ocorreria? Posto que o homem, por meio de seus processos vitais, primeiro inspira oxigênio e em seu interior transforma-o em gas carbônico pela união com o carbono, o que surgiria nele se estivesse agora em condições de liberar interiormente o oxigênio, porém assimilando o carbono? O mundo vegetal. De repente cresceria no homem toda a vegetação — haveria possibilidade para isso. Com efeito, o que observamos a planta fazer? Ela não respira o oxigênio com a mesma regularidade que o homem, e sim assimila o gás carbônico. De dia é ávida por gás carbônico, liberando oxigênio. Seria ruim se não o fizesse; nós não teríamos este último, nem tampouco os animais o teriam. Mas a planta retém o carbono, transformando-o em amido e açúcar, e em tudo que contém em si; com ele estrutura todo o seu organismo. O mundo vegetal surge justamente pelo fato de as plantas se estrutura rem a partir do carbono que segregam por meio de sua assimilação do gás carbônico. Observando o mundo vegetal, constata-se que este écarbono metamorfoseado, segregado do processo de assimilação que corresponde ao processo respiratório humano. A planta também respira um pouco, porém diferentemente do homem. Só uma observação superficial diz que a planta também respira. É verdade que ela respira um pouco, especialmente à noite; mas é como se alguém dissesse: “Eis uma navalha — vou cortar carne com ela.” Nas plantas o processo respiratório é diferente do que nos homens e nos animais, tal como a navalha é um tanto diversa de uma faca de mesa. Ao processo respiratório no homem corresponde, nas plantas, o processo inverso, o processo de assimilação.

Os Senhores compreenderão, portanto, que se continuassem em si o processo pelo qual surgiu o gás carbônico, isto é, se o oxigênio fosse eliminado e o gás carbônico transformado em carbono, tal como a Natureza faz lá fora para tal disporiam também das substâncias em si próprios —, então poderiam fazer nascer em si toda a vegetação. Poderiam repentinamente despontar como mundo vegetal, que surgiria simultaneamente ao seu desaparecimento como homens. Existe de fato, no homem, a capacidade de produzir continuamente um mundo vegetal; só que ele não deixa isso acontecer. Seu sistema do tronco tem uma forte tendência a produzir constantemente o mundo vegetal.

A cabeça e os membros não permitem que isso aconteça, fazendo-lhe oposição. E assim o homem expele o gás carbônico, não deixando surgir em si o reino vegetal. Deixa que este surja lá fora, a partir do gás carbonico.

Constitui uma curiosa inter-relação entre o sistema toráxico-abdominal e ambiente físico-sensório o fato de haver lá fora o reino dos vegetais, e de o homem estar continuamente coagido, para não se tornar planta, a não tolerar em si o processo vegetal, enviando-o para o exterior assim que surge. Poderíamos, pois, dizer que em relação ao sistema do tronco o homem está na situação de criar o anti-reino vegetal. Imaginando-se o reino vegetal como positivo, o homem produz o negativo desse reino — de certa forma, um reino vegetal invertido.

Que sucede, pois, quando o reino vegetal principia a desempenhar-se mal dentro do homem, sendo que a cabeça e os membros não possuem a força para destruir logo seu aparecimento, eliminá-lo? O homem fica doente! No fundo, as doenças internas oriundas do sistema toráxico-abdominal consistem no fato de o homem estar muito fraco para inibir imediatamente a vegetabilidade nascente nele. Tão logo nasce em nós um mínimo sequer de tendência ao vegetal, caso não estejamos em condições de cuidar para que esta saia e estabeleça seu reino no exterior, ficamos doentes. De forma que é mister buscar a natureza dos processos patológicos no fato de vegetais começarem a crescer no homem. Naturalmente não se tornam plantas, porque afinal o interior humano não constitui nenhum ambiente adequado ao lírio. Mas, por uma fraqueza dos demais sistemas, pode surgir a tendência ao nascimento do reino vegetal, e então a pessoa fica doente. Por isso, prestando atenção a todo o ambiente vegetal do nosso derredor humano, devemos concluir que, em certo sentido, temos no ambiente vegetal também as imagens de todas as nossas doenças. Este é o curioso mistério na relação do homem com o mundo natural: ele não apenas, como já indicamos em outras oportunidades, deve ver nas plantas imagens de sua evolução até à puberdade, mas também as imagens de seus processos patológicos, especialmente quando essas plantas são aptas a frutificar. Isto é algo que talvez o homem não goste de ouvir, pois obviamente ama o mundo vegetal em seu aspecto estético e, quando este desenvolve sua essência fora dele, tem razão quanto a essa estética. Mas no momento em que o mundo vegetal quer desenvolver-se dentro do homem, vegetalizando-o, aquilo que atua no mundo vegetal belamente colorido torna-se patogênico no homem. A medicina se tornará uma ciência quando comparar cada doença com alguma forma do mundo vegetal. Uma vez expirado o gás carbônico, no fundo o homem está expirando continuamente, em favor de sua própria existência, o mundo vegetal que nele quer nascer. Por isso não é de causar admiração que, começando a planta a ultrapassar sua existência habitual e a produzir venenos, esses venenos também se relacionem com os processos salutares e patológicos do homem. Mas isto também se relaciona com os processos normais de nutrição.

A nutrição, que também se realiza no sistema toráxico-abdominal — tal qual, ao menos quanto ao ponto de partida, o processo respiratório —, deve ser considerada de forma bem semelhante à respiração. Pela alimentação o homem assimila também as substâncias de seu derredor, porém não as deixando ficar como são, e sim transformando-as. Ele as transforma justamente com a ajuda do oxigênio da respiração. Após transformadas pelo homem, as substâncias assimiladas pela alimentação unem-se ao oxigênio. Isto se assemelha a um processo de combustão, parecendo como se o homem ardesse continuamente em seu interior. Também a ciência natural afirma muitas vezes que no homem atua um processo de combustão — mas não é verdade. O que sucede no homem não é, nenhum processo combustivo real, mas um processo combustivo — observem bem isto — ao qual faltam o início e o fim. É simplesmente a etapa mediana do processo de combustão, carecendo de começo e fim. No corpo humano nunca deve ocorrer começo e fim do processo combustivo, mas apenas sua fase mediana. É nocivo ao homem quando em seu organismo se realizam as etapas primordiais de um processo combustivo como a maturação de frutos —por exemplo, quando ele come uma fruta verde. Esse

processo inicial, semelhante à combustão, o homem não pode perfazer. Isto não lhe é inerente, e o faz adoecer. E se ele é capaz de comer muitas frutas verdes, tal como por exemplo os fortes camponeses, então deve ter muita, muita afinidade com a Natureza em redor para poder digerir maçãs e pêras imaturas como digere frutos já amadurecidos ao sol. Portanto, ele só pode acompanhar o processo do meio. De todos os processos combustivos o homem só pode, no decorrer da nutrição, perfazer a etapa mediana. Se o processo atinge seu final, levando a fruta por exemplo a apodrecer, o homem não pode mais acompanhá-lo. Portanto, ele não deve participar do final, e sim eliminar a substância alimentar antes disso. De fato ele não realiza os processos naturais tal como estes se desenrolam no meio ambiente, e sim apenas a fase mediana; não lhe é dado consumar o início e o fim.

E agora vemos algo altamente digno de nota. Observem a respiração. Esta é o oposto de tudo que ocorre lá fora no mundo vegetal. É, de certa forma, o anti-reino vegetal, ligando-se interiormente com o processo da alimentação, que por sua vez é uma fase mediana do processo que ocorre lá fora. Vejam, em nosso sistema toráxico-abdominal vivem duas coisas: esse processo antivegetal, que aí se desenrola pela respiração, atua sempre em conjunto com a fase mediana do processo natural exterior. Ambos se interpenetram, e — vejam os Senhores —aí se relacionam a alma e o corpo. E aí que reside a misteriosa concexào entre alma e corpo. Enquanto o que se desenrola pelo processo respiratório se une aos restantes processos naturais, cuja realização se processa apenas em sua fase mediana, o elemento anímico, ou anti-processo vegetal, liga-se ao elemento corpóreo tornado humano, que é sempre a fase mediana do processo natural. A ciência poderá cogitar por muito tempo sobre a inter-relação entre o corpo e a alma caso não a procure na misteriosa relação entre o respirar tornado anímico e a existência tornada corporal da fase mediana dos processos naturais. Estes não nascem nem morrem no homem. Ele os deixa nascer exteriormente, e só lhes permite morrer após havê-los eliminado. O homem só se une corporalmente a uma parte central dos processos da Natureza, permeando-os de alma no processo respiratório.

Surge aqui aquela trama sutil de processos que a medicina, a higiene do futuro terá de estudar com bastante ênfase. À higiene do futuro deverá impor-se a pergunta: como é que, lá fora no Universo, interagem os diversos graus de calor? Como atua o calor no caso da passagem de um lugar mais frio para um mais quente, e vice-versa? E de que maneira aquilo que lá fora atua como processo calórico age no organismo humano, quando este se encontra inserido nesse processo? No processo vegetal exterior o homem encontra uma inter-relação entre o ar e a água. Ele deverá estudar como isto atua nele próprio quando se acha aí inserido, e assim por diante.

Com relação a tais coisas, a medicina de hoje está num ínfimo começo — mal se trata ainda de um começo. Ela atribui, por exemplo, um valor muito maior ao fato de encontrar, no caso de uma forma de doença, o agente patológico a partir do bacilo ou da bactéria. Tendoo, fica satisfeita. No entanto, cabe muito mais conhecer como é que o homem fica suscetível, num momento de sua vida, a deixar desenvolver um pouco em si um processo vegetal, de forma que os bacilos farejem aí um agradável habitat. Trata-se de mantermos nossa constituição corpórea de tal maneira que aí não haja mais qualquer ambiente agradável para toda essa proliferação vegetal; se agirmos assim, esses dominadores não poderão empreender devastações muito grandes em nós.

Resta-nos ainda a seguinte questão: como se relacionam de fato o esqueleto e os músculos com todo o processo vital humano, ao observarmos o homem em sua conexão corporal com o mundo exterior?

Vejam, chegamos a algo que os Senhores devem compreender incondicionalmente caso queiram entender o ser humano — algo que, na ciência moderna, quase não é considerado. Observem uma vez o que ocorre ao flexionarem o braço. Pela contração muscular que fiexiona o antebraço os Senhores provocam um processo totalmente mecânico. Imaginem agora que isto simplesmente ocorresse pelo fato de haverem assumido

uma posição inicial como a do primeiro desenho que segue:

0100090000038d00000002001c0000000000040000000301080005000000b02000000000
50000000c027404f806040000002e0118001c000000fb02100007000000000bc0200000000010
2022253797374656d00000000000000b4f6060000000001000000000000000192437fe040000002
d010000040000002d010000040000000201010001c000000fb02a4ff000000000000090010000000
00440002243616c6962726900000000000000000000000000000000000000000000000000000004000
0002d010100040000002d010100040000002d0101000500000009020000000020d000000320a57
0000000100040000000000f5067204200036000500000009020000000204000000 2d0100000400
00002d010000030000000000

Tensionariam em seguida uma corda (c) e a enrolariam; então esta haste realizaria este movimento (2º desenho). E um movimento totalmente maquinal. Tais movimentos os Senhores também realizam ao flexionar seu joelho e ao andar. É que no andar todo o mecanismo de seu corpo é posto em movimento, e continuamente atuam forças. São principalmente forças de alavanca, mas enfim são forças que atuam. Imaginem agora que, por um processo fotográfico sofisticado, pudessem fazer com que de um homem andando nada mais fosse fotografado além de todas as energias que ele emprega — para erguer a perna, para recolocá-la no chão, para pospor a outra. Do homem, portanto, nada seria fotografado senão as energias. Inicialmente, caso os Senhores vissem essas forças desenvolver-se, seria fotografada uma sombra, e, no andar, até mesmo um feixe de sombras. Os Amigos estão redondamente enganados ao pensar que vivem com seu eu em músculos e carne; não é aí que vivem com seu eu quando despertos, e sim principalmente nessas sombras fotografadas, nas forças por cujo intermédio seu corpo executa seus movimentos. Por mais grotesco lhes soe: ao sentar-se, os Senhores comprimem suas costas contra o espaldar da cadeira, e vivem com seu eu na energia desenvolvida nessa compressão. E ao ficar de pé, vivem na energia com a qual seus pés pressionam o solo. Os Senhores vivem continuamente em energias. Não é absolutamente verdade que vivemos com nosso eu em nosso corpo visível. Vivemos com nosso eu em energias. Nosso corpo visível nós apenas carregamos conosco, somente o arrastamos durante nossa vida fisica até à morte. Mas também em nosso estado de vigília vivemos meramente num corpo energético. E o que faz, afinal, esse corpo energético? Impõe-se continuamente uma tarefa singular.

Enquanto se alimentam, os Senhores ingerem também todo tipo de substâncias minerais. Mesmo não salgando em demasia sua sopa — o sal já se inclui na comida —, assimilam substâncias minerais. Possuem também a necessidade de assimilar substâncias minerais. Que fazem então com tais substâncias? Ora, seu sistema da cabeça não tem muito o que fazer com essas substâncias minerais. Tampouco seu sistema tronco-toráxico. Seu sistema motor, porém, pode; isto impede que essas substâncias minerais assumam em seu interior sua peculiar forma cristalóide. Se os Senhores não desenvolvessem as forças de seu sistema de membros, ao comer sal se transformariam num cubo salino. Seu sistema dos membros, o esqueleto e o sistema muscular têm a constante tendência a atuar contra a mineralização exercida pela Terra, isto é, a dissolver os minerais. As forças que

dissolvem os minerais no homem vêm do sistema dos membros.

Quando o processo patológico ultrapassa o simplesmente vegetativo, ou seja, quando o corpo tem a tendência a deixar começar em si não só o estado vegetal, mas também o processo mineral de cristalização, existe então uma forma mais acentuada, mais destruidora, de doença como, por exemplo, o diabetes. Então o corpo humano não está em condições de realmente dissolver, a partir da força de seus membros recebida do Universo, o mineral que ele deve estar continuamente dissolvendo. E se hoje os homens não podem dominar justamente aquelas formas de doenças resultantes de mineralizações patológicas no corpo humano, isto resulta muitas vezes do fato de não podermos empregar suficientemente os antídotos que, contra essas enfermidades, deveríamos todos obter dos conjuntos dos órgàos sensoriais ou do cérebro, dos condutores nervosos e similares. Deveríamos empregar de certa forma as pseudo-substâncias — denomino-as assim por certos motivos — existentes nos órgãos sensoriais, no cérebro e nos nervos, essa matéria em decomposição, para dominar doenças tais como gota, diabetes e semelhantes. Neste âmbito só poderá ser alcançado o que é realmente salutar para a Humanidade quando for totalmente discernida a relação do homem com a Natureza, do ponto de vista que hoje lhes propiciei.

Não se pode explicar o corpo do homem de outra maneira a não ser conhecendo primeiramente seus processos — sabendo-se que o homem deve dissolver em si o mineral, inverter em si o reino vegetal e superar em si o reino animal, espiritualizando-o. E tudo que o professor deve saber sobre o desenvolvimento corpóreo tem por fundamento uma observação antropológica, antroposófica tal como lhes expus aqui.

DÉCIMA TERCEIRA CONFERÊNCIA
4 de setembro de 1919

Podemos compreender o ser humano em seu relacionamento com o mundo exterior, chegando a discernir como devemos tratar a criança no que tange a esse seu relacionamento, quando nos baseamos em critérios como os que adquirimos nestas conferências. Trata-se apenas de aplicar adequadamente esses critérios à vida. Ponderem os Senhores que devemos considerar justamente um dúplice comportamento do homem em relação ao mundo exterior o fato de podermos dizer que a configuração do homem-membros é bem oposto à do homem-cabeça.

0100090000038d00000002001c0000000000040000000301080005000000b0200000000050000
000c027404f806040000002e0118001c000000fb021000070000000000bc020000000001020222
53797374656d00000000000000b4f6060000000001000000000000000192437fe040000002d0100
00040000002d01000004000000020101001c000000fb02a4ff0000000000009001000000000440
002243616c6962726900000000000000000000000000000000000000000000000000000040000002d
010100040000002d010100040000002d0101000500000009020000000020d000000320a5700000
0010004000000000f5067204200036000500000009020000000204000000 2d010000040000002
d010000030000000000

Devemos assumir a difícil idéia de que só compreendemos as formas do homem-

membros imaginando que as formas da cabeça sejam viradas do avesso, como uma luva ou uma meia. O que com isto se revela é de grande importância em toda a vida do homem.

Desenhando isso esquematicamente, podemos dizer que a forma da cabeça é moldada de tal maneira que parece pressionada de dentro para fora, como que por inchaço. Pensando nos membros do homem, podemos imaginar que sejam pressionados de fora para dentro, pela inversão — isto significa muito na vida do ser humano — na fronte. Tenham presente que seu íntimo humano flui, partindo de dentro, para sua fronte. Observem a superfície interna de suas mãos e de seus pés: sobre elas é exercida continuamente uma espécie de pressão igual à que é exercida de dentro sobre sua fronte, só que na direção oposta. Quando, pois, os Senhores estendem as palmas das mãos ao mundo, quando impõem as plantas dos pés no solo, através destas flui do exterior a mesma coisa que flui do interior contra a fronte. Este é um fato extraordinariamente importante, por permitir-nos constatar como o anímico-espiritual está disposto no homem. Esse anímico-espiritual —como os Senhores vêem — é uma corrente, e como tal atravessa realmente o homem.

E o que, então, é o homem frente a esse anímico-espiritual? Imaginem que uma corrente de água avance e seja detida por uma barragem, de forma que estanque e reflua. É assim que o anímico-espiritual jorra para o homem, que para ele é um dique anímico-espiritual. Ele gostaria realmente de percorrer o homem sem entraves, mas este o detém e o retarda, represando-o em si. Ora, na verdade esse efeito que designei por corrente é bastante curioso. Mencionei-lhes essa ação do anímico-espiritual que percorre o homem como sendo uma corrente, mas o que é esta realmente, diante da corporalidade exterior? É uma contínua sucção do homem.

O homem está diante do mundo. O anímico-espiritual tenciona continuamente sugá-lo. Por isso é que estamos constantemente desfolhando, escamando. E quando o espírito não é suficientemente forte, temos de eliminar porções, como por exemplo as unhas, porque o espírito, vindo de fora, quer destruí-las por sucção. Ele destrói tudo, e o corpo detém essa destruição exercida pelo espírito. E no homem é preciso ser criado um equilíbrio entre o anímico-espiritual destruidor e a ação sempre construtiva do corpo. Intercalado nessa corrente está o sistema toráxico-abdominal. É este o sistema que se lança contra a destruição do anímico-espiritual penetrante, e que por si próprio permeia o homem com substâncias materiais. Mas disto se vê que os membros do homem, que se estendem para além do sistema toráxico-abdominal, são realmente também o elemento mais espiritual, pois neles é que menos se realiza o processo produtor de matéria. Somente os processos metabólicos enviados do sistema toráxico-abdominal para os membros é que fazem destes algo material. Nossos membros são espirituais em alto grau, e são eles que consomem nosso corpo ao movimentar-se. E o corpo precisa desenvolver em si aquilo a que o homem está realmente predisposto desde seu nascimento. Se os membros se movem muito pouco, ou inadequadamente, não consomem suficientemente o corpo. O sistema toráxico-abdominal fica então na feliz situação — feliz para ele — de não ser suficientemente consumido pelos membros. O que conserva de sobejo ele aplica na produção de materialidade excessiva no homem. Essa materialidade excessiva permeia então aquilo que está predisposto no homem desde seu nascimento — o que, portanto, ele realmente deveria possuir de corporalidade por ter nascido como ser anímico-espiritual. Permeia aquilo que ele deveria possuir com algo que não deveria possuir, com o que ele só possui materialmente como homem terreno, e que não está, no verdadeiro sentido da palavra, predisposto no sentido anímico-espiritual: permeia-o cada vez mais com gordura. Quando, porém, essa gordura é armazenada no homem de maneira anormal, opõe-se demasiadamente ao processo anímico-espiritual que penetra como processo de sucção, como um processo consumidor, dificultando-lhe o acesso ao sistema da cabeça. Por isto não é correto permitir às crianças que assimilem muita alimentação lipógena: isto faz com que sua cabeça seja desmembrada do anímico-espiritual, pois a gordura se deposita no caminho do anímico-espiritual, e a cabeça se torna vazia. Trata-se de desenvolver o tato

para agir de acordo com toda a situação social da criança, para que esta não se torne de fato muito gorda. Mais tarde, na vida, engordar depende de toda espécie de outras coisas, mas na infância sempre se tem nas mãos, em casos de crianças de constituição especialmente débil — não aquelas com desenvolvimento anormal —, que por serem fracas engordam com facilidade mas são normalmente desenvolvidas, a possibilidade de ajudar a combater uma grande tendência a engordar.

Mas diante dessas coisas não se terá a correta responsabilidade se a elas não for atribuída toda a sua grande importância, se não se reconhecer que ao permitir à criança acumular muita gordura estamos perturbando o processo cósmico que prevê para o homem algo que ele expressa fazendo com que seu elemento anímico-espiritual o percorra. Perturba-se, de fato, o afã do processo cósmico quando se deixa a criança engordar demais.

Ora, nessa parte superior do homem, na cabeça, ocorre algo altamente notável: quando tudo que é anímico-espiritual é detido, este reflui de volta como a água ao chegar a uma barragem. Isto significa que a matéria trazida pelo anímico-espiritual reflui, como a areia do Mississipi, dentro do cérebro, de forma que neste existem correntes que se rebatem, represando-se aí o anímico-espiritual. E no refluxo do elemento material a matéria está sempre entrando em colapso no cérebro. E quando a matéria ainda permeada de vida entra em colapso, como lhes descrevi, surge então o nervo. O nervo surge sempre que a matéria, atravessando a vida sob o impulso do espírito, entra em colapso e perece dentro do organismo vivo. Por isto o nervo é matéria morta dentro do organismo vivente, de forma que a vida se desloca, detém-se em si mesma, desintegra matéria, sucumbe. Assim surgem no homem canais direcionados para toda parte, preenchidos por matéria morta, os nervos; aí então o anímico-espiritual pode refluir de volta no homem. Ao longo dos nervos ele o percorre, porque necessita de matéria decomposta. Faz a matéria decompor-se na superfície do homem, levando-a a descamar. Esse anímico-espiritual só se permite preencher o homem quando neste a matéria primeiramente perece. É ao longo dos condutos nervosos materialmente mortos que se move, no íntimo, o anímico-espiritual do homem.

É desta forma que se distingue a maneira como o anímico-espiritual realmente trabalha no homem. Pode-se vê-lo introduzindo-se de fora, desenvolvendo uma atividade de sucção e consumo. Pode-se vê-lo penetrar e como é detido, como reflui, como aniquila a matéria. Vê-se como a matéria se desagrega dos nervos e com isto o anímico-espiritual pode agora chegar também até a pele, de dentro para fora, preparando ele próprio o caminho que percorre. Pois aquilo que vive organicamente o anímico-espiritual não atravessa.

Ora, como é que os Senhores podem imaginar o orgânico, o vivo? Podem imaginá-lo como algo que assimila o anímico-espiritual e não o deixa passar através. O morto, material, mineral os Senhores podem imaginar como algo que permite a passagem do anímico-espiritual, de modo que podem obter uma espécie de definição do corpóreo-vivente e uma definição do ósseo-nervoso, bem como principalmente do mineral-material: o orgânico-vivente é impermeável ao espírito; o fisicomorto é permeável a ele. "O sangue é uma seiva muito especial", pois está para o espírito assim como a matéria opaca está para a luz; não deixa o espírito atravessá-lo, conservando-o em si. A substância nervosa também é, na verdade, uma substância bastante especial. Ela é como vidro transparente diante da luz. Tal como o vidro transparente deixa a luz passar, assim a substância fisico-material, inclusive a substância nervosa, dá passagem ao espírito.

Vejam, aí têm os Senhores a diferença entre as duas partes constitutivas do homem: o que nele é mineral, sendo permeável ao espírito, e o que nele é mais animal, mais orgânico-vivente, detendo o espírito nele, fazendo o espírito engendrar as formas que plasmam o organismo.

Ora, disso resulta todo tipo de coisas para a maneira de tratar o ser humano. Quando este, digamos, trabalhando corporalmente movimenta seus membros, isto significa que

está nadando totalmente submerso no espírito. Este não é o espírito que se deteve dentro dele; é o espírito que se encontra lá fora. Seja cortando lenha, seja andando — basta que os Senhores movimentem seus membros para um trabalho útil ou inútil, estão continuamente patinhando no espírito, estão sempre lidando com o espírito. Isto é muito importante. E mais importante ainda é questionar: ora, que sucede quando laboramos espiritualmente quando pensamos ou lemos, ou algo assim? Pois bem, aí lidamos com o anímico-espiritual que está dentro de nós. Aí não somos nós que patinhamos com nossos membros no espírito — aí o anímico-espiritual trabalha em nós e se serve continuamente de nosso elemento corpóreo, ou seja, exprime-se totalmente em nós num processo físico-corpóreo. Aí dentro, mediante esse represamento, a matéria é constantemente repelida. Durante o trabalho espiritual, nosso corpo está numa atividade excessiva; durante o trabalho corporal, ao contrário, é o espírito que se encontra num excesso de atividade. Não podemos trabalhar anímico-espiritualmente sem que estejamos continuamente acompanhando no íntimo, com nosso corpo, esse trabalho. Quando trabalhamos corporalmente, no máximo nosso anímico-espiritual participa interiormente ao darmos direção ao andar, ao atuarmos de maneira orientada pelo pensamento; o anímico-espiritual de fora, porém, participa. Nós trabalhamos continuamente para dentro do espírito do Universo. Unimo-nos continuamente a ele ao trabalhar corporalmente. Trabalho corpóreo é espiritual, trabalho espiritual é corpóreo, junto ao homem e dentro dele. É preciso assimilar e compreender este paradoxo de o trabalho corpóreo ser espiritual e o trabalho espiritual ser corpóreo no homem e junto ao homem. O espírito nos banha enquanto trabalhamos corporalmente. A matéria em nós está ativa enquanto trabalhamos espiritualmente.

É preciso saber essas coisas quando se quer pensar compreensivamente sobre o trabalho, seja este espiritual ou corporal, e sobre recuperação e cansaço. Não se pode pensar claramente sobre trabalho, recuperação e cansaço quando não se discerne de maneira realmente nítida o que acabamos de tratar. Ora, imaginem que um homem trabalhe demais com seus membros, que trabalhe demais corporalmente — qual será a conseqüência disto? Isto o leva a uma afinidade muito grande com o espírito. O espírito o banha continuamente quando ele trabalha com o corpo. Em conseqüência, o espírito ganha um poder muito grande sobre o homem — o espírito que de fora se aproxima dele. Tornamo-nos muito espirituais quando trabalhamos corporalmente em demasia. Tornamo-nos muito espirituais a partir de fora. O resultado é que temos de entregar-nos por muito tempo ao espírito, isto é, precisamos dormir muito. Se trabalhamos corporalmente em demasia, temos de dormir por muito tempo. E um sono muito prolongado estimula novamente e com vigor a atividade corpórea, que provém do sistema toráxico-abdominal, e não do sistema da cabeça. Essa atividade provoca uma forte movimentação vital, e tornamo-nos muito febris, muito quentes. O sangue circula demais em nós, não podente ser elaborado em sua atividade no corpo quando dormimos em excesso. Produzimos, portanto, a vontade de dormir demais em conseqüência de trabalho físico excessivo.

Mas os preguiçosos gostam tanto de dormir, e dormem bastante; de onde vem isso? Vem do fato de o homem não poder de forma alguma deixar o trabalho. Ele não pode fazer isso. O preguiçoso tem seu sono não por trabalhar muito pouco, pois também precisa movimentar suas pernas o dia inteiro, e de alguma forma gesticula com seus braços. Ele também faz algo, o preguiçoso; na verdade, observado de fora, ele não faz menos que o diligente — porém o faz sem sentido. O diligente se volta para o mundo exterior, ligando sua atividade a um sentido. E esta é a diferença. Pôr-se em ação insensatamente, como faz o preguiçoso, induz mais ao sono do que ativar-se com pleno propósito. É que esta última atitude não apenas nos faz patinhar pelo espírito; movimentando-nos com pleno sentido em nosso trabalho, atraímos pouco a pouco o espírito para dentro de nós. Ao estender a mão para um trabalho coerente, unimo-nos ao espírito, e este, por sua vez, não precisa trabalhar muito no sono de maneira inconsciente, porque trabalhamos com ele conscientemente. Não se trata, portanto, de o homem ser ativo, pois isto também o é o

preguiçoso, mas sim do quanto o homem é coerentemente ativo. Coerentemente ativo — estas palavras devem impregnar-nos enquanto nos tornamos educadores de crianças. Quando é que a pessoa atua sem sentido? Quando age apenas conforme seu corpo exige. Ela é coerentemente ativa quando age conforme a exigência de seu ambiente, e não simplesmente de seu corpo. Temos de levar isto em conta no caso da criança. Podemos, de um lado, conduzir a atividade corpórea exterior da criança cada vez mais para o que simplesmente reside no corpo — para a ginástica fisiológica, quando simplesmente perguntamos ao corpo: que movimentos devemos levar a efeito? E podemos conduzir a movimentação externa da criança a movimentos plenos de sentido, impregnados de propósitos, de forma que ela não patinhe com seus movimentos no espírito, mas siga-o em suas direções. Então estaremos desenvolvendo os movimentos corporais em direção à eurritmia. Quanto mais provocamos uma ginástica meramente corporal, mais conduzimos a criança a cultivar uma excessiva vontade de dormir, uma excessiva tendência à obesidade. Quanto mais provocarmos uma oscilação entre o corpóreo — que naturalmente não podemos negligenciar de todo, porque o homem deve viver no ritmo — e a coerente impregnação dos movimentos como na eurritmia, onde cada movimento exprime um som, onde cada movimento tem um sentido, quanto mais fizermos alternar a ginástica com a eurritmia, mais estaremos provocando uma sintonia entre a necessidade de sono e de vigília, e mais normal manteremos também a vida da criança a partir do lado da vontade, do lado exterior. O fato de havermos tornado também a ginástica gradualmente sem sentido, fazendo dela uma atividade que simplesmente segue o corpo, foi um sintoma da época materialista. O fato de querermos alçá-la a um esporte, no qual não apenas fazemos executar movimentos sem sentido, sem significado, extraídos simplesmente do corpo, mas ainda lhe atribuímos o contra-senso, o anti-sentido, isto corresponde à pretensão de reduzir o homem não apenas a um ser que pensa materialmente, mas a um ser com sensações embrutecidas. A atividade esportiva exagerada é darwinismo prático. O darwinismo teórico significa afirmar que o homem descende do animal. O darwinismo prático é o esporte, e significa estabelecer a ética que reconduz o homem novamente ao estado animal.

É preciso dizer estas coisas, hoje em dia, desta forma radical porque o educador atual precisa entendê-las, porque ele não deve tornar-se simplesmente educador das crianças que lhe são confiadas, e sim atuar também socialmente; porque deve atingir, por sua vez, toda a Humanidade, para que não sobrevenham cada vez mais tais coisas que progressivamente deveriam animalizá-la. Isto não é falso ascetismo —é algo extraído do âmbito objetivo do discernimento real, sendo tão verdadeiro quanto qualquer outro conhecimento científico-natural.

Que ocorre, pois, com o trabalho espiritual? O trabalho espiritual, portanto o pensar, ler e assim por diante, é constantemente acompanhado de atividade físico-corpórea, de contínua degeneração interna da matéria orgânica, de perecimento dessa matéria. Portanto, enquanto nos ocupamos anímico-espiritualmente em demasia temos em nós matéria orgânica decomposta. Se passamos o dia inteiro, sem descanso, em atividade intelectual, à noite temos em nós excessiva matéria decomposta, matéria orgânica decomposta. Esta atua em nós, perturbando-nos o sono tranqüilo. O trabalho anímico-espiritual exagerado perturba tanto o sono quanto o trabalho corpóreo exagerado torna alguém sonolento. Mas quando nos esforçamos demais psicomentalmente, lendo algo difícil e tendo de pensar enquanto lemos —o que não e muito apreciado pelas pessoas de hoje —, quando, portanto, queremos ler pensando em demasia, então adormecemos. Ou quando ouvimos não o óbvio palavrório dos oradores populares ou de outra gente a dizer só o que já se sabe, mas sim aquelas pessoas cujas palavras é preciso acompanhar com o pensar, pois dizem o que ainda não sabemos, então ficamos cansados e sonolentos. É conhecido o fenômeno de as pessoas, indo a conferências e concertos porque “e assim que se faz” e não estando acostumadas a compreender, pensando e sentindo, o que lhes é apresentado, dormirem ao primeiro som ou palavra. Freqüentemente elas cochilam

durante toda a conferência ou todo o concerto ao qual compareceram por obrigação ou *status*.

Aqui existe novamente uma dualidade. Assim como há uma diferença entre a atividade exterior coerente e a ocupação exterior sem sentido, também há uma diferença entre a atividade pensante e contemplativa que transcorre mecanicamente e essa mesma atividade quando acompanhada de sentimentos. Se nosso trabalho psicomental é praticado de forma que continuamente lhe dediquemos interesse, então esse interesse, essa atenção vivificam nossa atividade toráxica e não deixam os nervos se desgastarem no excesso. Quanto mais os Senhores simplesmente lêem sem esforçar-se para assimilar com profundo interesse o que foi lido, mais incentivam a degeneração de sua matéria interior. Quanto mais acompanham tudo com interesse, com calor, mais estimulam a atividade sangüínea, a manutenção vital da matéria, impedindo também que a atividade mental perturbe o sono. Quando é preciso enfrentar os exames metendo tudo na cabeça — pode-se também dizer "estudando feito um burro", de acordo com o clima — assimila-se muita coisa contrária ao interesse. Pois se alguém só assimilasse o que fosse de seu interesse — ao menos de acordo com as circunstâncias atuais —, então seria reprovado. A conseqüência é que lotar a cabeça ou "estudar feito um burro" perturba o sono, introduzindo desordem em nossa existência humana normal. Isto deve ser observado especialmente em crianças. Por isto será bem melhor, no caso de crianças, e correspoderá maximamente ao ideal da educação, se abandonarmos totalmente o acúmulo de matéria que sempre precede os exames, ou seja, se abandonarmos totalmente os exames, e se o fim do ano escolar transcorrer tal qual o início — se, como professores, assumirmos o compromisso de dizer a nós mesmos: "Para quê, afinal, a criança dever ser examinada? Eu a tive o tempo todo diante dos olhos, e sei muito bem o que ela sabe ou não sabe." Naturalmente, nas atuais circunstâncias, isto por ora só pode ser um simples ideal, e de modo geral peço-lhes não dirigir muito acentuadamente para fora sua natureza rebelde. Inicialmente dirijam aquilo que têm contra nossa atual cultura como se fossem espinhos para dentro, fazendo lentamente — pois neste âmbito só podemos atuar lentamene — com que as pessoas aprendam a pensar de outra maneira; então as condições sociais externas se tornarão diferentes do que são hoje.

Mas é preciso pensar tudo em conexão. É preciso saber que a eurritmia é uma atividade externa permeada de sentido, é uma espiritualização do trabalho físico; e que tornar o ensino interessante de forma não banal — literalmente falando — é a vivificação, a sangüínização do trabalho intelectual.

Devemos espiritualizar o trabalho para fora; temos de permear de sangue o trabalho para dentro, o trabalho intelectual! Pensem sobre estas duas frases, e verão que a primeira contém um significativo lado educacional e um significativo lado social, e que a última possui um significativo lado educacidnal e também um significativo lado higiênico.

DÉCIMA QUARTA CONFERENCIA
5 de setembro de 1919

Se considerarmos o homem da maneira como até agora fizemos para o cultivo de uma autêntica arte pedagógica, então nos ficará evidente, sob os mais variados aspectos, também sua trimembraçào corporal exterior. Distinguimos claramente entre tudo que se relaciona com a formação, a configuração da cabeça humana e o que se refere à formação do tórax e do abdome, e ainda o que tem conexão com a formação dos membros; aqui, no entanto, temos de imaginar que a formação dos membros é muito mais complicada do que se supõe habitualmente: o que está predisposto nos membros e, como vimos, está realmente estruturado de fora para dentro, continua para o interior do homem, e por isto temos de distinguir no homem aquilo que está construído de dentro para fora e o que de fora para dentro, de certa forma, está inserido no corpo humano.

Se tivermos em mente essa trimembração do corpo humano, então se nos tornará bastante nítido como a parte superior, a cabeça do homem, já é um homem completo, um homem inteiro destacado da espécie animal.

Na cabeça temos a cabeça propriamente dita. Temos na cabeça o tronco: trata-se de tudo que pertence ao nariz. E temos na cabeça a parte dos membros, que se prolonga até a cavidade do corpo: tudo que circunda a boca. Podemos, assim, ver como na cabeça humana esta presente o homem todo. Só que o tórax da cabeça já está atrofiado a ponto de tudo que pertence ao nariz de certa forma só permitir reconhecef imprecisamente sua relação como o âmbito pulmonar. No entanto, o que pertence ao nariz se relaciona com o âmbito pulmonar. De certa maneira esse nariz humano é algo como um pulmão meta-morfoseado. Com isto também transforma o processo respiratório de maneira a desenvolvê-lo mais em direção ao físico. O fato de os Senhores talvez considerarem os pulmões menos espirituais que o nariz constitui um erro. O pulmão é construído artisticamente. É mais permeado pelo espiritual — ao menos pelo anímico — do que o nariz, que de fato, quando se compreende corretamente o assunto, projeta-se com grande impudicícia da face humana, enquanto os pulmões, apesar de mais anímicos que o nariz, escondem-se mais pudicamente.

Ligado a tudo que pertence ao metabolismo, à digestão e à alimentação, prosseguindo para dentro do homem a partir das forças dos membros, está o contexto da boca, que de fato não pode renegar seu parentesco com a alimentação e com o âmbito motor. Assim, a parte superior do homem, a cabeça, constitui um homem completo, só que aí o que não é cabeça se encontra atrofiado. O tórax e o abdome estão presentes na cabeça, porém atrofiadamente.

Quando em oposição a isto consideramos o homem-membros, em tudo que este nos apresenta exteriormente como configuração se evidencia, essencialmente, a transformação de ambas as maxilas do homem — a superior e a inferior. O que a boca encerra embaixo e em cima é, embora atrofiado, aquilo que constitui pernas e pés, braços e mãos. Basta pensarmos nas coisas corretamente situadas. Ora, os Senhores podem dizer que, imaginando serem seus braços e mãos como maxilas superiores e suas pernas e pés como maxilas inferiores, teriam de questionar: — Pois bem, para onde aponta o que se exprime nessas maxilas? Onde se realiza, afinal, a mordida? Onde fica, enfim, a boca? — E aí têm de lançar a resposta: no local onde o braço se anexa ao corpo, no local onde a coxa, o fêmur se anexa ao corpo. De maneira que, se quiserem imaginar que a presente figura seja o tronco humano, devem supor que em algum lugar lá fora esteja a autêntica cabeça;

0100090000038d00000002001c0000000000040000000301080005000000b02000000000
50000000c027404f806040000002e0118001c000000fb02100007000000000bc0200000000010
2022253797374656d00000000000000b4f606000000000100000000000000192437fe040000002
d010000040000002d010000040000000201010 01c000000fb02a4ff000000000000090010000000
00440002243616c6962726900000000000000000000000000000000000000000000000000004000

0002d010100040000002d010100040000002d01010005000000090200000020d000000320a57
0000000100040000000000f5067204200036000500000009020000000204000002d0100000400
00002d010000030000000000

esta abre a boca em direção à parte superior e à inferior, de forma que os Senhores podem imaginar uma curiosa tendência dessa cabeça invisível, que abre suas mandíbulas em direção a seu tórax e a seu abdome.

Que faz, afinal, essa cabeça invisível? Ela nos devora continuamente, escancara sua boca contra nós. E aqui temos, na figura exterior, uma maravilhosa imagem da realidade objetiva. Enquanto a verdadeira cabeça do homem é uma cabeça corpóreo-material, aquela pertencente aos membros é a cabeça espiritual. Torna-se, porém, um pouquinho material, para poçler consumir constantemente o homem. E na morte, quando o homem perece, ela o terá consumido totalmente. E este, de fato, o maravilhoso processo nossos membros serem construídos de forma a consumir-nos continuamente. Estamos incessantemente entrando com nosso organismo na boca escancarada de nossa espiritualidade. O espiritual exige constantemente de nós o sacrificio de nossa entrega. E também na formação de nosso corpo está expresso esse saerificio de nossa entrega. Não compreendemos a figura humana quando não encontramos esse sacrífício já expresso na relação dos membros humanos com o resto do corpo humano. Sendo assim, podemos dizer que as naturezas da cabeça e dos membros são contrárias, e a natureza do tórax ou do abdome, situada no meio, mantém certo sentido e equilíbrio entre esses dois opostos.

No tórax do homem existe, de fato, tanto a natureza da cabeça quanto a dos membros. Ambas se mesclam na natureza toráxica. O tórax tem, em direção ascendente, a contínua disposição para tomar-se cabeça, e em direção descendente a disposição para integrar-se aos membros estendidos, ao mundo exterior — portanto, em outras palavras, para tornar-se natureza dos membros. A parte superior da natureza toráxica tem a contínua tendência a tomar-se cabeça; a parte inferior, a tomar-se homem-membros. Portanto, a parte superior do tronco humano quer continuamente tomar-se cabeça, só que não o pode. A outra cabeça impede-lhe isto. Sendo assim, apenas está sempre produzindo uma imagem da cabeça — poder-se-ia dizer, algo que constitui o começo da formação da cabeça. Acaso não podemos reconhecer claramente como, na parte superior do tórax, realiza-se o germe para a formação da cabeça? Aí se situa a laringe, denominada Kehlkopf[a] com base na linguagem popular. A laringe do homem é efetivamente uma cabeça atrofiada — uma cabeça que não pode vir a sê-lo totalmente e que, por isto, extravasa sua natureza cefálica na fala humana. A fala humana é a tentativa da laringe, empreendida continuamente no ar, de tornar-se cabeça. Quando a laringe tenta tomar-se a parte superior da cabeça, vêm à tona aqueles sons que demonstram nitidamente serem retidos com extremo vigor pela natureza humana. Quando a laringe humana tenta tornar-se nariz, não o consegue por ser impedida pelo nariz verdadeiro, porém lança ao ar a tentativa de tomar-se nariz por meio de sons nasais. O nariz autêntico detém, portanto, nos sons nasais o nariz aéreo que quer surgir. É extraordinariamente significativo como o homem, ao falar, faz constantemente no ar a tentativa de produzir fragmentos de uma cabeça, e como esses fragmentos prosseguem em movimentos ondulantes que se detêm junto à cabeça fisicamente constituída. Eis em que consiste a fala humana.

Não é, pois, de admirar que no momento em que a cabeça de certa forma se tornou corporalmente pronta com a troca da dentição, por volta dos sete anos, haja surgido a oportunidade de permear a cabeça anímica, expelida da laringe, com uma espécie de sistema ósseo. Só que precisa ser um sistema ósseo anímico. Isso nós fazemos não ao simplesmente desenvolvermos a linguagem de maneira inculta pela imitação, mas quando persistimos em desenvolver a linguagem por meio do elemento gramatical. Tenhamos

a Palavra alemã composta de *Kehl* (garganta) e *Kopf* (cabeça), traduzindo-se literalmente por "cabeça da garganta". (N.T.)

pois, meus queridos amigos, a consciência de que, ao recebermos a criança na escola, temos de exercer animicamente, junto a ela, uma atividade semelhante à que o corpo exerceu ao implantar a segunda dentição nesse organismo! Assim fixamos, mas apenas animicamente, a formação da linguagem ao ministrarmos racionalmente o elemento gramatical — aquilo que a partir da linguagem interfere na escrita e na leitura. Obteremos a correta relação afetiva para com a linguagem humana quando soubermos que as palavras formadas pelo homem estão, na verdade, dispostas a tornar-se cabeça.

Ora, tal como o tronco humano tem, no sentido ascendente, a tendência a tornar-se cabeça, no sentido descendente tende a tornar-se membros. Tal como o que emana da laringe como linguagem é uma cabeça refinada, uma cabeça que permaneceu aérea, tudo que parte do tronco para baixo, organizando-se em direção aos membros, é natureza motora embrutecida. Natureza motora condensada, embrutecida é o que o mundo exterior, de certa forma, impele para dentro do homem. E quando um dia a ciência natural chegar a descobrir o mistério de como as mãos e os pés, os braços e as pernas são embrutecidos e mais inseridos no homem do que protuberantes, então terá descoberto o segredo da sexualidade. E só então o homem encontrará o tom correto para falar sobre tal assunto. Não é, pois, de admirar que todo o palavreado investido sobre a maneira como deve ser cultivada a educação sexual careça bastante de essência. Pois não se pode esclarecer bem o que não se compreende por si próprio. O que a ciência da atualidade não entende em absoluto é aquilo que é apenas indicado quando se caracteriza o homem-membros em relação com o homem-tronco da maneira como acabo de fazer. Porém é preciso saber que, tal como nos primeiros anos escolares, de certa forma, se introduziu no anímico o que penetrou na natureza dentária antes dos sete anos de vida, assim se introduziu na vida anímica infantil, nos últimos anos do primeiro grau, tudo o que se origina da natureza dos membros, e que só vem à tona após a puberdade.

E tal como na capacidade de aprender a ler e escrever nos primeiros anos escolares se anuncia a dentição anímica, em toda atividade da fantasia e em tudo que é permeado de calor interno se anuncia aquilo que a alma desenvolve no final dos anos do primeiro grau a partir dos doze, treze, catorze e quinze anos. Então sobressaem com bastante ênfase todas as faculdades anímicas que precisam ser impregnadas de amor anímico interior, ou seja, aquilo que se exprime como força da fantasia. A força da fantasia — a ela devemos especialmente apelar nos últimos anos do ensino de primeiro grau. Podemos encorajar a criança, quando entra na escola aos sete anos, a desenvolver a intelectualidade aprendendo a ler e escrever, muito mais do que deixar de administrar continuamente a fantasia ao juízo que se aproxima — pois este se aproxima lentamente a partir dos doze anos. Motivando a fantasia da criança — e assim que devemos levar a ela tudo que pertence ao ensino de História, de Geografia, tudo que ela tem de aprender nesses anos.

E também apelamos de fato à fantasia quando, por exemplo, ensinamos à criança: “Veja, você viu a lente, a lente convergente, que concentra luz; você tem essa lente em seu olho. Você conhece a câmara escura, na qual são reproduzidos objetos exteriores; existe uma tal câmara escura em seu olho.” Também ao mostrarmos como o mundo exterior está disposto no organismo, por meio dos órgãos sensoriais, estamos realmente apelando à fantasia da criança. Pois o que está estruturado internamente só é visto em seu estado mortal exterior, ao ser retirado do corpo; não podemos vê-lo no corpo vivo.

Da mesma forma, todo o ensino ministrado com relação à Geometria, e mesmo com relação à Aritmética, não pode deixar de apelar à fantasia. Apelamos à fantasia quando nos esforçamos sempre, tal como tentamos fazer na parte prático-didática, por não apenas tornar as superfícies compreensíveis ao intelecto da criança, mas tornar a natureza da superfície realmente tão compreensível que a criança tenha de aplicar sua fantasia mesmo na Geometria e na Aritmética. Por isto eu disse que me admirava de ninguém haver chegado a explicar o teorema da Pitágoras dizendo: “Suponhamos que haja ali três crianças. A primeira tem de soprar poeira suficiente para cobrir o primeiro quadrado com

ela; a segunda tem de soprar poeira para cobrir o segundo quadrado, e a terceira cobrirá o quadrado pequeno." Então se ajudaria a fantasia da criança mostrando-lhe que a superfície grande teria de ser recoberta com tanta poeira que a poeira da superfície menor e a da superfície seguinte somassem a poeira contida na primeira superfície. Então a criança introduziria sua capacidade de compreensão — embora não com precisão matemática, porém com configuração plena de fantasia — na poeira soprada. Ela acompanharia a superfície com sua fantasia. Com esta compreenderia o teorema de Pitágoras por meio da poeira voando e assentando, que teria ainda de ser soprada de forma quadrangular — naturalmente isto não pode ocorrer na realidade: a fantasia tem de esforçar-se.

Assim, é preciso levar continuamente em conta que especialmente nesses anos é mister desenvolver de forma motivadora aquilo que, dando nascimento à fantasia, passa do professor ao aluno. O professor deve manter a matéria do ensino viva dentro de si próprio, deve permeá-la de fantasia. Não se pode fazê-lo a não ser impregnando-a de vontade ligada a sentimento. As vezes isto atua ainda em anos posteriores, de maneira bastante peculiar. O que deve ser intensificado nos últimos anos do primeiro grau, e que se reveste de especial importância, é a convivência, a vida toda harmoniosa entre o professor e os alunos. Por isso não será bom professor de primeiro grau aquele que não se esforçar sempre mais por estruturar com bastante fantasia sua matéria de ensino, e de maneira sempre nova. Pois de fato é assim que acontece: quando depois de anos se ministra novamente o que uma vez se estruturou repleto de fantasia, o assunto congelou intelectualmente. A fantasia deve ser necessariamente mantida viva, do contrário seus resultados congelarão intelectualmente.

Isto, porém, lança uma luz sobre a maneira como o próprio professor deve ser. Em nenhum momento de sua vida ele pode azedar. E existem dois conceitos incompatíveis quando se pretende fazer a vida progredir: magistério e pedantismo. Se alguma vez na vida o magistério e o pedantismo se encontrassem, esse casamento traria uma desgraça maior do que em qualquer outra circunstância na vida poderia surgir. Não creio que se tenha admitido o absurdo de alguma vez na vida o magistério e o pedantismo terem-se unido!

Disto se vê também que existe uma certa moralidade interior do ensino, uma responsabilidade íntima no ensinar. Um real e categórico imperativo para o professor! E esse imperativo categórico para o professor é o seguinte: mantenha sua fantasia viva. E se você sentir que está ficando pedante, diga então: "Para as outras pessoas o pedantismo pode ser um mal — para mim é uma perversidade, uma imoralidade!" Isto deve tornar-se convicção para o professor. Se isto não acontecer, então ele deve pensar em paulatinamente aplicar em outra profissão aquilo que assimilou para o magistério. Naturalmente estas coisas não podem ser, na vida, realizadas de acordo com o ideal pleno, porém é preciso conhecer o ideal.

Entretanto, os Senhores não obterão o correto entusiasmo por essa moral pedagógica se não se deixarem permear pelo fundamental: o conhecimento de como a cabeça em si já é um homem completo, cujos membros e tórax apenas estão atrofiados; como cada membro do homem é um homem completo, só que no homem-membros a cabeça está totalmente atrofiada e no homem-tórax a cabeça e os membros mantêm o equilíbrio. Aplicando este princípio fundamental, os Senhores receberão dele aquela força interior que poderá impregnar sua moral pedagógica com o necessário entusiasmo.

Aquilo que o homem cultiva como intelectualidade possui uma forte tendência a tornar-se preguiçosa, indolente. E atingirá o máximo da preguiça se o homem a alimentar cada vez mais apenas com idéias materialistas. Mas se tornará diligente se ele a alimentar com as idéias adquiridas do espírito. Estas, porém, nós só recebemos em nossa alma trilhando o caminho que percorre a fantasia.

Quantos vitupérios a segunda metade do século XIX lançou contra a introdução da fantasia no ensino! Na primeira metade temos figuras brilhantes como, por exemplo,

Schelling — pessoas que também na pedagogia pensaram de maneira sadia. Leiam a bela e motivadora exposição de Schelling sobre os métodos do estudo acadêmico — o que na verdade não é para o primeiro grau, e sim para o nível superior —, no qual está vivo o espírito da pedagogia da primeira metade do século XIX. No fundo, foi só na segunda metade do século que, de uma forma algo mascarada, ele foi vilipendiado, quando se rechaçava tudo que, de alguma forma, quisesse penetrar na alma humana pelo caminho da fantasia — porque as pessoas se haviam tornado covardes com relação à vida anímica, por acreditarem que, uma vez entregando-se à fantasia, cairiam imediatamente nos braços da falsidade. Não tinham a coragem de ser autônomas, de ser livres no pensar e ainda desposar a verdade em lugar da mentira. Receavam mover-se livremente no pensar, por acreditarem que logo acolheriam a inverdade em sua alma. Assim, àquilo que acabo de dizer, à impregnação de fantasia em sua matéria de ensino, o professor deve acrescentar a coragem em relação à verdade. Sem esta coragem em relação à verdade sua vontade não se desempenhará no ensino, especialmente junto às crianças crescidas. O que se desenvolve como vontade deve, por outro lado, andar *pari passu* com um forte sentimento de responsabilidade perante a verdade.

Necessidade de fantasia, sentido de verdade, sentimento de responsabilidade — eis as três forças que constituem os nervos de pedagogia. E quem desejar imbuir-se de pedagogia prescreva-se a si mesmo o seguinte lema pedagógico:

Compenetra-te com capacidade de fantasia,
tem coragem em relação à verdade,
aguça teu sentimento para a responsabilidade anímica.